

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
Centro Regional do Porto
Escola das Artes



CATÓLICA
ESCOLA DAS ARTES

PORTO

RELATÓRIO DE ESTÁGIO
"INTERVENÇÃO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO EM COLCHA
ADAMASCADA DO SÉCULO XVIII, DO ACERVO DA VENERÁVEL ORDEM
TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DO PORTO"

Mestrado em Conservação e Restauro de Bens Culturais - 2018/2019
Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto

POR
Sara Maria Guedes Rebelo

PORTO
Setembro 2019

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
Centro Regional do Porto
Escola das Artes
Mestrado em Conservação e Restauro de Bens Culturais



CATÓLICA
ESCOLA DAS ARTES

PORTO

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO
"INTERVENÇÃO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO EM COLCHA
ADAMASCADA DO SÉCULO XVIII, DO ACERVO DA VENERÁVEL
ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DO PORTO"**

Mestrado em Conservação e Restauro de Bens Culturais - 2018/2019
Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto

POR
Sara Maria Guedes Rebelo

Orientador: Prof. Doutor Gonçalo de Vasconcelos e Sousa
Coorientadora: Doutora Rita Maltieira

PORTO
Setembro 2019

AGRADECIMENTOS

A concretização e sucesso deste estágio só foram possíveis graças ao envolvimento de diversas pessoas, às quais expresso o meu agradecimento.

Ao meu orientador, Prof. Doutor Gonçalo Vasconcelos e Sousa, que proporcionou a realização do estágio na Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto, permitindo que o mesmo se desenvolvesse na área têxtil, possibilitando a aquisição de novos conhecimentos e técnicas relevantes para o exercício da profissão de conservador-restaurador.

À coorientadora, Doutora Rita Maltieira, pela sua disponibilidade e orientação ao longo do trabalho realizado, onde a reflexão e o debate foram uma constante, contribuindo para as opções de intervenção tomadas.

Um muito obrigado à Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto e todos os seus colaboradores, em especial à Dr.^a Analdina Rocha que muito contribuiu para a integração no local de trabalho, facultando a orientação na instituição, a constituição do espaço de trabalho e respetivos equipamentos, e à Doutora Maria João Sousa, pela companhia, apoio e motivação.

À Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, pela formação académica facultada, e, em particular, ao Prof. Dr. Nuno Camarneiro, pelo acompanhamento na realização das análises laboratoriais; ao Prof. Dr. Vítor Teixeira, pela bibliografia cedida; às Prof.^a Dr.^a Eduarda Vieira, Dr.^a Carla Felizardo e Prof.^a Dr.^a Maria Aguiar pela disponibilização de equipamentos e materiais.

Aos alunos do 1.º ano da licenciatura de Conservação e Restauro da UCP, pela colaboração no estudo do registo termohigrométrico de um possível local para a exposição na vertical da obra estudada e intervencionada.

Ao apoio constante, e essencial, dos pais, sem o qual não teria sido possível a minha formação.

RESUMO

O presente relatório descreve o trabalho realizado em estágio curricular, na Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto, que contemplou a intervenção numa colcha do séc. XVIII, pertencente à coleção de paramentaria da instituição; o acondicionamento da referida coleção; o estudo do registo termohigrométrico de um possível local para a exposição na vertical da obra estudada e intervencionada; a formação dos colaboradores da entidade acolhedora, no que respeita ao manuseamento e acondicionamento de têxteis.

A colcha em seda adamascada e espolinada a fio de prata dourada, encontrava-se em um estado de degradação avançado, devido à decomposição dos materiais constituintes e das condições de armazenamento desfavoráveis. Estes fatores provocaram na peça as seguintes patologias: desidratação das fibras, rutura do suporte, lacunas, quebras de união, marcas de humidade e descoloração, assim como oxidação dos elementos metálicos e o seu destacamento.

A intervenção foi precedida de uma análise prévia do estado de conservação da colcha, levantamento de patologias, planificação do restauro e aquisição dos materiais necessários ao mesmo. O processo de restauro é aqui descrito em todas as suas fases, de acordo com as necessidades da peça, e explicitados os procedimentos adotados.

O acondicionamento da peça e da coleção têxtil e respetiva metodologia adotada são também descritos e devidamente ilustrados.

Foi também efetuada uma formação de sensibilização à equipa da Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto, para os adequados acondicionamento e manuseamento da coleção de paramentaria.

Palavras-chave: Coleção de paramentaria, colcha, conservação, acondicionamento, formação.

ABSTRACT

This report describes the work carried out as a curricular internship at the Venerable Third Order of St. Francis of Porto, which included intervention on a quilt from the 18th century belonging to the institution's collection of vestments, the packing of that collection, the study of the thermohygrometric register of a possible place for the vertical exhibition of the studied and intervened piece and the awareness of the employees of the host entity, regarding the handling and packaging of textiles.

The damask silk quilt with gold-plated brocade was in an advanced state of degradation due to fibre decomposition and unfavourable storage conditions which resulted in fibre dehydration, support breakage, gaps, joining breaks, marks of moisture, discoloration, oxidation of metallic elements and their detachment.

The intervention was preceded by a previous analysis of the conservation status of the quilt, survey of pathologies, planning of restoration and acquisition of materials needed for it. The restoration process is described here in all its phases, according to the needs of the part, and the procedures adopted are explained.

The packaging of the quilt/textile collection and the adopted methodology are also described and properly illustrated.

Awareness training was also given to the team of the Venerable Third Order of St. Francis of Porto, for the proper packaging and handling of the vestments collection.

Key-words: Vestments collection, quilt, conservation, storage, awareness.

SUMÁRIO DE CONTEÚDOS

LISTA DE SIGLAS	22
1. INTRODUÇÃO	23
1.1. Objetivos	23
1.2. Área e Local de Estágio	23
1.3. Estrutura do Relatório	24
2. TAREFAS DESENVOLVIDAS E CRONOGRAMA DE ATIVIDADES	25
2.1. Tarefas Desenvolvidas no Âmbito do Estágio Curricular	25
2.2. Cronograma de Atividades	27
3. COLCHA ADAMASCADA.....	28
3.1. Pesquisas	28
3.2. Competências Desenvolvidas	28
3.3. Contexto Histórico-Artístico	29
3.3.1. Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto e a Sua Coleção de Paramentaria	
29	
3.3.	31
3.4. Identificação da Peça	31
3.4.1. Autor/Atribuição/Assinaturas/Marcas/Inscrições	32
3.4.2. Época	33
3.4.3. Descrição Estilística	35
3.4.4. Descrição Técnica	38
3.5. Exames e Análises	40
3.5.1. Documentação Fotográfica	40
3.5.2. Análises Laboratoriais	42
3.7. Estado de Conservação	45
3.6. Proposta de Tratamento	51
3.7. Tratamento Efetuado	52
3.8.1. Limpeza Mecânica	52
3.8.2. Reidratação das Fibras	54
3.8.3. Estabilização e Consolidação Estrutural	56
3.8. Acondicionamento da Colcha	59
3.9. Recomendações de Conservação Preventiva	61
3.10. Acondicionamento da Coleção	62
3.11. Formação dos Colaboradores	65
4. CONCLUSÃO	67

5. FONTES E BIBLIOGRAFIA	68
5.1. Fontes Computorizadas - Internet	68
5.2. Bibliografia	69
APÊNDICES.....	72
I. Estudo dos Valores de Temperatura e Humidade Relativa de um Possível Local para a Exposição da Peça na Vertical	72
II. Apêndice fotográfico	74
III. Apêndice - Acondicionamento da coleção de paramentaria	94
IV. Apêndice - <i>Powerpoint</i>® da Formação dos colaboradores	232
V. Apêndice - Orçamento	254
GLOSSÁRIO	256

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1: Interior da Igreja dos Terceiros de São Francisco do Porto - V.O.S.F.P. (Fonte: Facebook da V.O.S.F.P.).	24
Fig. 2: Esquema das pesquisas realizadas.	28
Fig. 3: Colcha adamascada.	31
Fig. 4: Esquema da localização do carimbo e etiqueta.	32
Fig. 5: Carimbo da V.O.T.S.F.	32
Fig. 6: Etiqueta de inventariação.	32
Fig. 7: Elementos decorativos em tecido de seda. Espanha. Séc. XVI-XVII (@Carlos Bastos).	33
Fig. 8: Elementos decorativos do veludo da época do Luís XIV. França. Meados do Séc. XVII (@Carlos Bastos).	34
Fig. 9: Elementos decorativos da faixa de Sanefa do acervo do Museu Nacional de Queluz, seda portuguesa do séc. XVIII-XIX (@MatrizNet).	34
Fig. 10: Elementos decorativos da peça intervencionada.	34
Fig. 11: Dezoito elementos de tecido adamascado do verso.	35
Fig. 12: Doze elementos de tecido vermelho no reverso.	35
Figs. 13 e 14: Junção dos desenhos no damasco e espolinado na colcha.	36
Fig. 15: Esquema do desenho do damasco.	37
Fig. 16: Esquema do desenho do espolinado dourado.	37
Figs. 17: Galão diagonal aplicado nos cantos da colcha, formando um triângulo.	37
Fig. 18: Esquema da teia e da trama do tecido.	40
Fig. 19: Imagem dos fios dourados e do tecido adamascado ampliado com um conta-fios.	41
Fig. 20: Imagem dos fios metálicos dourados do espolinado ampliado com um microscópio portátil <i>Dino-Lite</i> [®] .	41
Fig. 21: Imagem das fibras de seda do tecido adamascado ampliado no SEM-EDX.	42
Fig. 22: Local de amostragem de fios no tecido adamascado, de fios dourados e de galão.	43
Fig. 23: Local de amostragem de fios no forro vermelho.	43
Fig. 24: Presença de ouro (Au) na liga metálica.	44
Fig. 25: Presença de prata (Ag) na liga metálica.	44
Fig. 26: Presença de cobre (Cu) na liga metálica.	45
Figs. 27 e 28: Mapeamento das patologias - Quebras de uniões (amarelo), destacamento de elementos decorativos (violeta), rutura do suporte (azul escuro), lacunas (rosa), intervenções posteriores (azul), marcas de tinta (vermelho) e manchas de humidade (laranja).	46
Fig. 29: Sujidade superficial e entranhada no interior do reverso da colcha.	47
Fig. 30: Marcas de humidade no tecido adamascado.	47
Fig. 31: Marcas de tinta no tecido adamascado.	47
Fig. 32: Oxidação dos fios metálicos do galão.	48
Fig. 33: Pormenor com vinco no verso da colcha.	48
Fig. 34: Rutura de uniões dos fios metálicos do espolinado.	49
Fig. 35: Lacunas no suporte adamascado.	49
Fig. 36: Exemplo de uma das quebras de uniões existentes.	49
Fig. 37: Pormenor com várias lacunas e elementos desalinados e em destacamento.	50
Fig. 38: Pormenor de costuras de intervenções posteriores.	50
Fig. 39: Remendos de intervenções posteriores.	51

Fig. 40: Pormenor da limpeza mecânica efetuada para remoção de sujidades superficiais.	53
Fig. 41: Amostras do forro vermelho e do tecido adamascado para teste de solubilidade.	53
Fig. 42: Exerção de pressão com pesos nas amostras após a aplicação de água destilada.	54
Fig. 43: Reidratação gradual das fibras têxteis com nebulizador e água destilada.	55
Fig. 44: Realinhamento dos fios dourados com pinça.	55
Fig. 45: Planificação dos vincos e fios dourados e do galão metálico.	55
Fig. 46: Canto da seda adamascada antes da consolidação estrutural.	56
Fig. 47: Consolidação estrutural de um canto da seda adamasca com ponto de bolonha – esquema.	56
Fig. 48: Rutura do suporte antes da consolidação estrutural.	57
Fig. 49: Consolidação estrutural do forro com ponto de bolonha.	57
Figs. 50 e 51: Ponto invisível nas quebras de uniões - antes e depois da intervenção.	58
Fig. 52: Fixação dos remendos do forro com ponto espinhado – esquema.	58
Fig. 53: Aplicação do tule.	58
Fig. 54: <i>Reemay</i> ®.	59
Fig. 55: Colcha enrolada com pano-cru de algodão.	59
Fig. 56: Uso da fita de nastro para atar as extremidades.	60
Fig. 57: Etiquetagem exterior.	60
Fig. 58: Remoção da sujidade superficial da peça com trincha e aspirador.	64
Fig. 59: Colocação dos rolos de papel de seda <i>acid-free</i> nas dobras.	64
Fig. 60: Disposição da peça na gaveta com os materiais de acondicionamento renovados.	64
Fig. 61: Colocação do papel de seda <i>acid-free</i>	64
Fig. 62: Colocação de uma proteção em pano-cru de algodão.	65
Fig. 63: Etiqueta cosida com os números de inventário das peças guardadas na gaveta 15.	65
Fig. 64: Exposição teórica aos colaboradores sobre as práticas adequadas de acondicionamento e manuseamento da coleção têxtil.	66
Fig. 65: Exposição prática aos colaboradores sobre as práticas adequadas de acondicionamento e manuseamento da coleção têxtil.	66
Fig. 66: Imagem panorâmica do local expositivo.	72
Fig. 67: Local de medição da temperatura e humidade relativa com o termohigrógrafo.	73
Fig. 68: Rutura do suporte no damasco.	74
Fig. 69: Marcas de humidade.	74
Fig. 70: Oxidação da renda metálica, destacamento dos fios de seda e evidência de abrasão do suporte adamascado.	74
Fig. 71: Canto da colcha com lacunas, rutura do suporte e quebra de uniões.	75
Fig. 72: Quebra de uniões no espolinado.	75
Fig. 73: Rasgões no forro vermelho.	75
Fig. 74: Marcas de humidade no reverso.	75
Fig. 75: Intervenção posterior e lacuna.	76
Fig. 76: Remendo acrescentado posteriormente no reverso.	76
Fig. 77: Rasgão no suporte no suporte do reverso.	76
Fig. 78: Pormenor do tecido adamascado com evidente desgaste, rutura e desalinhamento de fios, assim como destacamento e desalinhamento do galão.	77
Fig. 79: Bocal do aspirador preparado com a gaze para a remoção de sujidades superficiais.	77
Fig. 80: Costura de uma intervenção posterior.	77
Fig. 81: Costura de uma intervenção posterior.	78
Fig. 82: Reidratação do suporte adamascado.	78

Fig. 83: Colocação do reforço em tecido de Poliéster®, para a consolidação estrutural do tecido adamascado.	78
Fig. 84: Realinhamento dos fios de seda da colcha.	79
Fig. 85: Colocação de alfinetes etimológicos para fixação do reforço ao tecido adamascado.	79
Fig. 86: Colocação de alfinetes etimológicos para realinhamento e consolidação do tecido adamascado,	79
Fig. 87: Realinhamento dos fios com uma pinça.	80
Fig. 88: Estado de conservação do forro vermelho no canto.	80
Fig. 89: Pormenor da costura posterior e fios quebrados e desalinados no suporte adamascado.	80
Fig. 90: Remoção da costura posterior.	81
Fig. 91: Remoção das costuras das margens da colcha.	81
Fig. 92: Colocação de alfinetes etimológicos para realinhamento do suporte adamascado.	81
Fig. 93: Consolidação estrutural do tecido adamascado através de pontos de conservação (ponto de bolonha).	82
Fig. 94: Aplicação de peso para planificar o suporte.	82
Fig. 95: Aplicação de peso para planificar o suporte.	82
Fig. 96: Colocação de alfinetes etimológicos para fixação do tecido de suporte.	83
Fig. 97: Consolidação estrutural do forro com pontos de conservação (ponto de bolonha).	83
Fig. 98: Tecidos usados na consolidação do tecido adamascado e do forro.	83
Fig. 99: Colocação de alfinetes etimológicos para consolidação do tecido de suporte.	84
Fig. 100: Colocação de alfinetes etimológicos para fixação do tecido adamascado.	84
Fig. 101: Consolidação estrutural da frente da colcha com pontos de conservação (ponto de bolonha).	84
Fig. 102: Pormenor da consolidação estrutural do forro vermelho.	85
Fig. 103: Consolidação estrutural do forro vermelho.	85
Fig. 104: Colcha finalizada com suporte de proteção em tule.	85
Fig. 105: Canto da colcha finalizada com o tule.	86
Fig. 106: Pormenor de lacuna finalizada com a proteção em tule.	86
Fig. 107: Colcha finalizada.	86
Fig. 108: Colcha finalizada (reverso).	87
Fig. 109: Imagem SEM-EDX do fio metálico dourado do galão, ampliação de 5000x.	87
Fig. 110: Imagem SEM-EDX do fio azul do tecido adamascado, ampliação de 100x.	88
Fig. 111: Imagem SEM-EDX do fio azul do tecido adamascado, ampliação de 500x.	88
Fig. 112: Imagem SEM-EDX do fio azul do tecido adamascado, ampliação de 3000x.	88
Fig. 113: Imagem SEM-EDX do fio dourado do espolinado, ampliação de 500x.	89
Fig. 114: Imagem <i>Dino-lite</i> ® do cruzamento entre a seda azul e os fios metálicos dourados.	89
Fig. 115: Imagem <i>Dino-lite</i> ® dos fios metálicos dourados do espolinado.	90
Fig. 116: Imagem <i>Dino-lite</i> ® da tecelagem do cetim adamascado.	90
Fig. 117: Imagem <i>Dino-lite</i> ® da tecelagem do tecido em tafetá vermelho.	91
Fig. 118: Imagem <i>Dino-lite</i> ® da tecelagem do cetim adamascado.	91
Fig. 119: Imagem <i>Dino-lite</i> ® da tecelagem do damasco.	92
Fig. 120: Imagem <i>Dino-lite</i> ® dos fios dourados.	92
Fig. 121: Imagem <i>Dino-lite</i> ® dos fios dourados.	93
Fig. 122: Imagem <i>Dino-lite</i> ® dos fios dourados do galão no damasco.	93
Fig. 123: Número de inventário-166.	114
Fig. 124: Número de inventário-183.	114
Fig. 125: Número de inventário-206.	115
Fig. 126: Número de inventário-207.	115

Fig. 127: Número de inventário-212.	115
Fig. 128: Número de inventário-208.	116
Fig. 129: Número de inventário-205.	116
Fig. 130: Número de inventário-211.	116
Fig. 131: Número de inventário-210.	117
Fig. 132: Número de inventário-166-A.	117
Fig. 133: Número de inventário-166-B.	117
Fig. 134: Número de inventário-88-C.	118
Fig. 135: Número de inventário-244.	118
Fig. 136: Número de inventário-263.	118
Fig. 137: Número de inventário-259.	119
Fig. 138: Número de inventário-79-D.	119
Fig. 139: Número de inventário-75-N.	119
Fig. 140: Número de inventário-75-M.	120
Fig. 141: Número de inventário-75-O.	120
Fig. 142: Número de inventário-93-E.	120
Fig. 143: Número de inventário-115.	121
Fig. 144: Número de inventário-113.	121
Fig. 145: Número de inventário-235.	121
Fig. 146: Número de inventário-117.	122
Fig. 147: Número de inventário-101-I.	122
Fig. 148: Número de inventário-102-I.	122
Fig. 149: Número de inventário-116.	123
Fig. 150: Número de inventário-119.	123
Fig. 151: Número de inventário-123.	123
Fig. 152: Número de inventário-114.	124
Fig. 153: Número de inventário-75-P.	124
Fig. 154: Número de inventário-82.	124
Fig. 155: Número de inventário-237.	125
Fig. 156: Número de inventário-85-K.	125
Fig. 157: Número de inventário-77-K.	125
Fig. 158: Número de inventário-139.	126
Fig. 159: Número de inventário-137.	126
Fig. 160: Número de inventário-140.	126
Fig. 161: Número de inventário-77-L.	127
Fig. 162: Número de inventário-82-I.	127
Fig. 163: Número de inventário-138.	127
Fig. 164: Número de inventário-235.	128
Fig. 165: Número de inventário-87-C.	128
Fig. 166: Número de inventário-85.	128
Fig. 167: Número de inventário-86.	129
Fig. 168: Número de inventário-87.	129
Fig. 169: Número de inventário-80.	129
Fig. 170: Número de inventário-76.	130
Fig. 171: Número de inventário-217.	130
Fig. 172: Número de inventário---.	130

Fig. 173: Número de inventário-267.	131
Fig. 174: Número de inventário---.	131
Fig. 175: Número de inventário---.	131
Fig. 176: Número de inventário---.	132
Fig. 177: Número de inventário---.	132
Fig. 178: Número de inventário-194.	133
Fig. 179: Número de inventário---.	133
Fig. 180: Número de inventário-200.	134
Fig. 181: Número de inventário-209.	134
Fig. 182: Número de inventário---.	134
Fig. 183: Número de inventário---.	135
Fig. 184: Número de inventário---.	135
Fig. 185: Número de inventário-188.	135
Fig. 186: Número de inventário-185.	136
Fig. 187: Número de inventário-201.	136
Fig. 188: Número de inventário-192.	136
Fig. 189: Número de inventário-193.	137
Fig. 190: Número de inventário---.	137
Fig. 191: Número de inventário---.	137
Fig. 192: Número de inventário-187 e 186.	138
Fig. 193: Número de inventário-182.	138
Fig. 194: Número de inventário-179.	138
Fig. 195: Número de inventário-268.	139
Fig. 196: Número de inventário-265.	139
Fig. 197: Número de inventário-181.	139
Fig. 198: Número de inventário-1.	140
Fig. 199: Número de inventário-269.	140
Fig. 200: Número de inventário---.	140
Fig. 201: Número de inventário---.	141
Fig. 202: Número de inventário-234.	141
Fig. 203: Número de inventário-205, 204 e 203.	141
Fig. 204: Número de inventário-161.	142
Fig. 205: Número de inventário-73.	142
Fig. 206: Número de inventário-146.	142
Fig. 207: Número de inventário-143.	143
Fig. 208: Número de inventário-75.	143
Fig. 209: Número de inventário-72.	143
Fig. 210: Número de inventário-74.	144
Fig. 211: Número de inventário-2.	144
Fig. 212: Número de inventário-85-B.	144
Fig. 213: Número de inventário-85-A.	144
Fig. 214: Número de inventário-83-A.	145
Fig. 215: Número de inventário-80-B.	145
Fig. 216: Número de inventário-80-A.	145
Fig. 217: Número de inventário-83.	145
Fig. 218: Número de inventário-75-A.	146

Fig. 219: Número de inventário-1.....	146
Fig. 220: Número de inventário-77-A.....	146
Fig. 221: Número de inventário-75-B.....	147
Fig. 222: Número de inventário-82-A.....	147
Fig. 223: Número de inventário-82.....	147
Fig. 224: Número de inventário-81-A.....	147
Fig. 225: Número de inventário-81.....	148
Fig. 226: Número de inventário-77-B.....	148
Fig. 227: Número de inventário-156.....	148
Fig. 228: Número de inventário-85-D.....	149
Fig. 229: Número de inventário-88.....	149
Fig. 230: Número de inventário-96.....	149
Fig. 231: Número de inventário-92.....	150
Fig. 232: Número de inventário-90.....	150
Fig. 233: Número de inventário-91.....	150
Fig. 234: Número de inventário-94.....	150
Fig. 235: Número de inventário-93.....	151
Fig. 236: Número de inventário-78.....	151
Fig. 237: Número de inventário-81-B.....	151
Fig. 238: Número de inventário-75-C.....	152
Fig. 239: Número de inventário-75-E.....	152
Fig. 240: Número de inventário-75-D.....	152
Fig. 241: Número de inventário-99.....	153
Fig. 242: Número de inventário-77-C.....	153
Fig. 243: Número de inventário-85-C.....	153
Fig. 244: Número de inventário-87-A.....	154
Fig. 245: Número de inventário-87-B.....	154
Fig. 246: Número de inventário-89.....	154
Fig. 247: Número de inventário-95.....	155
Fig. 248: Número de inventário-100.....	155
Fig. 249: Número de inventário-90-A.....	155
Fig. 250: Número de inventário-93-A.....	155
Fig. 251: Número de inventário-98.....	156
Fig. 252: Número de inventário-97.....	156
Fig. 253: Número de inventário-105.....	156
Fig. 254: Número de inventário-106.....	157
Fig. 255: Número de inventário-102.....	157
Fig. 256: Número de inventário-104.....	157
Fig. 257: Número de inventário-101.....	158
Fig. 258: Número de inventário-102-A.....	158
Fig. 259: Número de inventário-102-B.....	158
Fig. 260: Número de inventário-101-A.....	159
Fig. 261: Número de inventário-103.....	159
Fig. 262: Número de inventário-82-B.....	159
Fig. 263: Número de inventário-79.....	160
Fig. 264: Número de inventário-84.....	160

Fig. 265: Número de inventário-162.	160
Fig. 266: Número de inventário-170.	161
Fig. 267: Número de inventário-169.	161
Fig. 268: Número de inventário-77.	161
Fig. 269: Número de inventário-86-A.	162
Fig. 270: Número de inventário-85-I.	162
Fig. 271: Número de inventário-85-E.	163
Fig. 272: Número de inventário-85-F.	163
Fig. 273: Número de inventário-110.	164
Fig. 274: Número de inventário-96-B.	164
Fig. 275: Número de inventário-96-A.	165
Fig. 276: Número de inventário-87-H.	165
Fig. 277: Número de inventário-87-E.	166
Fig. 278: Número de inventário-87-G.	166
Fig. 279: Número de inventário-243.	167
Fig. 280: Número de inventário-89-A.	167
Fig. 281: Número de inventário-89-B.	168
Fig. 282: Número de inventário-240.	168
Fig. 283: Número de inventário-93-B.	169
Fig. 284: Número de inventário-79-A.	169
Fig. 285: Número de inventário-92-A.	169
Fig. 286: Número de inventário-241.	170
Fig. 287: Número de inventário-91-A.	170
Fig. 288: Número de inventário-239.	170
Fig. 289: Número de inventário-100-A.	171
Fig. 290: Número de inventário-75-G.	171
Fig. 291: Número de inventário-75-H.	172
Fig. 292: Número de inventário-75-F.	172
Fig. 293: Número de inventário-108.	172
Fig. 294: Número de inventário-83-C.	173
Fig. 295: Número de inventário-107.	173
Fig. 296: Número de inventário-90-B.	174
Fig. 297: Número de inventário-103-A.	174
Fig. 298: Número de inventário-102-C.	175
Fig. 299: Número de inventário-102-D.	175
Fig. 300: Número de inventário-106-A.	176
Fig. 301: Número de inventário-103-C.	176
Fig. 302: Número de inventário-105-A.	177
Fig. 303: Número de inventário-101-F.	177
Fig. 304: Número de inventário-102-E.	178
Fig. 305: Número de inventário-101-D.	178
Fig. 306: Número de inventário-101-C.	179
Fig. 307: Número de inventário-103-B.	179
Fig. 308: Número de inventário-82-G.	180
Fig. 309: Número de inventário-82-F.	180
Fig. 310: Número de inventário-82-E.	181

Fig. 311: Número de inventário-87-D.....	181
Fig. 312: Número de inventário-87-F.....	181
Fig. 313: Número de inventário-86-B.....	182
Fig. 314: Número de inventário-88-A.....	182
Fig. 315: Número de inventário-88-B.....	183
Fig. 316: Número de inventário-94-A.....	183
Fig. 317: Número de inventário-93-C.....	184
Fig. 318: Número de inventário-95-A.....	184
Fig. 319: Número de inventário-93-D.....	185
Fig. 320: Número de inventário-75-I.....	185
Fig. 321: Número de inventário-75-G.....	186
Fig. 322: Número de inventário-81-E.....	186
Fig. 323: Número de inventário-81-C.....	187
Fig. 324: Número de inventário-80-D.....	187
Fig. 325: Número de inventário-79-B.....	188
Fig. 326: Número de inventário-104-B.....	188
Fig. 327: Número de inventário-82-D.....	189
Fig. 328: Número de inventário-77-I.....	189
Fig. 329: Número de inventário-77-F.....	190
Fig. 330: Número de inventário-77-E.....	190
Fig. 331: Número de inventário-77-D.....	191
Fig. 332: Número de inventário-85-H.....	191
Fig. 333: Número de inventário-85-G.....	192
Fig. 334: Número de inventário-104-A.....	192
Fig. 335: Número de inventário-81-F.....	193
Fig. 336: Número de inventário-81-D.....	193
Fig. 337: Número de inventário-81-C.....	194
Fig. 338: Número de inventário-90-C.....	194
Fig. 339: Número de inventário-78-B.....	195
Fig. 340: Número de inventário-109.....	195
Fig. 341: Número de inventário-101-G.....	196
Fig. 342: Número de inventário-102-F.....	196
Fig. 343: Número de inventário-102-G.....	197
Fig. 344: Número de inventário-101-E.....	197
Fig. 345: Número de inventário-90-D.....	198
Fig. 346: Número de inventário-242.....	198
Fig. 347: Número de inventário-112-C.....	199
Fig. 348: Número de inventário-112.....	199
Fig. 349: Número de inventário-112-A.....	200
Fig. 350: Número de inventário-112-B.....	200
Fig. 351: Número de inventário-77-G.....	201
Fig. 352: Número de inventário-100-B.....	201
Fig. 353: Número de inventário-83-D.....	202
Fig. 354: Número de inventário-77-H.....	202
Fig. 355: Número de inventário-83-B.....	203
Fig. 356: Número de inventário-97-A.....	203

Fig. 357: Número de inventário-108-A.....	204
Fig. 358: Número de inventário-101-B.....	204
Fig. 359: Número de inventário-78-A.....	205
Fig. 360: Número de inventário-82-C.....	205
Fig. 361: Número de inventário-80-C.....	206
Fig. 362: Número de inventário-176.....	206
Fig. 363: Número de inventário-172.....	207
Fig. 364: Número de inventário-177.....	207
Fig. 365: Número de inventário-257.....	207
Fig. 366: Número de inventário-175.....	208
Fig. 367: Número de inventário-171.....	208
Fig. 368: Número de inventário-258.....	208
Fig. 369: Número de inventário-148.....	209
Fig. 370: Número de inventário-174.....	209
Fig. 371: Número de inventário-152.....	210
Fig. 372: Número de inventário-173.....	210
Fig. 373: Número de inventário-155.....	210
Fig. 374: Número de inventário-163.....	211
Fig. 375: Número de inventário-153.....	211
Fig. 376: Número de inventário-151.....	211
Fig. 377: Número de inventário-122.....	212
Fig. 378: Número de inventário-111.....	212
Fig. 379: Número de inventário-78-C.....	212
Fig. 380: Número de inventário-141.....	212
Fig. 381: Número de inventário-142.....	213
Fig. 382: Número de inventário-149.....	213
Fig. 383: Número de inventário-214.....	213
Fig. 384: Número de inventário-213.....	214
Fig. 385: Número de inventário-79-C.....	214
Fig. 386: Número de inventário-81-H.....	215
Fig. 387: Número de inventário-82-H.....	215
Fig. 388: Número de inventário-75-K.....	216
Fig. 389: Número de inventário-128.....	216
Fig. 390: Número de inventário-126.....	217
Fig. 391: Número de inventário-264.....	217
Fig. 392: Número de inventário-131.....	218
Fig. 393: Número de inventário-130.....	218
Fig. 394: Número de inventário-98-A.....	219
Fig. 395: Número de inventário-136.....	219
Fig. 396: Número de inventário-260.....	220
Fig. 397: Número de inventário-100-D.....	220
Fig. 398: Número de inventário-135.....	221
Fig. 399: Número de inventário-134.....	221
Fig. 400: Número de inventário-77-L.....	222
Fig. 401: Número de inventário-94-C.....	222
Fig. 402: Número de inventário-101-H.....	223

Fig. 403: Número de inventário-261.	223
Fig. 404: Número de inventário-87-I.	224
Fig. 405: Número de inventário-85-J.	224
Fig. 406: Número de inventário-100-C.	225
Fig. 407: Número de inventário-78-C.	225
Fig. 408: Número de inventário-78-E.	226
Fig. 409: Número de inventário-133.	226
Fig. 410: Número de inventário-255.	227
Fig. 411: Número de inventário-127.	227
Fig. 412: Número de inventário-129.	228
Fig. 413: Número de inventário-132.	228
Fig. 414: Número de inventário-94-B.	229
Fig. 415: Número de inventário-125.	229
Fig. 416: Número de inventário-77-J.	230
Fig. 417: Número de inventário-124.	230
Fig. 418: Número de inventário-122-A.	231
Fig. 419: Número de inventário-224 e 225.	231
Fig. 420: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 1.	232
Fig. 421: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 2.	232
Fig. 422: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 3.	233
Fig. 423: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 4.	233
Fig. 424: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 5.	234
Fig. 425: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 6.	234
Fig. 426: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 7.	235
Fig. 427: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 8.	235
Fig. 428: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 9.	236
Fig. 429: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 10.	236
Fig. 430: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 11.	237
Fig. 431: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 12.	237
Fig. 432: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 13.	238
Fig. 433: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 14.	238
Fig. 434: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 15.	239

Fig. 435: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 16.	239
Fig. 436: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 17.	240
Fig. 437: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 18.	240
Fig. 438: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 19.	241
Fig. 439: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 20.	241
Fig. 440: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 21.	242
Fig. 441: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 22.	242
Fig. 442: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 23.	243
Fig. 443: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 24.	243
Fig. 444: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 25.	244
Fig. 445: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 26.	244
Fig. 446: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 27.	245
Fig. 447: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 28.	245
Fig. 448: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 29.	246
Fig. 449: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 30.	246
Fig. 450: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 31.	247
Fig. 451: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 32.	247
Fig. 452: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 33.	248
Fig. 453: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 34.	248
Fig. 454: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 35.	249
Fig. 455: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 36.	249
Fig. 456: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 37.	250
Fig. 457: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 38.	250

Fig. 458: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 39.	251
Fig. 459: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 40.	251
Fig. 460: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 41.	252
Fig. 461: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 42.	252
Fig. 462: <i>PowerPoint</i> ® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 43.	253

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Tarefas Desenvolvidas no Âmbito do Estágio Curricular.....	26
Tabela 2: Cronograma de atividades atualizado.....	27
Tabela 3: Competências desenvolvidas.....	29
Tabela 4: Levantamento da coleção de paramentaria da V.O.T.S.F.P. (Fonte: trabalho <i>Coleção de Paramentaria do Museu da Ordem de São Francisco do Porto de Analdina Rocha</i>).....	30
Tabela 5: Caraterísticas da seda (Fonte: Landi, Sheila, p. 23).	38
Tabela 6: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 1.	96
Tabela 7: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 2.	96
Tabela 8: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 3.	97
Tabela 9: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 4.	99
Tabela 10: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 5.	99
Tabela 11: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 6.	100
Tabela 12: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 7.	100
Tabela 13: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 8.	101
Tabela 14: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 9.	101
Tabela 15: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 10.	102
Tabela 16: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 11.	103
Tabela 17: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 12.	104
Tabela 18: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 13.	105
Tabela 19: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 14.	110
Tabela 20: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 15.	113
Tabela 21: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta extra.	113
Tabela 22: Acondicionamento da coleção de paramentaria - total de peças.	114
Tabela 23: Orçamento dos materiais para a intervenção na colcha.....	254
Tabela 24: Local de compra dos materiais para a intervenção na colcha.	254
Tabela 25: Orçamento dos materiais para o acondicionamento da coleção.	255
Tabela 26: Local de compra dos materiais para o acondicionamento da coleção.	255

LISTA DE SIGLAS

HCL – Ácido hidrocloreto

HR – Humidade relativa

PVC – Policloreto de vinil

SEM-EDX – Scanning electron microscope energy dispersive X-ray

T – Temperatura

V.O.T.S.F.P. – Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto

1. INTRODUÇÃO

O estágio desenvolveu-se na área de Conservação e Restauro de Bens Culturais, mais especificamente na vertente têxtil, tendo como objeto de intervenção uma colcha do séc. XVIII, pertencente à coleção de paramentaria da Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto (V.O.S.F.P.).

No âmbito do trabalho desenvolvido, procedeu-se também à formação dos colaboradores (conservadores-restauradores, costureiras, guias e pessoal auxiliar) da entidade acolhedora, no que respeita ao manuseamento e acondicionamento de têxteis, e efetuou-se o acondicionamento da coleção têxtil da instituição.

1.1. Objetivos

Os objetivos propostos e que se pretenderam alcançar no final do estágio foram os seguintes:

- Aliar o conhecimento técnico e científico às práticas de intervenção e restauro, manuseamento e acondicionamento de peças têxteis;
- Alargar e aprofundar o conhecimento relativo à profissão de conservador-restaurador quanto ao âmbito das suas funções, das metodologias de intervenção e dos materiais a aplicar na conservação e restauro, manuseamento e acondicionamento de coleções têxteis;
- Desenvolver e aprofundar o sentido crítico e construtivo em relação às problemáticas emergentes e propostas de resolução das mesmas;
- Propor soluções para a resolução de problemas inerentes à intervenção de conservação e restauro, manuseamento e acondicionamento de coleções têxteis;
- Estabelecer relações socioprofissionais no âmbito hierárquico, coletivo (colaboradores do Museu da Ordem Terceira de São Francisco do Porto) e externo (usuários e fornecedores);
- Cooperar para o conhecimento e sensibilização dos colaboradores do Museu da Ordem Terceira de São Francisco do Porto, quanto à guarda e preservação da coleção de paramentaria.

1.2. Área e Local de Estágio

Tendo desde cedo desenvolvido uma preferência pela conservação e restauro de têxteis, elegemos esta área de intervenção da licenciatura do curso em Conservação e Restauro de Bens Culturais, da Universidade Católica Portuguesa do Centro Regional do Porto, para desenvolver o estágio curricular com o objetivo de complementar os conhecimentos académicos e adquirirmos competências para desempenhar, no futuro, estas funções a nível profissional.

O estágio curricular teve como entidade acolhedora a Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto, localizada na Rua de S. Francisco, na zona da Ribeira, instituição de vertente religiosa (fig. 1), com intervenção no âmbito museológico, hospitalar e de apoio à terceira idade.



Fig. 1: Interior da Igreja dos Terceiros de São Francisco do Porto - V.O.S.F.P. (Fonte: Facebook da V.O.S.F.P.).

De acordo com o trabalho a desenvolver, a ação circunscreveu-se ao Museu da Ordem Terceira de São Francisco do Porto, detentor do acervo dos bens móveis da instituição com interesse histórico-artístico, coordenado pela Dr.^a Analdina Rocha.

Os trabalhos de conservação e restauro da colcha e o acondicionamento da coleção de paramentaria foram realizados no 1.º piso da torre 2 da antiga Casa do Despacho, sob a orientação da Doutora Rita Maltieira. A ação desenvolvida contou com a colaboração da coordenadora do museu, no acompanhamento dentro da instituição, providenciando informações e materiais necessários, nomeadamente recursos bibliográficos.

1.3. Estrutura do Relatório

O presente relatório divide-se em três partes:

1.^a Parte:

- Estágio:
 - Tarefas desenvolvidas;
 - Cronograma de atividades;

2.^a Parte:

- Intervenção de conservação e restauro da colcha adamascada:
 - Pesquisa bibliográfica, sobre questões tipológicas, técnico-materiais e decorativas;
 - Enquadramento histórico, artístico e técnico-material do objeto a intervir;

- Identificação da peça;
- Exames e análises dos elementos constituintes;
- Estado de conservação da peça;
- Proposta de tratamento;
- Tratamento efetuado;
- Acondicionamento;
- Recomendações de conservação preventiva para guarda em reserva.

3.^a Parte:

- Acondicionamento da coleção de paramentaria;
- Formação de sensibilização à equipa da Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto para manuseamento e acondicionamento adequados da coleção têxtil;
- Glossário para apoio na identificação e descrição da peça e dos procedimentos executados.
- Bibliografia;
- Apêndices e anexos.

2. TAREFAS DESENVOLVIDAS E CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

2.1. Tarefas Desenvolvidas no Âmbito do Estágio Curricular

Consulta Bibliográfica

- A Instituição;
- São Francisco de Assis;
- História dos têxteis;
- Fibras, fios e suporte têxteis;
- Fio metálico;
- Elementos decorativos;
- Paramentaria;
- Fenómenos de alteração e de degradação dos elementos constituintes;
- Conservação e restauro de têxteis;
- Exames e análises aos materiais constituintes;
- Acondicionamento de coleções têxteis;
- Exposição de peças têxteis.

Elaboração de Orçamento	Materiais utilizados na intervenção de conservação e restauro da colcha, no seu acondicionamento e no da coleção de paramentaria (apêndice V).
Realização de Exames e Análises	<ul style="list-style-type: none">• Métodos não destrutivos:<ul style="list-style-type: none">→ Exame a olho nu/macrocópico;→ Registo fotográfico com radiações visíveis;→ Observação e análise com instrumentos de aumento: lupa binocular e conta-fios;→ Exame e registo com microscópio digital <i>Dino-Lite</i>®.• Métodos com recolha de amostra:<ul style="list-style-type: none">→ Microscopia eletrónica de varrimento com espectrometria dispersiva de energia de Raio-X (SEM-EDX)
Registo Termohigrógrafo	Registo e exame da humidade relativa (HR) e da temperatura (T) do eventual espaço expositivo para a peça intervencionada.
Intervenção de Conservação e Restauro	<ul style="list-style-type: none">• Limpeza mecânica;• Testes de solubilidade;• Reidratação e flexibilização dos materiais constituintes;• Estabilização e planificação dos materiais constituintes;• Consolidação e reintegração dos elementos decorativos.
Formação em manuseamento e acondicionamento de coleções têxteis para sensibilização da equipa da V. O.T.S.F.P.	Exposição teórica e prática sobre: <ul style="list-style-type: none">• A intervenção de conservação e restauro à colcha;• Manuseamento e acondicionamento adequado da coleção têxtil.
Jornadas do Mestrado em Conservação e Restauro de Bens Culturais – UCP	Exposição teórica sobre: <ul style="list-style-type: none">• A intervenção de conservação e restauro à colcha;• Manuseamento e acondicionamento adequado da coleção de paramentaria da V.O.T.S.F.P.
Acondicionamento da Peça e da Coleção	<ul style="list-style-type: none">• Aquisição de materiais para acondicionamento;• Metodologias e práticas de manuseamento, acondicionamento e inventariação da coleção de paramentaria.

Tabela 1: Tarefas Desenvolvidas no Âmbito do Estágio Curricular.

2.2. Cronograma de Atividades

A proposta inicial para o desenvolvimento das ações do estágio era de 22 semanas, compreendidas entre 19 de novembro e 19 de abril, mas, à medida que se foi avançando na intervenção, constatou-se que o estado de conservação da peça, em adiantado grau de degradação, obrigava ao prolongamento do prazo estipulado. Esta circunstância conduziu ao reagendamento do acondicionamento da coleção e da entrega do presente relatório.

Na tabela abaixo encontram-se as tarefas desenvolvidas, de acordo com a tabela 1, e o respetivo período de realização das mesmas. O cronograma apresentado esteve, em algumas tarefas, condicionado à disponibilização de recursos (registo termohigrógrafo) e marcações dependentes de pessoas/entidades exteriores à instituição (realização de exames e análises e participação nas *Jornadas de Mestrado em Conservação e Restauro de Bens Culturais*).

	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	
Investigação e consulta bibliográfica	█											
Intervenção de conservação e restauro na colcha adamascada		█										
Formação em manuseamento e acondicionamento de coleções têxteis para sensibilização da equipa da V. O. S. F. P.	█			█	█							
Elaboração de Orçamento	█											
Realização de Exames e Análises	█		█				█					
Registo termohigrógrafo					█							
Acondicionamento da coleção de paramentaria	█				█	█					█	█
Jornadas do Mestrado em Conservação e Restauro de Bens Culturais						█						
Relatório final	█							█				

Tabela 2: Cronograma de atividades atualizado.

3. COLCHA ADAMASCADA

3.1. Pesquisas

O trabalho de pesquisa desenvolveu-se nas vertentes histórica, técnica e material, visando uma contextualização histórico-artística do objeto a preservar e a procura de um conhecimento técnico, material e científico, para uma intervenção de conservação e restauro adequada (fig. 2). Para tal, consultamos os recursos bibliográficos disponíveis na Biblioteca Paraíso, da Universidade Católica Portuguesa Centro Regional do Porto; Biblioteca Municipal do Porto; livros disponibilizados pelo Prof. Dr. Vítor Teixeira e pela Dr.^a Analdina Rocha, assim como as fontes bibliográficas e computadorizadas indicadas pelo Prof. Dr. Gonçalo Vasconcelos e Sousa e pela Doutora Rita Maltieira.

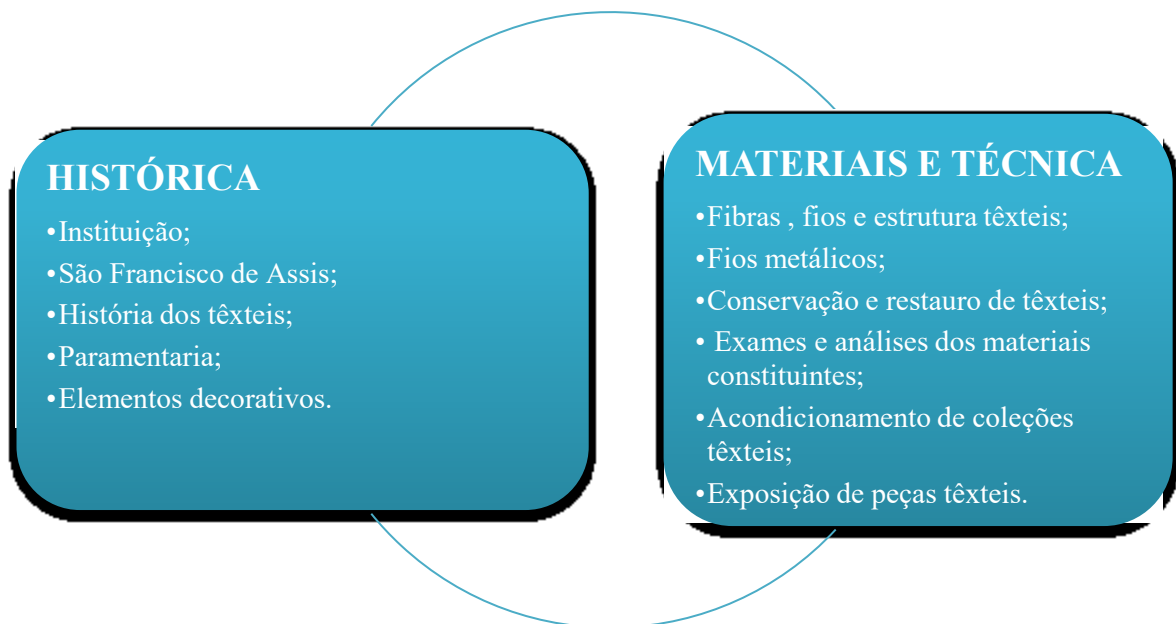


Fig. 2: Esquema das pesquisas realizadas.

3.2. Competências Desenvolvidas

O estágio facultou o desenvolvimento de múltiplas competências relacionadas com as tarefas realizadas, assim como o aperfeiçoamento das relações interpessoais em ambiente de trabalho (tabela 3).

TAREFAS	COMPETÊNCIAS DESENVOLVIDAS
Pesquisas	<ul style="list-style-type: none"> • Ampliação de conhecimentos; • Aquisição de novos saberes; • Esclarecimento de dúvidas.
Formação da equipa da V. O. S. F. P. / Jornadas de Mestrado	<ul style="list-style-type: none"> • Sistematização dos conhecimentos adquiridos; • Criação de instrumentos de divulgação e de sensibilização; • Organização do discurso; • Exposição de conhecimentos; • Aperfeiçoamento da capacidade expositiva oral; • Desenvolvimento de relações interpessoais.
Análise, Intervenção e Exposição da Peça/ Acondicionamento da Peça/Coleção	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicação de conhecimentos à prática; • Transmissão de conhecimentos através da observação e reflexão sobre a prática desenvolvida; • Manuseamento de equipamento técnico, designadamente o microscópio portátil <i>Dino-lite</i>®, nebulizador <i>Pic Air Project</i>®, entre outros; • Leitura e estudo de registos fotográficos e demais exames e análises; • Manuseamento, acondicionamento e tratamento de peças com valor histórico-artístico; • Elaboração de uma relação de materiais a adquirir para a intervenção de conservação e restauro e acondicionamento; • Realização de orçamentos; • Preparação dos espaços para intervenção de conservação e restauro, para reserva e exposição; • Registo termohigrógrafo do futuro espaço expositivo da colcha.

Tabela 3: Competências desenvolvidas.

3.3. Contexto Histórico-Artístico

3.3.1. Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto e a Sua Coleção de Paramentaria

A Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto, fundada em 1633, é detentora de um conjunto patrimonial constituído pela Igreja do Convento de São Francisco, Igreja dos Terceiros e pelo Museu de São Francisco. O alargamento físico da instituição decorreu do século XVII ao século XIX, através da reedificação, acrescentamentos e construção de novas

estruturas, abrangendo assim diversos estilos artísticos, nomeadamente o barroco, o rococó e neoclássico¹.

Associado a este vasto património edificado, encontramos um acervo de bens móveis de grande interesse histórico-artístico, com diversificadas vertentes como a pintura, escultura, ourivesaria, paramentaria, entre outros.

Neste contexto, surge o Museu de São Francisco, a funcionar na antiga "Casa do Despacho, Catacumbas e diversos espaços de exposição"², como forma de divulgar e partilhar a riqueza patrimonial da V.O.T.S.F.P., cujo edificado principal, a Igreja do Convento de São Francisco, foi classificado, em 1996, pela UNESCO como património mundial³.

De entre as coleções existentes, a objeto deste estágio foi a de paramentaria, constituída por 325 peças, de várias tipologias, datadas desde o século XVII até à atualidade, acondicionadas em 16 gavetas, no 1.º piso da torre 2 da Casa do Despacho (tabela 4).

Designação da tipologia	Quantidade	Designação da tipologia	Quantidade
Almofadas	14	Laços	5
Bandeiras	7	Manípulos	48
Bolsas Corporais	31	Mantos	5
Capas de Asperges	12	Pálios	3
Casulas	37	Panos	4
Colchas	6	Sanefas	31
Cortinas	2	Toalhas de Altar	3
Dalmáticas	15	Vestidos	5
Dossel	2	Véus de Cálice	20
Estolas	47	Véus de Cibório	1
Faixas	3	Véus de Imagem	3
Frontais de altar	10	Véus de Ombros	4
Galhardetes	2	Véus de Sacrário	5
Total de peças: 325			

Tabela 4: Levantamento da coleção de paramentaria da V.O.T.S.F.P. (Fonte: trabalho *Coleção de Paramentaria do Museu da Ordem de São Francisco do Porto* de Analdina Rocha⁴).

Trata-se de uma coleção formada por paramentos, quer pessoais quer de adorno de espaços relativos à celebração do culto cristão, comumente designada de Paramentaria, que engloba os adornos dos oficiantes, as "coberturas, panos, peças de destaque ou referência dos objetos sagrados - o cálice, o livro, o altar" e os têxteis que ornamentam os espaços que integram as cerimónias no interior e exterior⁵. Neste sentido, este conjunto têxtil assume o seu papel no património sacro, pois como documento histórico que é, representa uma

¹ Ferreira-Alves, Joaquim Jaime B. (2003) – Elementos para o estudo da arquitetura das duas primeiras capelas da Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto. *Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Património*, vol. II. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. pp 348 - 353;

² Ibidem.

³ Ibidem.

⁴ Rocha, Analdina Sousa (2009) – *Coleção de Paramentaria do Museu da Ordem de São Francisco do Porto, Vol. I, Tipologias de Paramentaria*. Porto: [s.n].

⁵ Alarcão, Teresa; Pacheco Pereira, Teresa (1999) – *Normas de Inventário- Têxteis*. Museu Nacional de Arte Antiga. Instituto Português de Museus. Lisboa: Instituto Português de Museus. p. 20.

manifestação artística fiel à época, "buscando o belo, o estético e a praticidade, com suas funções próprias no culto"⁶.

3.4. Identificação da Peça

Colcha do séc. XVIII (fig. 3), pertencente à coleção de paramentaria da Venerável Ordem Terceira de São Francisco.

Nº DE INVENTÁRIO: 144	
TÍTULO: Colcha ou colgadura	
DIMENSÕES MÁXIMAS: 245cm x 194 cm	
TÉCNICA E MATERIAL: Têxtil - seda adamascada e espolinada a fio metálico com remate a toda a volta a renda metálica.	
ARTISTA/ESCOLA: Desconhecido	
DATAÇÃO: Século XVIII	
LOCALIZAÇÃO: Casa do Despacho, Sala da Secretaria, arcaz, gavetão 8	

Fig. 3: Colcha adamascada.

PROPRIETÁRIO: Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto	PROVENIÊNCIA DA OBRA: Privado
ALUNO: Sara Rebelo	DOCENTE ORIENTADOR DA INTERVENÇÃO: Prof. Doutor Gonçalo Vasconcelos e Sousa DOCENTE COORIENTADOR DA INTERVENÇÃO: Doutora Rita Maltieira
DATA DE INÍCIO DA INTERVENÇÃO: 19 de novembro de 2018	DATA DE FINALIZAÇÃO DA INTERVENÇÃO: 28 de junho de 2019

⁶Juliano, José Arnaldo (2011) – *Vestes Sagradas*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. p. 6.

3.4.1. Autor/Atribuição/Assinaturas/Marcas/Inscrições

De autor desconhecido, a colcha, no reverso (fig. 4), contém um carimbo da Ordem, proprietária da peça (fig. 5), e uma etiqueta de inventário com a seguinte inscrição: "M. ORD. S. Francisco - INV. N.º 144" (fig. 6).



Fig. 4: Esquema da localização do carimbo e etiqueta.



Fig. 5: Carimbo da V.O.T.S.F.



Fig. 6: Etiqueta de inventariação.

3.4.2. Época

De origem desconhecida, a peça data do séc. XVIII, de acordo com o inventário da instituição. Por tal, o enquadramento histórico remete-nos para o estudo das áreas de influência do fabrico têxtil na Europa dessa época.

No séc. XVI, a manufatura têxtil italiana dominava o mercado europeu e era reproduzida pela França e Espanha (fig. 7)⁷. Posteriormente, no séc. XVIII, a França rompeu com este modelo criando "manufaturas carateristicamente francesas" (fig. 8), com um cariz mais realista e com uma maior variedade cromática⁸. Neste contexto, também Portugal seguiu as tendências europeias, aplicando-as à sua manufatura têxtil.

No que respeita ao fabrico da seda em Portugal, o seu incremento deu-se após a restauração da independência, por volta 1669, em Trás-os-Montes, através da plantação de amoreiras para a cultura do bicho-da-seda, criando-se a fábrica de sedas de Bragança. No séc. XVIII, foi fundada a fábrica do Rato, em Lisboa, que, depois de problemas financeiros e tendo passado a ser administrada pela Fazenda Real (meados do séc. XVIII), conheceu um período de prosperidade, pela mão do Marquês de Pombal, grande impulsionador da indústria sedeira, sendo equipada com diversos tipos de teares, nomeadamente, para damasco de ouro e de galões de ouro e de prata⁹.

Em relação aos padrões decorativos da colcha, estes são caraterísticos do Barroco com motivos "(...) vegetalistas ondulados, em maior ou menor densidade ornamental. Os labirínticos e brilhantes entrelaçados e arabescos de lhama metálica (...)"¹⁰ (figs. 9 e 10).



Fig. 7: Elementos decorativos em tecido de seda. Espanha. Séc. XVI-XVII (@Carlos Bastos).

⁷ Bastos, Carlos (1954) – *Subsídios para a História da Arte Ornamental dos Tecidos*. Porto: Tipografia Portuguesa. p. 46.

⁸ Ibidem.

⁹ Bastos, Carlos (1954) – *Subsídios para a História da Arte Ornamental dos Tecidos*. Porto: Tipografia Portuguesa. pp. 100 - 102.

¹⁰ Museu Machado de Castro – *Têxteis*. In: <http://www.museumachadocastro.gov.pt> (2019.05.21; 19h).



Fig. 8: Elementos decorativos do veludo da época do Luís XIV. França. Meados do Séc. XVII (@Carlos Bastos).



Fig. 9: Elementos decorativos da faixa de Sanefa do acervo do Museu Nacional de Queluz, seda portuguesa do séc. XVIII-XIX (@MatrizNet).



Fig. 10: Elementos decorativos da peça intervencionada.

3.4.3. Descrição Estilística

A colcha é retangular, constituída por, no verso, dezoito elementos de tecido adamascado azul e dourado (fig. 11) e, no reverso, doze de tecido de seda vermelha em tafetá (fig. 12); A parte frontal é rematada com 8 galões rendados a fio metálico prateado.

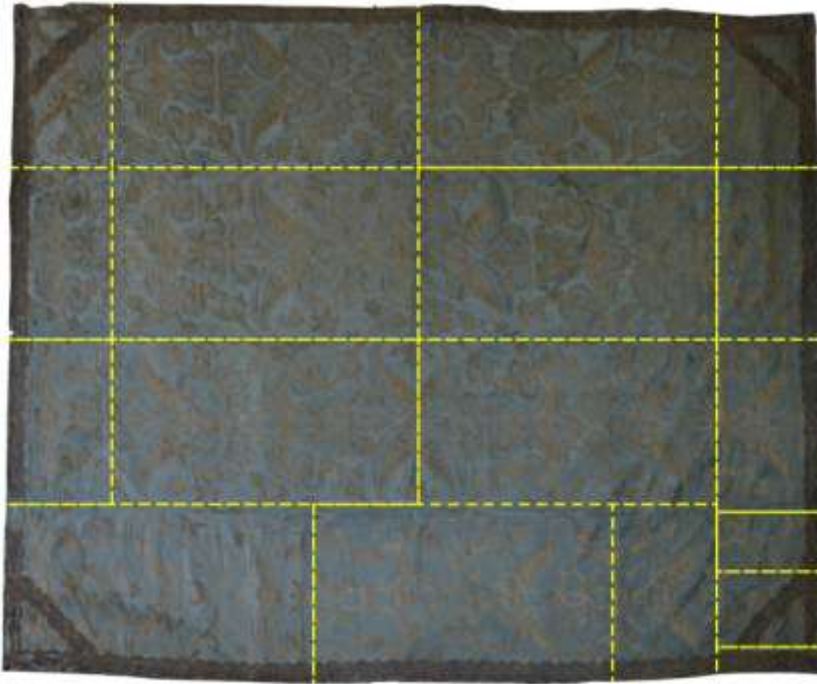


Fig. 11: Dezoito elementos de tecido adamascado do verso.



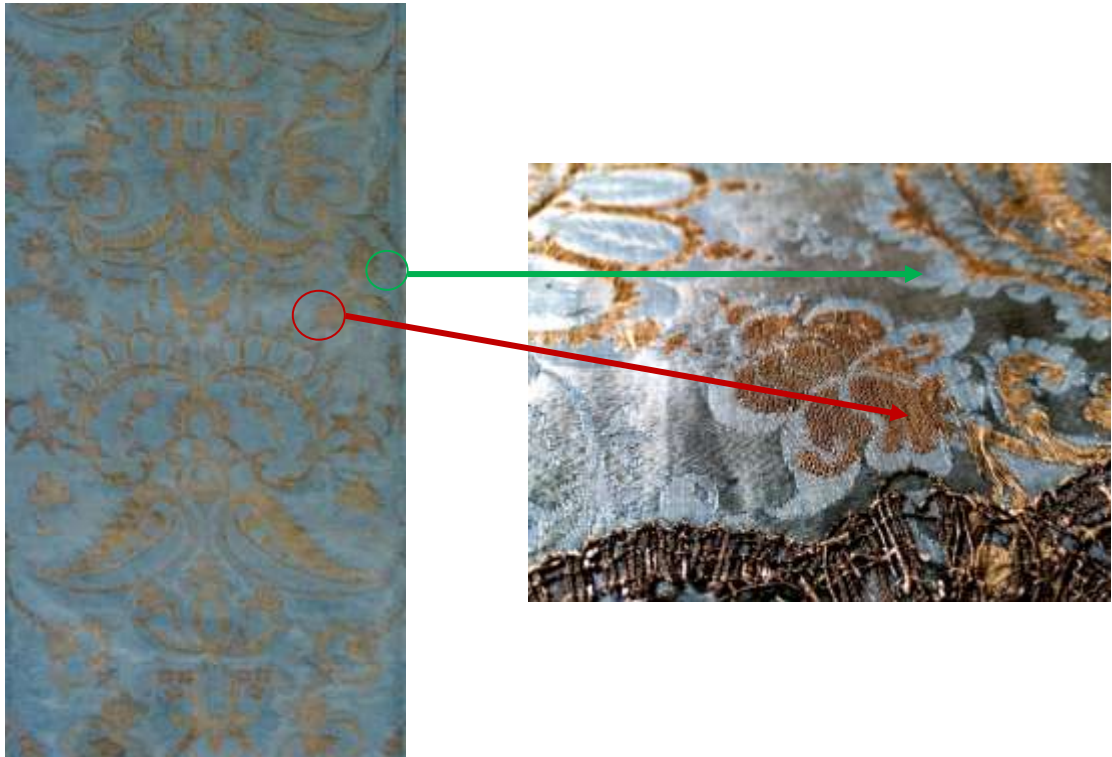
Fig. 12: Doze elementos de tecido vermelho no reverso.

A parte frontal é um adamascado de seda (tecido obtido através de um sistema de ligações contrastantes de cetim e sarja¹¹) espolinado a fio metálico dourado. Este exhibe um módulo padronizado, que se repete por toda a peça, constituído por motivos vegetalistas, que ondulam no debuxo em curvas e contracurvas, característicos de setecentos, que se cruzam e ligam entre si transmitindo uma sensação de movimento.

Nos desenhos decorativos, constituídos pela junção do padrão do damasco com o fio metálico dourado, podemos observar diversas foliáceas ondulantes, de diferentes tamanhos e formas, entre as quais, volutas e ogivais; flores, de distintas tipologias e dimensões, algumas delas coroadas, com motivos de preenchimento geométricos, em pinha, em círculos ou em losangos. Como elementos de ligação e de preenchimento, também encontramos arabescos (figs. 13 a 16).

A parte frontal é rematada, a toda a volta, por galão de fio metálico prateado, de várias espessuras, criando uma renda ondulada com motivos florais. Nos cantos, este galão é aplicado nas diagonais, formando um triângulo (fig. 17).

No verso, a peça é forrada a tecido tafetá liso de cor vermelha, exibindo uma etiqueta com o número de inventário "M.ORD. S. Francisco - INV. N.º 144" e um carimbo da Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto.



Figs. 13 e 14: Junção dos desenhos no damasco e espolinado na colcha.

¹¹ Costa, M. Pinto da (2004) – Glossário de Termos Têxteis e Afins. *Revista da Faculdade de Ciências e Técnicas do Património*, I série, vol. III. Porto: FLUP. p. 144.



Fig. 15: Esquema do desenho do damasco.



Fig. 16: Esquema do desenho do espolinado dourado.



Figs. 17: Galão diagonal aplicado nos cantos da colcha, formando um triângulo.

3.4.4. Descrição Técnica

Neste ponto, o foco incide sobre a manufatura do objeto de intervenção, abordando-se o material e a técnica usados no seu fabrico.

3.4.4.1. Material - Seda

Segundo o glossário de termos têxteis e afins da Manuela Pinto da Costa, seda é o tecido feito com o fio produzido pela larva do *Bombyx mori* ou bicho-da-seda. Produto de origem chinesa e de tradição oriental, já no séc. II a.C. era trazido para a Europa através da rota da seda, sendo a sua produção incrementada na Europa a partir do séc. VI¹².

A seda é um produto de origem animal, de aparência naturalmente brilhante, com um toque "seco", suave e agradável¹³, que apresenta as seguintes características (tabela5):

SEDA		
MORFOLOGIA	COMPOSIÇÃO QUÍMICA	PROPRIEDADES
<ul style="list-style-type: none"> • Filamento duplo; • Comprimento entre 2700 e 3600mm; • Diâmetro entre 28 e 36µm; • Secção transversal: dois filamentos triangulares arredondados; • Secção longitudinal: filamento uniforme; • Cor branca; • Lustre alto; • Bastante cristalino; • Superfície macia. 	<p>Principais constituintes:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Proteínas fibroínas; • Sericinas; • Glicina; • Alanina; • Tirosina. <p>É polar e inclui os seguintes grupos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • OH⁻; • NH₃⁺; • COO⁻. 	<ul style="list-style-type: none"> • Tenacidade: 3 a 5 g/den; • Extensibilidade: 13 a 31%; • Absorção: hidrófilo; • Com qualidades ácidas e básicas, permitindo o seu fácil tingimento; • Fibra forte, perde alguma resistência com a humidade; • Não recupera a longitude original quando submetida a tensão; • Amarelece e entra em rutura quando exposta à luz solar.

Tabela 5: Características da seda (Fonte: Landi, Sheila, p. 23).

¹²Costa, M. Pinto da (2004) – Glossário de Termos Têxteis e Afins. *Revista da Faculdade de Ciências e Técnicas do Património*, I série, vol. III. Porto: FLUP. p. 157.

¹³Neira, Luz García; Viana, Fausto (2010) – Princípios Gerais de Conservação Têxtil. *Revista CPC*. São Paulo. 10. p. 222.

3.4.4.2. Técnica de Manufatura do Tecido Adamascado Espolinado

A seda é sujeita a um processo de fiação de forma a se adquirirem os fios que, depois de tingidos, são dispostos num tear. Neste, utilizam-se dois sistemas de fios paralelos num cruzamento ortogonal denominados teia e trama, sendo que a teia forma o comprimento do tecido e a trama a largura¹⁴. O remate do tecido, ourela¹⁵, impede que os fios desfiem e é feito no sentido da largura do tear (fig. 18).

O padrão do tecido resulta da interseção da teia e da trama, de acordo com um determinado debuxo. No caso de padrões mais complexos, os desenhos são formados com o auxílio de cartões perfurados no tear que permitem levantar e baixar os fios da teia em diferentes posições. Antes desta invenção de Joseph Marie Jacquard, datada do início do séc. XIX, o levantamento dos liços era executado por um ajudante do tecelão o que tornava o processo mais trabalhoso e moroso¹⁶.

No processo de tecelagem do tecido adamascado da colcha foram aplicados dois sistemas decorativos contrastantes, o cetim, para obter um efeito brilhante e liso, e a sarja, mais baço. Além destes, o efeito de brilho do padrão foi reforçado com motivos espolinados a fio metálico dourado¹⁷. Este obtém-se a partir de prata dourada que, depois de laminada e reduzida a uma espessura extremamente fina, envolve uma alma de seda¹⁸.

¹⁴Morais, Rita (2016) – *A Tela na Pintura Portuguesa: Materiais e Técnicas, do Século XV ao Século XIX*. Tese de doutoramento. Porto: UCP. p. 106.

¹⁵ "Ourela que se encontra no princípio ou no fim ou, por vezes, nas duas extremidades de um tecido, constituída pela volta dos fios de teia." (Centre International D'étude Des Textiles Anciens (1976) - *Vocabulário Português de Técnica Têxtil*. Lyon: C.I.E.TA. p. 40).

¹⁶ Pereira, Teresa M. de Carvalho (2009) – *Instituto Monsenhor Airosa – Museu Vivo*. Tese de mestrado. Minho: Universidade do Minho. pp. 46- 48.

¹⁷ Armindo, Eva (2009) – Frontal de Altar e Coleção Têxtil Igreja de Nossa Senhora da Piedade de Santarém. *A Prática da Teoria – Tratamentos de Conservação e Restauro. Atas das II Jornadas ARP – Associação Profissional de Conservadores-Restauradores de Portugal*. Lisboa, 29 e 30 de Maio de 2009. In: <https://repositorio.ul.pt> (2019.09.27; 23h).

¹⁸ Landi, Sheila. (1998) – *The Textile Conservator's Manual*. Woburn, MA: Butterworth Heinemann. p. 12.



Legenda:

- Teia - - - - -
- Trama - - - - -
- Ourelas —————

Fig. 18: Esquema da teia e da trama do tecido.

3.5. Exames e Análises

Para um restauro adequado, é fundamental que se conheçam os materiais constituintes da peça e o estado real em que a mesma se encontra. Para tal, procedeu-se à observação visual e tátil da mesma, à recolha de amostras para análise e ao registo fotográfico.

3.5.1. Documentação Fotográfica

A fotografia é um instrumento importante para a documentação do trabalho do conservador-restaurador, pois permite o registo global e detalhado da identificação do objeto; materiais e técnicas; fenómenos de alteração e degradação; causas de deterioração e alteração; extensão dos danos; intervenções posteriores; do processo de intervenção e do seu resultado final. Assim, foi constituído um apêndice fotográfico a que se recorreu, ao longo deste

relatório, para ilustrar a intervenção realizada, e se anexou no final para uma pormenorização visual da ação desenvolvida (apêndice II).

Para a obtenção deste fundo documental fotográfico recorreu-se a técnicas de inspeção visual, como, por exemplo, o uso de uma lente conta-fios (fig. 19), do microscópio portátil *Dino-lite*® de luz transmitida (fig. 20) e da microscopia eletrónica de varrimento com espectrometria dispersiva de energia de Raio-X - SEM-EDX (fig. 21). Esta inspeção visual permitiu observar e analisar a constituição do têxtil e dos seus fios, identificando os seus componentes, de forma a compreender o seu comportamento na peça e otimizar o respetivo restauro.

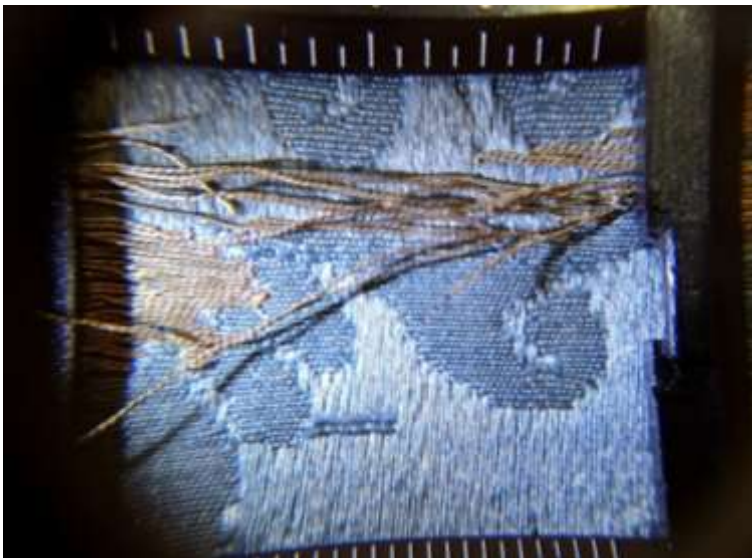


Fig. 19: Imagem dos fios dourados e do tecido adamascado ampliado com um conta-fios.



Fig. 20: Imagem dos fios metálicos dourados do espolinado ampliado com um microscópio portátil *Dino-Lite*®.

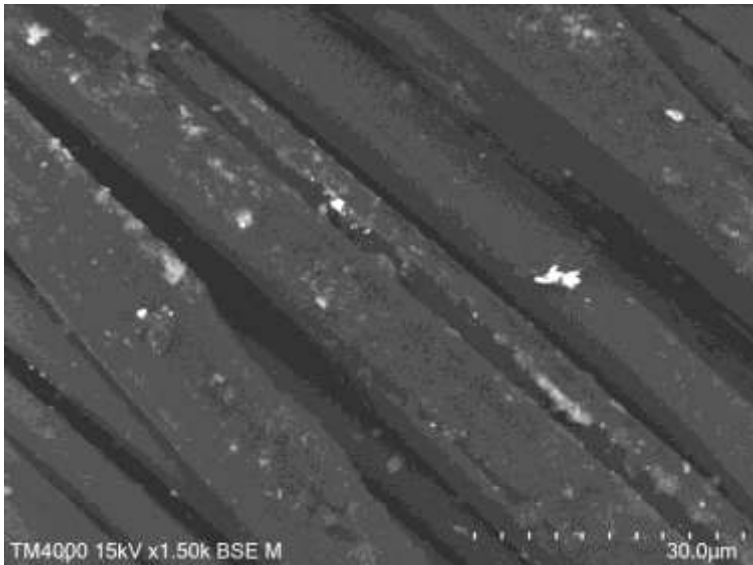


Fig. 21: Imagem das fibras de seda do tecido adamascado ampliado no SEM-EDX.

3.5.2. Análises Laboratoriais

Como " (...) as propriedades de qualquer material (têxtil) dependem das características das fibras de que é feito"¹⁹, procedeu-se à recolha de amostras de fios, dourado, do forro e do damasco, para serem analisadas por SEM-EDX, de forma a identificar a constituição química dos mesmos.

A recolha das amostras efetuou-se nos locais assinalados nas imagens 22 e 23 (tecido adamascado, fios dourados, galão e tecido vermelho), com o devido cuidado para não danificar a peça, retirando-se fios que se encontravam soltos, com o auxílio de uma pinça e de uma pequena tesoura, e colocando-os em *eppendorfs* individuais para análise. A amostragem foi realizada no sentido da trama, no tecido azul adamascado e nos fios dourados. As amostras no tecido vermelho foram recolhidas no sentido da teia (fios) e no sentido da teia e da trama (fragmentos soltos).

Para a realização das análises contou-se com a colaboração do Professor Doutor Nuno Carneiro, que as efetuou e facultou os respetivos resultados.

¹⁹Cook, J. Gordon (1959) – *Handbook of Textile Fibres, Vol. I - Natural Fibres*. Cambridge: Woodhead Publishing Limited. p. 15.

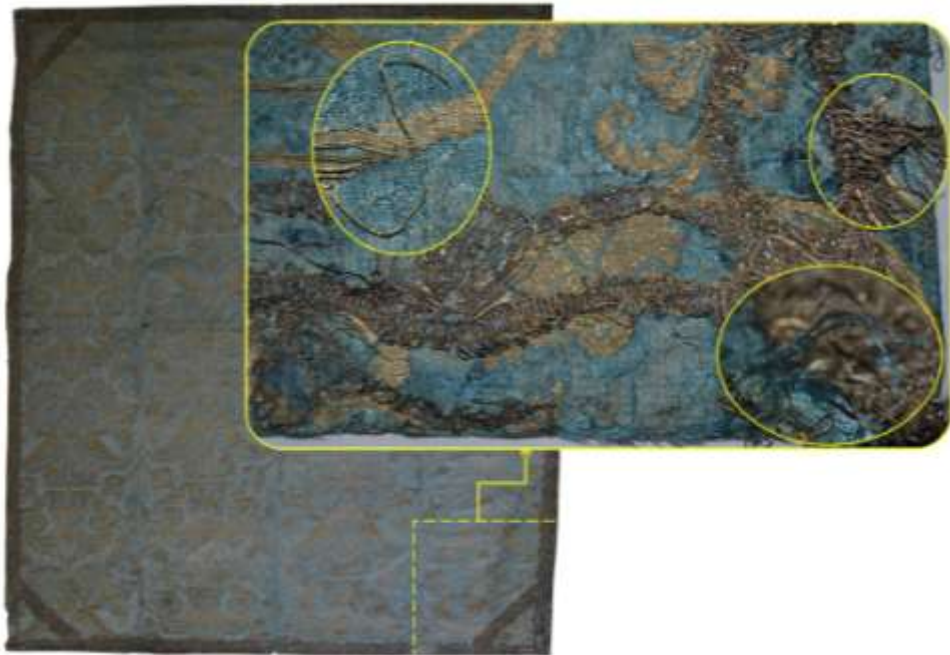


Fig. 22: Local de amostragem de fios no tecido adamascado, de fios dourados e de galão.

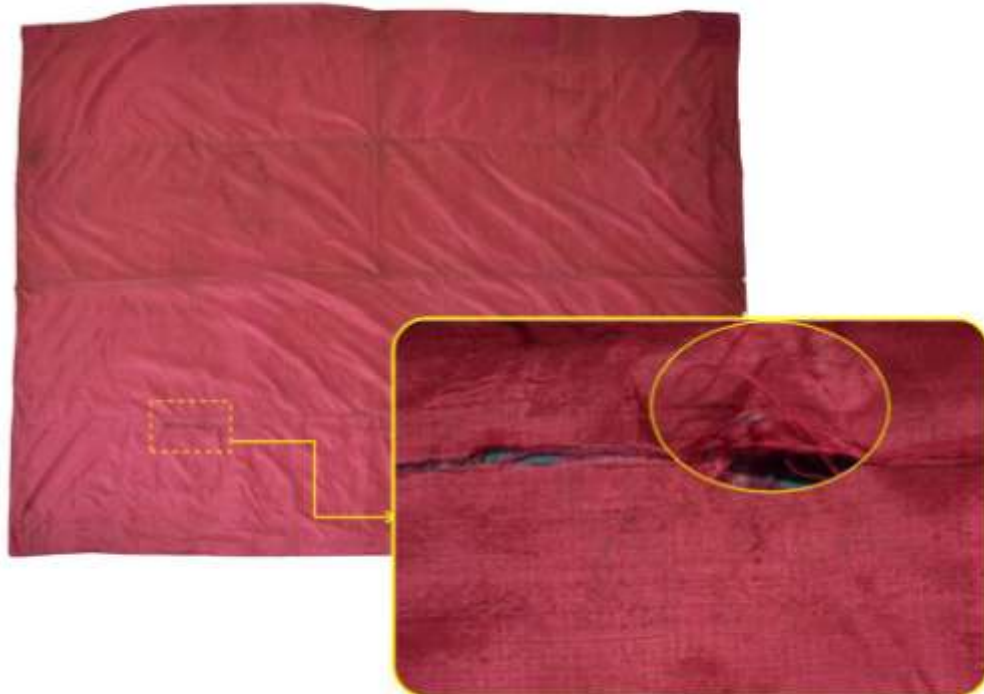


Fig. 23: Local de amostragem de fios no forro vermelho.

Resultados e discussão:

Das amostras recolhidas para análise, a SEM-EDX apenas identificou os componentes presentes no fio dourado do espolinado, uma vez que as outras eram constituídas por materiais orgânicos que não são identificáveis por este processo.

Pelo escurecimento do fio laminado, oxidação, deduz-se que se trata de um metal (Ag ou Cu) ou liga metálica revestida a ouro, uma vez que se fosse ouro puro não estaria tão escurecido²⁰.

Com a SEM-EDX concluiu-se que os principais constituintes do fio dourado da colcha são o ouro (Au) (fig. 24), a prata (Ag) (fig. 25) e o cobre (Cu) (fig. 26). Este último é usado para neutralizar a suavidade natural do ouro e da prata em estado puro²¹.

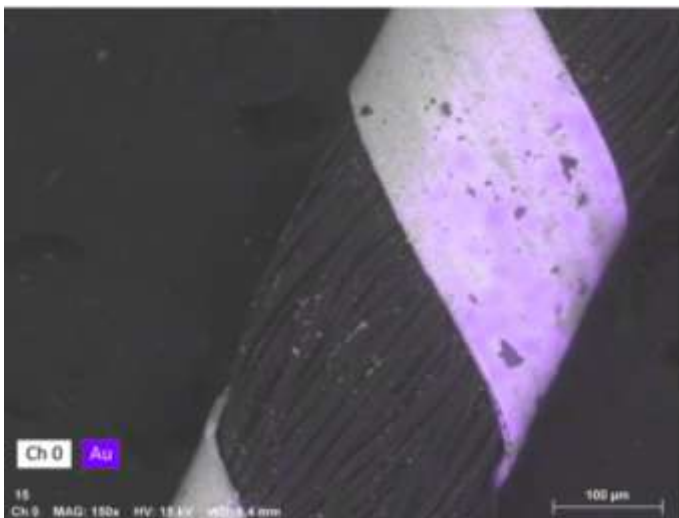


Fig. 24: Presença de ouro (Au) na liga metálica.

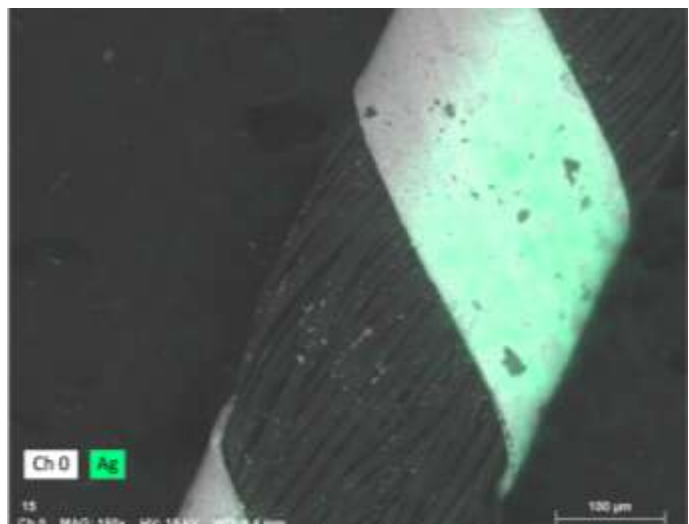


Fig. 25: Presença de prata (Ag) na liga metálica.

²⁰ Armindo, Eva (2009) – Frontal de Altar e Coleção Têxtil Igreja de Nossa Senhora da Piedade de Santarém. *A Prática da Teoria – Tratamentos de Conservação e Restauro. Atas das II Jornadas ARP – Associação Profissional de Conservadores-Restauradores de Portugal*. Lisboa, 29 e 30 de Maio de 2009. pp. 101-110 In: <https://repositorio.ul.pt> (2019.09.27; 23h). p 104.

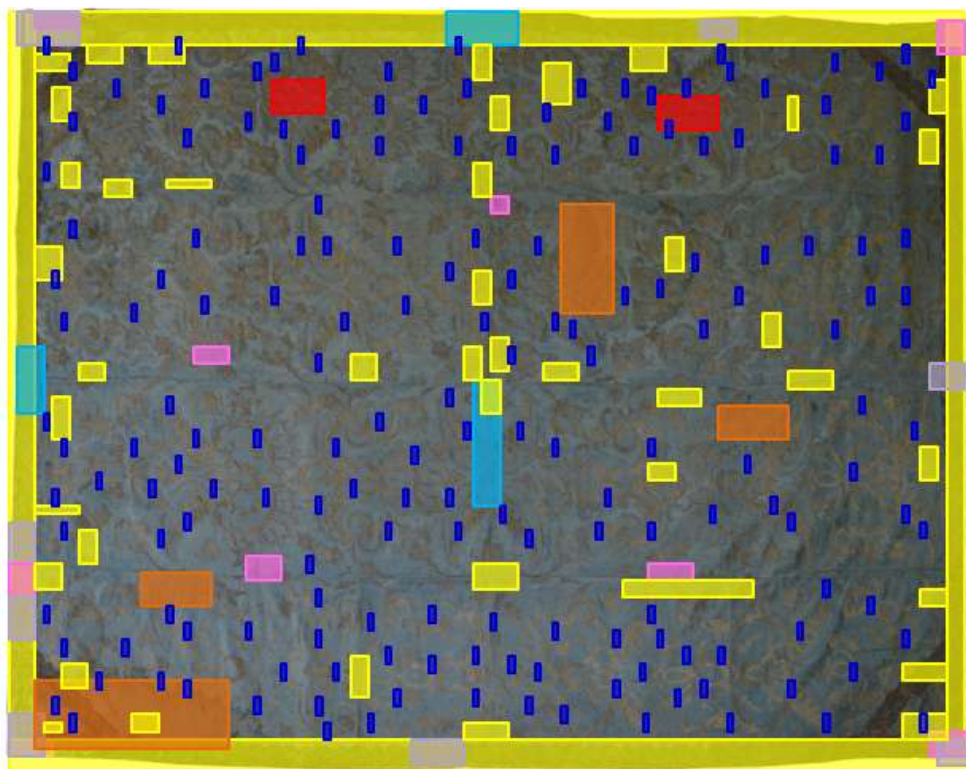
²¹ Landi, Sheila. (1998) – *The Textile Conservator's Manual*. Woburn, MA: Butterworth Heinemann. p. 12.



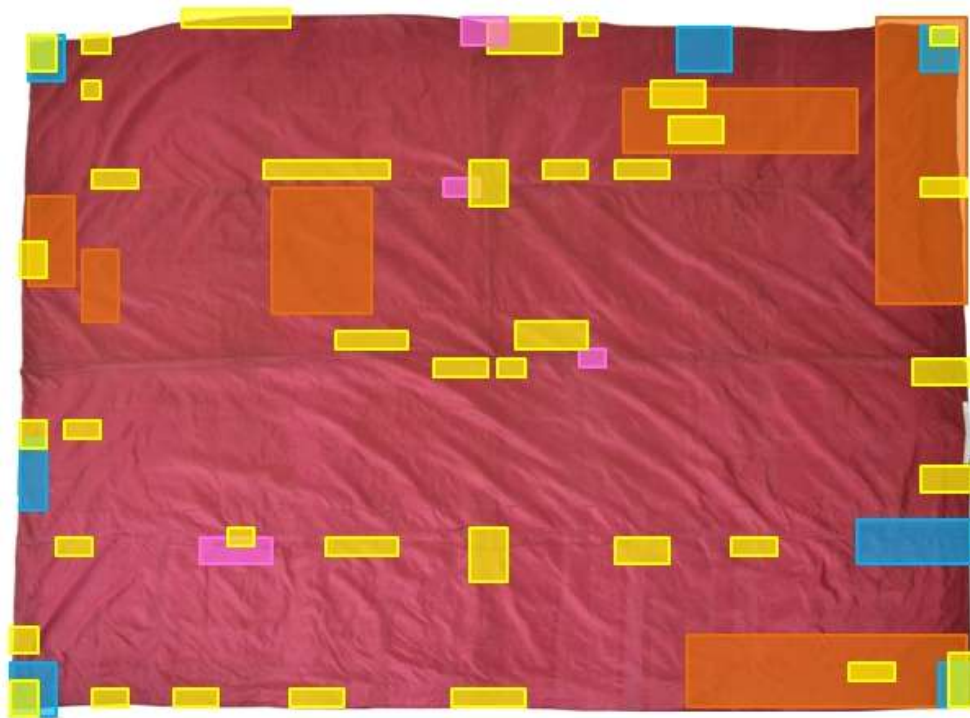
Fig. 26: Presença de cobre (Cu) na liga metálica.

3.7. Estado de Conservação

Devido à sua origem orgânica os têxteis, têm uma tendência para se degradarem desde a sua execução, sendo quase impossível impedir o seu processo de decomposição²². No caso da colcha em estudo, encontrava-se num estado avançado de degradação, sendo que a gravidade de alguns problemas apenas se detetou aquando a intervenção, devido à decomposição das fibras e às condições de armazenamento desfavoráveis que resultaram nas seguintes patologias (figs. 27 e 28):



²²Landi, Sheila. (1998) – *The Textile Conservator's Manual*. Woburn, MA: Butterworth Heinemann. p. 4.



Figs. 27 e 28: Mapeamento das patologias - Quebras de uniões (amarelo), destacamento de elementos decorativos (violeta), rutura do suporte (azul escuro), lacunas (rosa), intervenções posteriores (azul), marcas de tinta (vermelho) e manchas de humidade (laranja).

- **Desidratação das fibras** – suporte em seda desidratado e quebradiço, devido à oxidação das fibras pelo efeito fotoquímico, pois a falta de sericina, que protege da degradação provocada pela luz, a revestir a fibroína reduz a integridade molecular das fibras e, conseqüentemente, favorece o enfraquecimento dos têxteis, potenciando a perda de resistência e flexibilidade²³. Outro fator que causa a desidratação da seda provém das suas técnicas de fabrico e de execução²⁴;
- **Descoloração** – a exposição da peça à luz solar direta provocou a progressiva alteração da cor, amarelecimento (efeito fotoquímico²⁵);
- **Sujidade superficial e entranhada** – detetaram-se poeiras, tanto na superfície como incrustadas, partículas de fibras em desagregação (fig. 29), manchas de cera, marcas de humidade (fig. 30) e de tinta, devido ao manuseamento e acondicionamento. (fig. 31);

²³Alarcão, Teresa; Pacheco Pereira, Teresa (1999) – *Normas de Inventário- Têxteis*. Museu Nacional de Arte Antiga. Instituto Português de Museus. Lisboa: Instituto Português de Museus. p. 35.

²⁴ Balazsy, A.T.; Eastop, D. (1998) – *Chemical Principles of Textile Conservation*. Routledge Series in Conservation and Museology. Boston: Butterworth-Heinemann. p 46.

²⁵ Efeito fotoquímico – Os raios ultravioletas do sol tendem a acelerar a decomposição da seda. Isto acentua a oxidação, o que resulta na degradação da fibra e em sua eventual destruição. O oxigénio presente na atmosfera tende a acelerar a gradual degradação da fibra. (Sousa, Francisco Claudivan [et al.] (2003) – *Fibras Proteicas*. Rio Grande: Universidade do Rio Grande Norte. In: <http://clovisbezerra.tripod.com> (2019.09.26; 17h). p.14.



Fig. 29: Sujidade superficial e entranhada no interior do reverso da colcha.



Fig. 30: Marcas de humidade no tecido adamascado.



Fig. 31: Marcas de tinta no tecido adamascado.

- **Oxidação dos fios metálicos** – a exposição à temperatura e à humidade a que a peça esteve sujeita levou ao escurecimento e embaciamento dos fios metálicos²⁶ (fig. 32);

²⁶Instituto Português de Conservação e Restauro (2009) – *Manto de Nossa Senhora da Oliveira*. Guimarães: Museu Alberto Sampaio. p. 36. In: <https://issuu.com> (2019.08.01; 17h).



Fig. 32: Oxidação dos fios metálicos do galão.

- **Vincos** – a colcha apresentava marcas de vincos devido ao seu manuseamento e acondicionamento inadequados (fig. 33);



Fig. 33: Pormenor com vinco no verso da colcha.

- **Rutura do suporte** – as tensões criadas pela expansão/retração do suporte devido às variações de humidade relativa, pelo uso e pelo manuseamento da colcha, aliadas à elevada fragilidade tanto do tecido adamascado como do forro, devido ao desgaste natural das fibras e à sua desidratação, provocaram o aparecimento de inúmeras ruturas (fig. 34);



Fig. 34: Rutura de uniões dos fios metálicos do espolinado.

- **Lacunas** – a desidratação da peça aliada a tensões criadas pelo galão e às forças mecânicas por exposição desta causaram a degradação das ligações moleculares internas, favorecendo o aparecimento de lacunas²⁷ (fig. 35);



Fig. 35: Lacunas no suporte adamascado.

- **Quebra de uniões** – resultante do uso, manuseamento e acondicionamento inadequados e das tensões criadas pela expansão/retração do suporte frente às variações de humidade relativa e temperatura, verificou-se a perda de pontos de fixação, fios soltos e elementos destacados que se encontravam emaranhados (fig. 36);



Fig. 36: Exemplo de uma das quebras de uniões existentes.

²⁷Instituto Português de Conservação e Restauro (2009) – *Manto de Nossa Senhora da Oliveira*. Guimarães: Museu Alberto Sampaio. p. 37. In: <https://issuu.com> (2019.08.01; 17h).

- **Destacamento de elementos decorativos** – verificou-se perda de material ao nível do galão e destacamento deste do tecido adamascado, devido à desidratação da peça, ao desgaste pelo uso e às tensões criadas pela expansão/retração do suporte com as variações de humidade relativa e temperatura. Estes fatores provocaram a rutura dos pontos de união entre os elementos decorativos e o suporte têxtil (fig. 37);



Fig. 37: Pormenor com várias lacunas e elementos desalinhados e em destacamento.

- **Intervenções posteriores** – constatou-se a presença de costuras, tanto na seda adamascada como no forro de tafetá vermelho, e remendos no forro, resultantes de procedimentos posteriores (figs. 38 e 39).



Fig. 38: Pormenor de costuras de intervenções posteriores.



Fig. 39: Remendos de intervenções posteriores.

3.6. Proposta de Tratamento

Na restauração de têxteis, o objetivo é dar unidade visual e resistência física à peça, manter e preservar a integridade da mesma, removendo e acrescentando apenas o mínimo de materiais²⁸, isto é, uma prática de intervenção *less is more*, onde se deve privilegiar os aspetos estéticos através de uma intervenção mínima, sendo o restauro o último recurso²⁹. Tendo em conta estes princípios, a proposta inicial foi a seguinte:

- **Limpeza mecânica** – recorrendo ao uso de trinchas de cerdas suaves e a um aspirador de baixa potência, com o bocal tapado com gaze, para remoção de poeiras soltas e sujidades acumuladas;
- **Amostragem** – procedimento necessário para recolha de amostras a fim de operacionalizar o teste de solubilidade e as análises laboratoriais;
- **Teste de solubilidade** – fase anterior à reidratação dos elementos têxteis, para verificar se existe risco de migração de corantes nos distintos suportes têxteis, quando em contacto com humidade;
- **Reidratação dos materiais constituintes** – devido à fragilidade da peça, resultante da desidratação das fibras que a enfraqueceram, torna-se imperiosa a hidratação dos materiais constituintes para lhes conceder maior resistência e flexibilidade³⁰;
- **Estabilização, realinhamento e planificação estrutural** – conjunto de procedimentos para realinhamento e planificação de áreas desalinhas e de vincos; estabilização, planificação e fixação com pontos de conservação de quebras de uniões e ruturas do suporte;

²⁸Brooks, Mary M.; Eastop, Diana D. (2011) – *Changing Views of Textile Conservation*. ed. [S.l.]: Getty Publications. p. 236.

²⁹Paula, Teresa Cristina Toledo de (1994) – *Conservação de Têxteis Históricos- Uma Bibliografia Introdutória. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, vol. II, 2. São Paulo: Museu Paulista. p. 301.

³⁰Alarcão, Teresa; Pacheco Pereira, Teresa (1999) – *Normas de Inventário- Têxteis*. Museu Nacional de Arte Antiga. Instituto Português de Museus. Lisboa: Instituto Português de Museus. p. 35.

- **Reintegração do suporte e dos elementos decorativos** – aplicação de suportes têxteis no verso e reverso para preenchimento das lacunas, com o auxílio de pontos de conservação, e de tule para uniformização da peça.

3.7. Tratamento Efetuado

A intervenção foi efetuada na torre 2 da antiga Casa do Despacho (atual Museu da V.O.T.S.F. do Porto), 1.º piso, espaço onde se encontram as reservas da coleção de paramentaria e que foi preparado para dar resposta ao trabalho a executar. As tarefas desenvolvidas foram orientadas e supervisionadas pela Doutora Rita Maltieira, no âmbito do estágio curricular.

Todas as ações desenvolvidas foram acauteladas com as devidas medidas de segurança relativas ao equipamento de proteção individual (bata, luvas, máscara de pó), ao conhecimento dos instrumentos a utilizar e aos materiais a aplicar.

Devido à grande dimensão da peça, foi necessário improvisar uma mesa de suporte para a poder pousar, pelo que se recorreu a cavaletes e tábuas de contraplacado que foram forradas a tecido, devidamente esticado e preso de forma a não interferir com a estabilidade da colcha a restaurar.

Antecedendo qualquer procedimento efetuado, realizaram-se pesquisas relativas às problemáticas encontradas e sobre a sua resolução, no que diz respeito a materiais, equipamentos e tratamentos a aplicar.

Foi feito o registo fotográfico do estado de conservação da colcha, geral e pormenorizado, das etapas de intervenção e do resultado final.

3.8.1. Limpeza Mecânica

Para remover, do verso, do reverso e do interior, as partículas danosas ao suporte têxtil que o escurecem e lhe retiram a flexibilidade e resistência, procedeu-se à limpeza mecânica da peça com o auxílio de uma trincha de cerdas macias e de um aspirador, com gaze no bocal, com o devido cuidado para, acidentalmente, não aspirar elementos da peça (fig. 40).

Fig. 40: Pormenor da limpeza mecânica efetuada para remoção de sujidades superficiais.



3.8.2. Testes de Solubilidade

Para testar a resistência cromática e possível migração de pigmentos entre tecidos, recolheram-se amostras (figs. 22 e 23) do tecido adamascado (no sentido da trama) e do forro vermelho (fragmento que se encontrava desprendido). Colocaram-se as mesmas entre dois recortes de papel mata-borrão (fig. 41), depois de se aplicar uma gota de água destilada nas amostras, e, por fim, exerceu-se pressão com pesos de vidro (fig. 42). Os resultados foram recolhidos após o tempo de evaporação da água destilada.³¹

Como as amostras não revelaram qualquer migração de cor com a aplicação de humidade, procedeu-se ao passo seguinte - reidratação dos suportes têxteis.



Fig. 41: Amostras do forro vermelho e do tecido adamascado para teste de solubilidade.

³¹ Balazsy, A.T.; Eastop, D. (1998) – *Chemical Principles of Textile Conservation*. Routledge Series in Conservation and Museology. Boston: Butterworth-Heinemann. p 45.



Fig. 42: Exerção de pressão com pesos nas amostras após a aplicação de água destilada.

3.8.2. Reidratação das Fibras

Como a colcha tem elementos metálicos e os seus tecidos se encontravam enfraquecidos, não era recomendável uma lavagem, uma vez que "(...) uma peça fragilizada, fragmentada ou pulverizado não deve ser lavada (...) Uma peça com vários materiais como tecido, metal e couro não deve ser lavado" ³². Assim, para a remoção dos vincos e dobras e planificação dos fios soltos, efetuou-se a humedificação das fibras com o nebulizador, de modo lento para não agredir o têxtil com as moléculas de água destilada em estado líquido que levariam à degradação do mesmo, caso fosse em excesso³³.

Utilizou-se o seguinte procedimento: por secções, de acordo com as necessidades de reidratação, humedeceram-se os fios dos suportes têxteis com um nebulizador *Pic Air Project*® (fig. 43), de seguida, realinharam-se e endireitaram-se os fios, com a ajuda de uma pinça (fig. 44). Por fim, para planificar, colocaram-se pesos de vidro por cima do suporte humedecido e realinhado, durante 24h (fig. 45). Inicialmente, testou-se um período de 3h para planificação, tendo-se chegado à conclusão que não era suficiente, pois os fios dourados, devido à rigidez dos seus constituintes metálicos não rebaixaram durante esse período de tempo, pelo que se foi alargando o mesmo até se conseguir os resultados esperados.

³²Canadian Conservation Institute (CCI) (2009) – *CCI Notes 13/7: Washing Non-coloured Textiles*. In: <https://www.canada.ca> (2019.06.19; 21h).

³³Instituto Português de Conservação e Restauro (2009) – *Manto de Nossa Senhora da Oliveira*. Guimarães: Museu Alberto Sampaio. p. 39.



Fig. 43: Reidratação gradual das fibras têxteis com nebulizador e água destilada.



Fig. 44: Realinhamento dos fios dourados com pinça.



Fig. 45: Planificação dos vincos e fios dourados e do galão metálico.

3.8.3. Estabilização e Consolidação Estrutural

Respeitando-se a estrutura da colcha, para não haver deformações, nos pontos em que a mesma apresentava lacunas e rutura do suporte procedeu-se à aplicação, no avesso, de suportes parciais no tecido adamascado, com tecido em tafetá de Poliéster®, de cor dourada, e, no forro, com tecido em tafetá de seda e algodão, vermelho, para reintegração cromática, consolidação e restituição do equilíbrio na distribuição das forças físicas causadas pela perda de integridade³⁴.

Na fixação dos suportes parciais, executou-se o ponto de Bolonha (figs. 46 a 49), com o auxílio de uma agulha curva, uma pinça, para ajudar a manter o ponto endireitado de forma confortável, alfinetes etimológicos, para ajudar na imobilização do suporte ao original, e fio de Poliéster® da *Gütermann*®, usando-se apenas um dos cabos para ser mais fino, col.788 para o damasco e col. 909 para o forro. A seleção dos materiais a aplicar no restauro pautou-se pela sua compatibilidade com os tecidos originais e respetivo processo de envelhecimento, respeitando os requisitos orçamentais de preço/qualidade.



Fig. 46: Canto da seda adamascada antes da consolidação estrutural

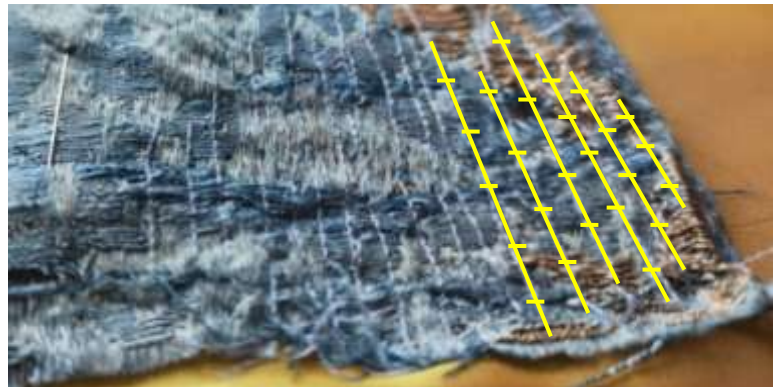


Fig. 47: Consolidação estrutural de um canto da seda adamasca com ponto de bolonha – **esquema**.

³⁴Instituto Português de Conservação e Restauro (2009) – *Manto de Nossa Senhora da Oliveira*. Guimarães: Museu Alberto Sampaio, p. 40.



Fig. 48: Rutura do suporte antes da consolidação estrutural.



Fig. 49: Consolidação estrutural do forro com ponto de bolonha.

Nas quebras de uniões, procedeu-se à consolidação das costuras executando-se a sua união com ponto invisível, com o mesmo fio, col. 788, e agulha (figs. 50 e 51). Devido à distorção do suporte causada pela presença de intervenções posteriores, que estavam a provocar tensões na peça e deformações e rutura do suporte, foi também necessária a remoção das mesmas.

Na consolidação dos fios soltos e do galão, aplicou-se um ponto corrido para fixar os mesmos, com fio da *Gütermann*[®], col. 307, de Poliéster[®].

No verso, realizou-se a fixação dos remendos colocados num restauro anterior, executando-se o ponto espinhado (fig. 52), adequado para a junção de dois tecidos mantendo a sua flexibilidade³⁵ com a linha mencionada em cima, col. 909. Aqui optou-se pela manutenção dos remendos já existentes por ainda se encontrarem em bom estado de conservação e o forro estar muito fragilizado.

³⁵ Canadian Conservation Institute (CCI) (2008) – *CCI Notes 13/10: Stitches Used In Textile Conservation*. In: <https://www.canada.ca> (2019.06.19; 21h).



Figs. 50 e 51: Ponto invisível nas quebras de uniões - antes e depois da intervenção.



Fig. 52: Fixação dos remendos do forro com ponto espinhado – esquema.

Terminada a consolidação, para uniformização estética, proteção da integridade global da colcha e maior facilidade no seu manuseamento, aplicou-se um tule de *Poliéster*® (fig. 53), de malha fina e de cor ocre. Para aplicação do tule procedeu-se da seguinte forma: primeiro, estendeu-se o tule uniformemente por cima do tecido adamascado; segundo, fixou-se o tule, com alfinetes, nas costuras horizontais e verticais dos elementos da peça; terceiro, uniu-se o tule ao tecido adamascado, com ponto corrido, pelas costuras dos elementos da peça, do centro para as extremidades, fazendo primeiro as verticais e depois as horizontais, evitando deformações. Por fim, uniu-se o tecido adamascado forrado com o tule ao forro vermelho com um ponto invisível, com um fio azul, col. 788 de *Poliéster*®.



Fig. 53: Aplicação do tule.

3.8. Acondicionamento da Colcha

A peça foi acondicionada em rolo, num tubo de Policloreto de Vinil (PVC), por ser o método mais adequado em virtude da sua dimensão e corrente falta de espaço para a armazenar em gaveta³⁶. Apesar de poder vir a libertar ácido hidrocloreto (HCL) durante a lenta degradação do PVC, este material não deixa de ser considerado adequado para o acondicionamento da colcha, por oferecer benefícios como o baixo custo, compatibilidade, leveza, durabilidade e estabilidade do mesmo.

Os procedimentos adotados no acondicionamento foram os seguintes:

- 1º. Forrou-se o tubo PVC, depois de limpo, com *Reemay*® (tecido não tecido, 100% polyester) para criar uma barreira *acid-free* entre a peça e o tubo (fig. 54);



Fig. 54: *Reemay*®.

- 2º. Estendeu-se a peça do avesso e cobriu-se a mesma com um pano-cru de algodão, com largura igual à do tubo e com o comprimento da colcha, para que, ao enrolá-la, não houvesse contacto entre o tecido adamascado assim como entre este e o tubo. Desta forma, criou-se uma barreira de proteção para evitar o emaranhamento dos fios metálicos, tingimentos e contaminação dos materiais (fig. 55);



Fig. 55: Colcha enrolada com pano-cru de algodão.

³⁶Canadian Conservation Institute (CCI) (2008) – *CCI Notes 13/3: Rolled Storage for Textiles*. In: <https://www.canada.ca> (2019.06.19; 21h).

3º. Depois de enrolada, a peça foi envolvida em pano-cru de algodão e atada, nas extremidades, com fita de nastro (fig. 56);



Fig. 56: Uso da fita de nastro para atar as extremidades.

4º. Por último, procedeu-se à etiquetagem exterior e ao armazenamento da colcha (fig. 57). Elaborou-se uma etiqueta em tecido de algodão com a identificação da peça, manuscrita com *Encre Pigment Ink® - Textile Marker TC-4000, NO.30*. Por fim, fixou-se a etiqueta ao pano-cru que envolveu a peça com linha branca, col. 800 de *Poliéster® da Gütermann®*.

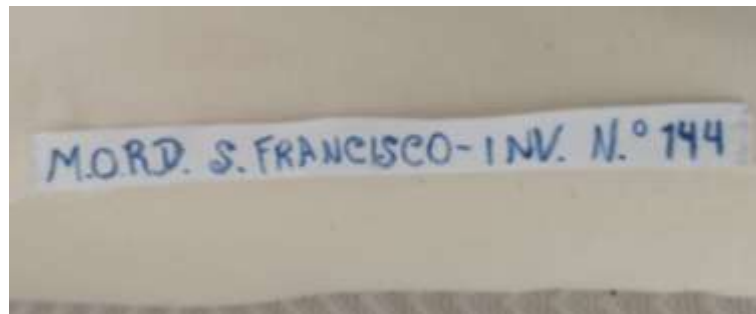


Fig. 57: Etiquetagem exterior.

3.9. Recomendações de Conservação Preventiva

Sendo a sua natureza orgânica, os têxteis são um dos materiais mais sensíveis devido aos múltiplos agentes que podem interferir na sua deterioração, tais como a luz, humidade relativa, temperatura, pestes, forças físicas e poluentes³⁷. Para garantir a conservação a longo prazo, a colcha deverá ser corretamente acondicionada e acautelada as condições externas que poderão contribuir para a sua degradação, pelo que se recomenda:

Luz – ao nível da luminosidade, quando exposta a colcha, as condições ideais serão aquelas que evitam a perda de cor e o enfraquecimento das fibras causados pelo seu efeito fotoquímico, devendo, portanto, manter-se o nível de 50 lux, uma vez que é o recomendável para uma visibilidade adequada, e de 75µ W/lúmen de radiação ultravioleta (através da aplicação de filtros ou da utilização de lâmpadas próprias), não esquecendo o devido afastamento da fonte de luz para evitar o aquecimento da peça³⁸.

Humidade Relativa – embora os têxteis sejam tolerantes à humidade, há que evitar situações extremas (acima dos 70% e inferiores a 5%), pois, eles podem dilatar ou encolher conforme absorvem ou libertam o vapor de água, causando danos significativos nas peças. De qualquer das formas, impõe-se um controlo da humidade relativa, visto que a mesma pode causar o aparecimento de microorganismos que danificam os tecidos, sendo difíceis de remover e constituindo pontos de desintegração dos mesmos³⁹. Há, portanto, necessidade de um controlo da humidade relativa, através do higrómetro ou *data-logger* para um registo regular das variações ao longo do ano, tentando-se manter os valores ideais, entre 20% e 60%⁴⁰ (apêndice I).

Temperatura – ao contrário das temperaturas altas, que se devem evitar, há benefícios no registo de temperaturas baixas, visto que estas reduzem o processo químico de degradação e o aparecimento de pestes, exceto se acompanhadas de elevada humidade, pelo que será necessário o controlo da mesma, através da sua medição e ventilação do espaço de armazenamento/exposição da peça⁴¹. Os objetos deverão ser inseridos num ambiente controlado. Aconselha-se um nível de temperatura entre 18°C e 22°C com variações diárias de, no máximo, 2°C.⁴²

Pestes – para evitar o ataque de organismos vivos, é essencial manter o local limpo, controlar a humidade, temperatura e luminosidade. Deve também ser acautelado o contacto com outras peças para evitar o contágio. Como "as recomendações de conservação preventiva estão ligadas à aplicação de meios possíveis, externos aos objetos, para que seja garantida a

³⁷Canadian Conservation Institute (CCI) (2013) – *CCI Notes 13/1: Textiles and the Environment*. In: <https://www.canada.ca> (2019.06.19; 21h).

³⁸Instituto Português de Conservação e Restauro (2009) – *Manto de Nossa Senhora da Oliveira*. Guimarães: Museu Alberto Sampaio. p. 42.

³⁹Canadian Conservation Institute (CCI) (2013) – *CCI Notes 13/1: Textiles and the Environment*. In: <https://www.canada.ca> (2019.06.19; 21h).

⁴⁰Instituto Português de Conservação e Restauro (2009) – *Manto de Nossa Senhora da Oliveira*. Guimarães: Museu Alberto Sampaio. p. 42.

⁴¹Canadian Conservation Institute (CCI) (2013) – *CCI Notes 13/1: Textiles and the Environment*. In: <https://www.canada.ca> (2019.06.19; 21h).

⁴²Calvo, Ana (1997) – *Conservación y restauración. Materiales, técnicas y procedimientos de la A la Z*. Barcelona: Ediciones del Serbal. p. 214.

sua conservação e prolongamento da sua vida"⁴³, é recomendável a inspeção periódica do espaço, quer ao nível da construção quer ao nível das condições ambientais, e da coleção⁴⁴.

Forças Físicas – devido à sua fragilidade e composição, a peça deve ser manejada, sempre que possível, pelo seu suporte e, quando em tratamento e exposição, ter uma base estável de apoio, evitando tensões e ruturas⁴⁵.

Poluentes – para evitar que as propriedades das fibras sejam afetadas pelas reações químicas provocadas pelos poluentes atmosféricos (gases existentes no ar provenientes da poluição atmosférica quer dentro quer fora do espaço de armazenamento/exposição) e pelas partículas sólidas e líquidas (poeiras e resíduos), aconselha-se que as portas e janelas se mantenham fechadas e devidamente calafetadas e que se efetue o controlo do uso de materiais tóxicos no espaço interior, tais como tintas, produtos de limpeza e fumos⁴⁶.

Além dos cuidados já referidos, é ainda de acrescentar o uso de luvas de algodão e de equipamento individual de proteção, no manuseamento da peça, assim como a inspeção e mudança de materiais de acondicionamento anualmente.

3.10. Acondicionamento da Coleção

O acondicionamento da coleção de paramentaria realizou-se na sequência da necessidade premente em organizar o armazenamento das peças e efetuar a mudança dos materiais de acondicionamento com vista a estabelecer as melhores condições possíveis à preservação das obras, de forma a prolongar o seu tempo de vida. Com base no inventário já existente, de 2009, procedeu-se ao levantamento das peças existentes, catalogando-as por tipologia, estado de conservação, patologias e prioridade de intervenção. De seguida, procedeu-se ao acondicionamento horizontal da coleção em 16 gavetas da seguinte forma (apêndice III):

- 1º. Removeram-se as peças das gavetas, que se pousaram separadamente numa mesa previamente preparada;
- 2º. Inspeccionaram-se as peças individualmente, de forma a identificar sinais de degradação;
- 3º. Fotografaram-se e catalogaram-se as peças de acordo com a sua tipologia, estado de conservação, patologias e prioridade de intervenção;
- 4º. Removeu-se a sujidade superficial de cada peça com uma trincha e um aspirador, com gaze no bocal, de forma a remover as partículas danosas, com o devido cuidado para não aspirar, acidentalmente, elementos da peça (fig. 58);

⁴³Calvo, Ana (1997) – *Conservación y restauración. Materiales, técnicas y procedimientos de la A la Z*. Barcelona: Ediciones del Serbal.

⁴⁴Canadian Conservation Institute (CCI) (2013) – *CCI Notes 13/1: Textiles and the Environment*. In: <https://www.canada.ca> (2019.06.19; 21h).

⁴⁵Ibidem.

⁴⁶Canadian Conservation Institute (CCI) (2013) – *CCI Notes 13/1: Textiles and the Environment*. In: <https://www.canada.ca> (2019.06.19; 21h).

- 5º. Aspiraram-se as gavetas de armazenamento;
- 6º. Lavaram-se os panos-crus de algodão das gavetas, já existentes e ainda em bom estado, sem detergentes ou sabões;
- 7º. Em cada gaveta, estenderam-se os panos lavados de forma a que os mesmos forrassem as gavetas e cobrissem todas as peças, depois de dispostas no seu interior;
- 8º. Armazenaram-se as peças de forma confortável, com o menos de dobras possível e respeitando a fragilidade das mesmas;
- 9º. O método utilizado para o armazenamento teve em consideração o peso e fragilidade de cada uma das peças, colocando-se as mais pesadas por baixo das mais leves e frágeis. Por solicitação da Ordem, em algumas gavetas, excecionalmente, colocaram-se as peças mais usadas por cima para evitar o manuseamento desnecessário de todas as peças existentes nessas gavetas;
- 10º. De acordo com o tamanho e forma da peça, procedeu-se ao enchimento das zonas suscetíveis de fragilização com rolos de papel de seda, *acid-free* (fig. 59 e 60). O mesmo procedimento foi realizado nas dobras de acondicionamento para evitar vincos. Todas as peças foram revestidas individualmente com o mesmo tipo de papel de seda (fig. 61);
- 11º. Por fim, no pano-cru de algodão de cada gaveta (fig. 62), costurou-se uma etiqueta, em tecido de algodão, com os números de inventário das peças aí armazenadas (fig. 63).

Refere-se, ainda, que o trabalho de manuseamento, acondicionamento da coleção e seleção dos materiais teve a coordenação da Doutora Rita Maltieira e por base a prática descrita em diversa bibliografia temática, como, por exemplo, a recomendada pelo Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque⁴⁷.

Tanto a ação conservativa e preventiva, como a seleção dos materiais usados ficaram condicionadas pelo espaço afeto à coleção têxtil, às dimensões e número de peças e ao orçamento aprovado. Contudo, foram sempre norteadas pelos princípios conservativos de reversibilidade, compatibilidade e intervenção mínima, assim como apoiadas pela escolha consciente de materiais de fácil acesso e com boa relação qualidade/preço.

⁴⁷Shelley, Marjorie (1987) – *The Care and Handling of Art Objects: Practices in the Metropolitan Museum of Art*. Nova Iorque: Bradford, p. 58-62.



Fig. 58: Remoção da sujidade superficial da peça com trincha e aspirador.



Fig. 59: Colocação dos rolos de papel de seda *acid-free* nas dobras.



Fig. 60: Disposição da peça na gaveta com os materiais de acondicionamento renovados.



Fig. 61: Colocação do papel de seda *acid-free*.



Fig. 62: Colocação de uma proteção em pano-cru de algodão.

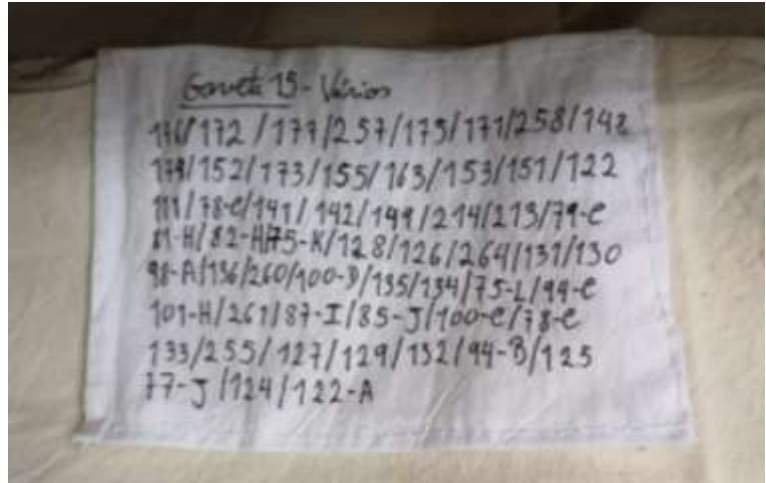


Fig. 63: Etiqueta cosida com os números de inventário das peças guardadas na gaveta 15.

3.11. Formação dos Colaboradores

Com o objetivo de sensibilizar a equipa da Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto para o acondicionamento e manuseamento da coleção têxtil, desenvolvemos uma formação teórico-prática sobre o tema.

Num primeiro momento, apresentou-se um *PowerPoint*® (apêndice IV) onde se descreveu a intervenção de conservação e restauro em curso na colcha adamacada e se divulgaram as práticas adequadas a um correto acondicionamento dos têxteis (fig. 64); num segundo momento, efetuou-se uma demonstração prática do acondicionamento de três peças da coleção de paramentaria (fig. 65). Durante esta segunda fase foi ainda fomentado o diálogo com os colaboradores, que levantaram questões pertinentes sobre o uso, conservação e preservação da coleção têxtil da Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto e que, em conjunto, encontraram soluções adequadas aos princípios de conservação.

No final da formação, o interesse demonstrado pelos colaboradores comprovou que estas iniciativas são importantes e eficazes ferramentas na defesa e preservação das coleções têxteis.



Fig. 64: Exposição teórica aos colaboradores sobre as práticas adequadas de acondicionamento e manuseamento da coleção têxtil.



Fig. 65: Exposição prática aos colaboradores sobre as práticas adequadas de acondicionamento e manuseamento da coleção têxtil.

4. CONCLUSÃO

Consideramos, após conclusão do presente estágio curricular, ter contribuído para a preservação do acervo da coleção de paramentaria da Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto e, desta forma, do património histórico-artístico da cidade do Porto e de Portugal.

Mediante as problemáticas enfrentadas, tivemos de organizar a ação de forma a adequá-la às condições espaciais/ambientais existentes para o desenvolvimento da intervenção e armazenamento da peça/coleção, sem prejudicar o acervo.

O principal foco da ação desenvolvida foi a recuperação da função da colcha de seda adamascada, introduzindo-se o mínimo de alterações possíveis para não adulterar o aspeto original da peça. Para tal, foi necessária uma avaliação do estado da colcha e planificação da ação interventiva, adequando materiais e técnicas a aplicar de acordo com as boas práticas recomendadas para a conservação e restauro de têxteis e orientações da Doutora Rita Maltieira, coorientadora deste estágio de mestrado.

De forma a estabelecer as melhores condições possíveis à preservação das obras, contribuindo para o prolongamento do seu tempo de vida, procedeu-se ao acondicionamento da peça/coleção, seguindo-se as recomendações adequadas para o acondicionamento de coleções têxteis, tendo em conta o contexto espacial/ambiental onde se inserem, os instrumentos e materiais apropriados.

A ação desenvolvida baseou-se na constante pesquisa e reflexão, assim como no debate de questões técnicas e científicas adequadas às práticas de conservação e restauro, de forma a sustentar todas as decisões de intervenção realizadas. É aqui de referir a constante recetividade que a Doutora Rita Maltieira revelou às propostas de intervenção por nós formuladas ao longo do estágio.

As relações socioprofissionais estabelecidas pautaram-se pelo espírito colaborativo, de respeito e cordialidade com todos os colaboradores. Foram respeitados os vínculos hierárquicos e assimilado o funcionamento da instituição. Poder-se-á afirmar que a integração na Ordem foi positiva e o trabalho desenvolvido foi reconhecido e valorizado, considerando esta experiência enriquecedora e motivante para o exercício da profissão.

Por fim, como constrangimento, refira-se que a ação a desenvolver necessitava de um período temporal mais alargado do que o definido para o estágio, pois, apesar da sua conclusão estar programada para maio, só foi finalizado em agosto.

5. FONTES E BIBLIOGRAFIA

5.1. Fontes Computorizadas - Internet

Armindo, Eva (2009) – Frontal de Altar e Coleção Têxtil Igreja de Nossa Senhora da Piedade de Santarém. *A Prática da Teoria – Tratamentos de Conservação e Restauro. Atas das II Jornadas ARP – Associação Profissional de Conservadores-Restauradores de Portugal*. Lisboa, 29 e 30 de Maio de 2009. In: <https://repositorio.ul.pt> (2019.09.27; 23h);

CAMEO: *Conservation & Art Materials Encyclopedia Online*. In: <http://cameo.mfa.org> (2019.05.21; 20h);

Canadian Conservation Institute (CCI) (2013) – *CCI Notes 13/1: Textiles and the Environment*. In: <https://www.canada.ca> (2019.06.19; 21h);

Canadian Conservation Institute (CCI) (2008) – *CCI Notes 13/2: Flat Storage for Textiles*. In: <https://www.canada.ca> (2019.06.19; 21h);

Canadian Conservation Institute (CCI) (2008) – *CCI Notes 13/3: Rolled Storage for Textiles*. In: <https://www.canada.ca> (2019.06.19; 21h);

Canadian Conservation Institute (CCI) (2009) – *CCI Notes 13/7: Washing Non-Coloured Textiles*. In: <https://www.canada.ca> (2019.06.19; 21h);

Canadian Conservation Institute (CCI) (2008) – *CCI Notes 13/10: Stitches Used In Textile Conservation*. In: <https://www.canada.ca> (2019.06.19; 21h);

Canadian Conservation Institute (CCI) (2010) – *CCI Notes 13/16: Mechanical Surface Cleaning of Textiles*. In: <https://www.canada.ca> (2019.06.19; 21h);

Instituto Português de Conservação e Restauro (2009) – *Manto de Nossa Senhora da Oliveira*. Guimarães: Museu Alberto Sampaio. In: <https://issuu.com> (2019.08.01; 17h);

Museu Machado de Castro – *Têxteis*. In: <http://www.museumachadocastro.gov.pt> (2019.05.21; 19h);

Ordem de São Francisco do Porto – *A instituição*. In: <http://ordemsaofrancisco.pt> (2018.12.21; 22h);

Ordem de São Francisco do Porto – *Igrejas e Museu*. In: <http://ordemsaofrancisco.pt> (2018.12.21; 22h);

Sousa, Francisco Claudivan [et al.] (2003) – *Fibras Proteicas*. Rio Grande: Universidade do Rio Grande Norte. p. 14. In: <http://clovisbezerra.tripod.com> (2019.09.26; 17h).

5.2. Bibliografia

- Ahmed, Harby E. (2014) – A New Approach to the Conservation of Metallic Embroidery Threads In Historic Textile Objects From Private Collections. *International Journal Of Conservation Science*. Vol. 5. Cairo: Cairo University;
- Alarcão, Teresa; Pacheco Pereira, Teresa (1999) – *Normas de Inventário- Têxteis*. Museu Nacional de Arte Antiga. Instituto Português de Museus. Lisboa: Instituto Português de Museus;
- Almeida, C.; Pais De Brito, J.; Melo, P. (2007) – *Normas de Inventário: Tecnologia Têxtil. Etnologia*. Lisboa: Instituto Português de Museus;
- Balazsy, A.T.; Eastop, D. (1998) – *Chemical Principles of Textile Conservation*. Routledge Series in Conservation and Museology. Boston: Butterworth-Heinemann;
- Basile, E.I. et al (1990) – *I Supporti Nelle Arti Pittoriche, Storia, Técnica, Restauro*. Milano: Gruppo Ugo Mursia Editore;
- Bastos, Carlos (1954) – *Subsídios para a História da Arte Ornamental dos Tecidos*. Porto: Tipografia Portugália;
- Bastos, Carlos (1960) – *Indústria e Arte Têxtil*. Porto: [s.n.];
- Brooks, Mary; [et al.] (1994) – Restauro e Conservação: Algumas Questões para os Conservadores. A Perspetiva da Conservação de Têxteis. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, vol.2, 1. São Paulo: Museu Paulista;
- Brooks, Mary M.; Eastop, Diana D. (2011) – *Changing Views of Textile Conservation*. ed. [S.l.]: Getty Publications;
- Buck, Anne (1982) – Vocabulary of Basic Terms for Cataloguing Costume. *ICOM International Committee for the Museums and Collections of Costume*. München: Deutscher Kunstverlag. pp. 119-152;
- Calvo, Ana (1997) – *Conservación y Restauración. Materiales, Técnicas y Procedimientos de la A la Z*. Barcelona: Ediciones del Serbal;
- Centre International D'étude Des Textiles Anciens (1976) - *Vocabulário Português de Técnica Têxtil*. Lyon: C.I.E.TA.;
- Clementina Quaresma, Maria (1999) – *A Igreja dos Terceiros da Venerável Ordem de S. Francisco e os Seus Artistas*. ed. [S.l.: s.n.];
- Cook, J. Gordon (1959) – *Handbook of Textile Fibres, Vol. I - Natural Fibres*. Cambridge: Woodhead Publishing Limited;
- Corah, Gayle (1977) – *Textile Conservation: Deterioration of Material*. Nova Iorque: Rochester Institute of Technology;
- Costa, M. Pinto da (2004) – Glossário de Termos Têxteis e Afins. *Revista da Faculdade de Ciências e Técnicas do Património*, I série, vol. III. Porto: FLUP. pp. 137-161;
- Falcão, José António, dir. (2000) – *Entre o Céu e a Terra*. Vol. III. Beja: Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja;

Falcão, José António, dir. (2002) – *As formas do espírito: Arte sacra do Sul de Portugal*. Vol. III. Beja: Departamento de Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja;

Feltwell, John (1990) – *The Story of Silk*. Nova Iorque: St. Martin's Press;

Ferreira-Alves, Joaquim Jaime B. (2003) – Elementos para o estudo da arquitetura das duas primeiras capelas da Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto. *Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Património*, vol. II. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. pp. 347-364;

Finch, Karen; Puntnam, Greta (1985) – *The Care & Preservation of Textiles*. London: B.T. Batsford;

Instituto Português de Conservação e Restauro (2009) – *Manto de Nossa Senhora da Oliveira*. Guimarães: Museu Alberto Sampaio;

Jedrzejewska, Hanna (1980) – *Problems of Ethics in the Conservation of Textiles*. ed. [S.l.: s.n.];

Jenkins, David (2003) – *The Cambridge History of Western Textiles I*. Vol. I Cambridge: Cambridge University Press;

Juliano, José Arnaldo (2011) – *Vestes Sagradas*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo;

Kerry, S. (2007) – *Identifying Textile Types and Weaves*. London: DATS;

Landi, Sheila. (1998) – *The Textile Conservator's Manual*. Woburn, MA: Butterworth Heinemann;

Leene, Jentina E. (1972) – *Textile Conservation*. The International Institute for Conservation of Historic and Artistic Works. London: Butterworths;

Lister, A. (1996) – *Guidelines for the Conservation of Textiles*. London: English Heritage Publisher;

Malland, Harold F. (1980) – *Considerations for the Care of Textiles and Costumes*. Indianapolis: Indianapolis Museum of Art;

Mahieu, Etienne (1993) – *Química para o Restaurador de Obras de Arte*. Belgium N. V: S.A. Conservart;

Mayer, D.D. (2012) – Identification of Textile Fibres Found in Common Painting Supports. Stoner, J. H.; Rushfield, R. (eds.). *Conservation of Easel Paintings*. Oxon: Routledge. pp. 242-251;

Moncrieff, A.; Weaver, G. (1987) – *Science for Conservators, volume 1 - An Introduction to Materials*. London: The Conservation Unit of The Museums and Galleries Commission;

Morais, Rita (2016) – *A Tela na Pintura Portuguesa: Materiais e Técnicas, do Século XV ao Século XIX*. Tese de doutoramento. Porto: UCP;

Museo Nacional de Antropología Y Arqueología (1977) – *Los Textiles Precolombinos y su Conservación*. Lima: UNESCO/PNUD;

Museums & Galleries Commission (2000) – *An Illustrated Guide to the Care of Costume and Textile Collections*. London: Museums & Galleries Commission;

Neira, Luz García; Viana, Fausto (2010) – Princípios Gerais de Conservação Têxtil. *Revista CPC*. São Paulo. 10. pp. 206-233;

Nicolau, Knut (1999) – *Manual de Restauración de Cuadros*. Eslovenia: Konemann;

Noites, Angelina Maria Soares, coord. (1993) – O esplendor do Barroco: O traje litúrgico do Mosteiro de Arouca. Lisboa: RIRSMA/Fundação Eng António de Almeida.

Paula, Teresa Cristina Toledo de (1994) – Conservação de Têxteis Históricos – Uma Bibliografia Introdutória. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, vol. II, 2. São Paulo: Museu Paulista;

Pereira, Teresa M. de Carvalho (2009) – *Instituto Monsenhor Airosa – Museu Vivo*. Tese de mestrado. Minho: Universidade do Minho;

Rocha, Analdina Sousa (2009) – *Coleção de Paramentaria do Museu da Ordem de São Francisco do Porto, Vol. I, Tipologias de Paramentaria*. Porto: [s.n.];

Shelley, Marjorie (1987) – *The Care and Handling of Art Objects: Practices in the Metropolitan Museum of Art*. Nova Iorque: Bradford;

Sousa, Gonçalo de Vasconcelos e (1998) – *Metodologia da Investigação, Redação e Apresentação de Trabalhos Científicos*. Porto: Livraria Civilização Editora;

Sousa, Gonçalo de Vasconcelos e, dir. (1998) – *Ourivesaria e Paramentaria da Misericórdia do Porto*. Porto: Santa Casa da Misericórdia do Porto;

Stolow, Nathan (1987) – *Conservation and Exhibition: Packing, Transport, and Environmental Considerations*. London: Butterworth-Heinemann;

The Textile Institute (1985) – *Identification of Textile Materials*. 7.^a ed. Manchester: The Textile Institute;

Tomás, P. (2005) – Estudo e Tratamento de uma Casula do Museu Nacional de Arte Antiga. *Revista Conservar Património*. 1. Lisboa: Associação Profissional de Conservadores-
-Restauradores de Portugal (ARP). pp.55-62;

Viciosa, Iván Mateo (2018) – *Conservación y Restauración de Textiles*. Madrid: Editorial Síntesis;

Villarquide, A. J. (1999) – *A Pintura Sobre Tela. Historiografia, Técnicas e Materiais*. Coruña: Edícios do Castro;

White, S. 1994 – *The Role of Costume Mounting in Preventive Conservation*. Ottawa: [s.n.].

APÊNDICES

I. Estudo dos Valores de Temperatura e Humidade Relativa de um Possível Local para a Exposição da Peça na Vertical

Com o objetivo de recolher elementos sobre as condições ambientais para a possível exposição da peça na vertical, no espaço reservado para a mesma (fig. 66), colocou-se um termohigrógrafo no local (fig. 67) e registaram-se os valores de temperatura e humidade relativa para avaliar os riscos da pretendida exposição, entre 26 de março e 23 de abril. Embora não se tenha concretizado a exposição, analisaram-se os valores recolhidos, sendo de referir que a temperatura oscilou entre 13°C de mínima e os 16°C de máxima e a humidade relativa entre os 41% de mínima e os 92% de máxima. Perante estes valores, verificou-se que as variações de temperatura não eram significativas, pelo que o risco de exposição não seria relevante, o que já não se aplicou às de humidade relativa. Em relação à H.R., importa mencionar que a oscilação dos valores da mesma estará relacionada com as condições climáticas do exterior, as condições de construção do edifício e o fluxo de visitantes. Caso se concretize a exposição, ter-se-á que minorizar este fator de risco através de um controlo eficaz da ventilação e da iluminação, recorrendo a aparelhos climatizadores, uma vez que os valores ideais devem encontrar-se entre 20% a 60%.⁴⁸

Este estudo foi realizado em colaboração com os alunos do 1.º ano da licenciatura de Conservação e Restauro da Universidade Católica Portuguesa do Porto.

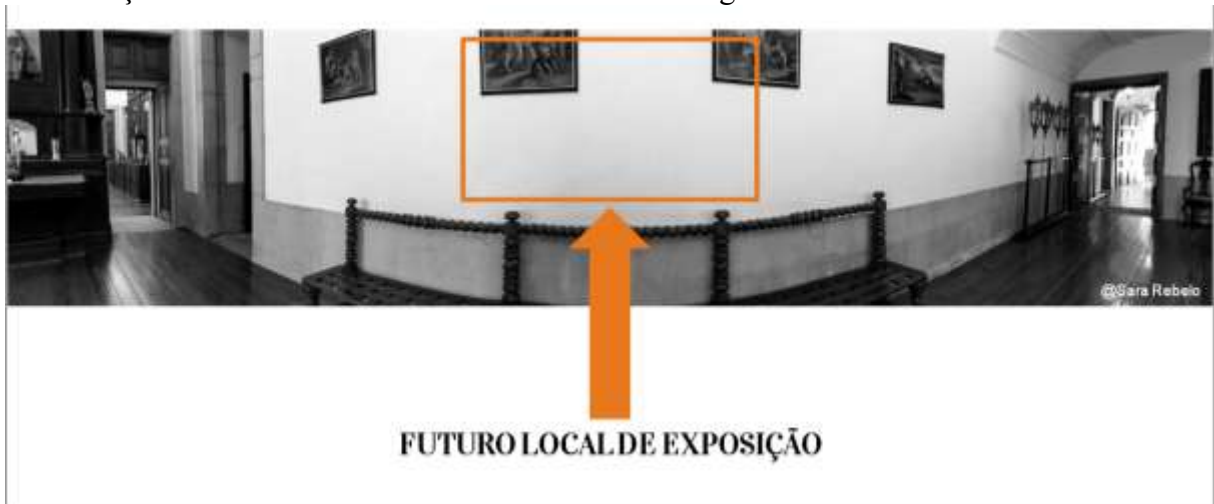


Fig. 66: Imagem panorâmica do local expositivo.

⁴⁸ Instituto Português de Conservação e Restauro (2009) – *Manto de Nossa Senhora da Oliveira*. Guimarães: Museu Alberto Sampaio, p. 42.

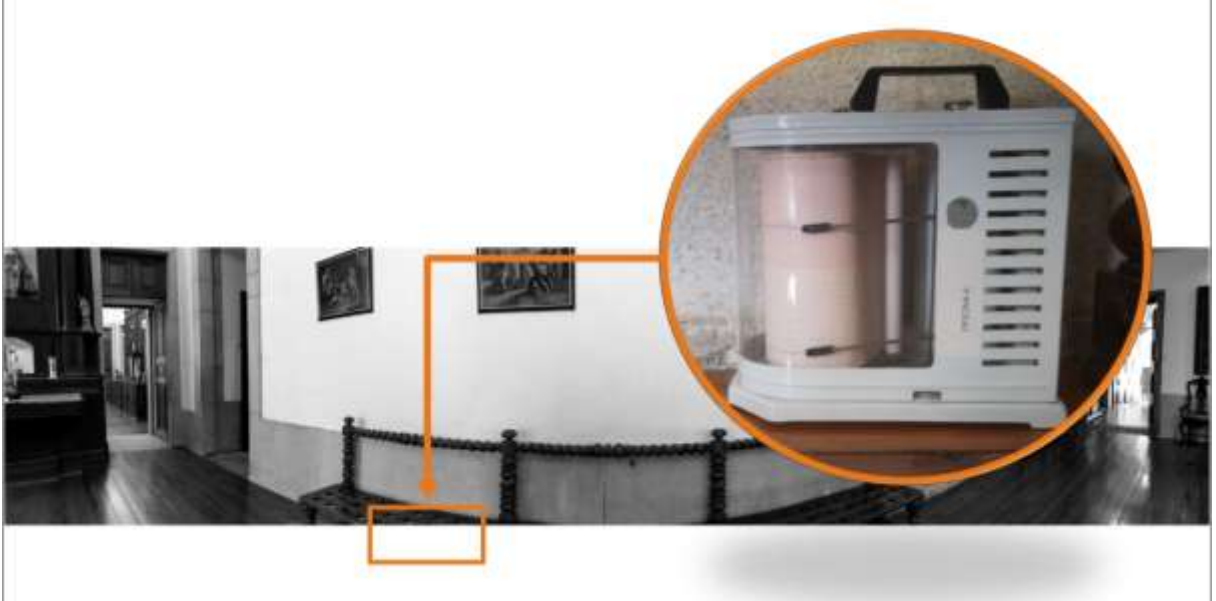


Fig. 67: Local de medição da temperatura e humidade relativa com o termohigrógrafo.

II. Apêndice fotográfico

Intervenção de Restauro da Colcha

Antes da Intervenção



Fig. 68: Rutura do suporte no damasco



Fig. 69: Marcas de humidade.

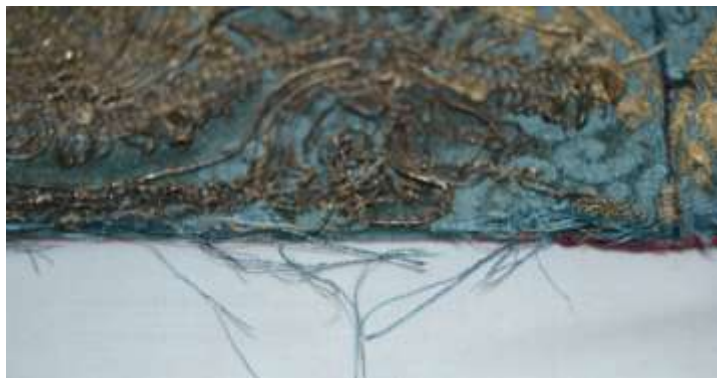


Fig. 70: Oxidação da renda metálica, destacamento dos fios de seda e evidência de abrasão do suporte adamascado.



Fig. 71: Canto da colcha com lacunas, rutura do suporte e quebra de uniões.



Fig. 72: Quebra de uniões no espolinado.



Fig. 73: Rasgões no forro vermelho.



Fig. 74: Marcas de humidade no reverso.



Fig. 75: Intervenção posterior e lacuna.



Fig. 76: Remendo acrescentado posteriormente no reverso.



Fig. 77: Rasgão no suporte no suporte do reverso.



Fig. 78: Pormenor do tecido adamascado com evidente desgaste, rutura e desalinhamento de fios, assim como destacamento e desalinhamento do galão.

Durante a Intervenção



Fig. 79: Bocal do aspirador preparado com a gaze para a remoção de sujidades superficiais.



Fig. 80: Costura de uma intervenção posterior.



Fig. 81: Costura de uma intervenção posterior.



Fig. 82: Reidratação do suporte adamascado.



Fig. 83: Colocação do reforço em tecido de Poliéster®, para a consolidação estrutural do tecido adamascado.



Fig. 84: Realinhamento dos fios de seda da colcha.



Fig. 85: Colocação de alfinetes etimológicos para fixação do reforço ao tecido adamascado.



Fig. 86: Colocação de alfinetes etimológicos para realinhamento e consolidação do tecido adamascado,



Fig. 87: Realinhamento dos fios com uma pinça.



Fig. 88: Estado de conservação do forro vermelho no canto.



Fig. 89: Pormenor da costura posterior e fios quebrados e desalinados no suporte adamascado.



Fig. 90: Remoção da costura posterior.

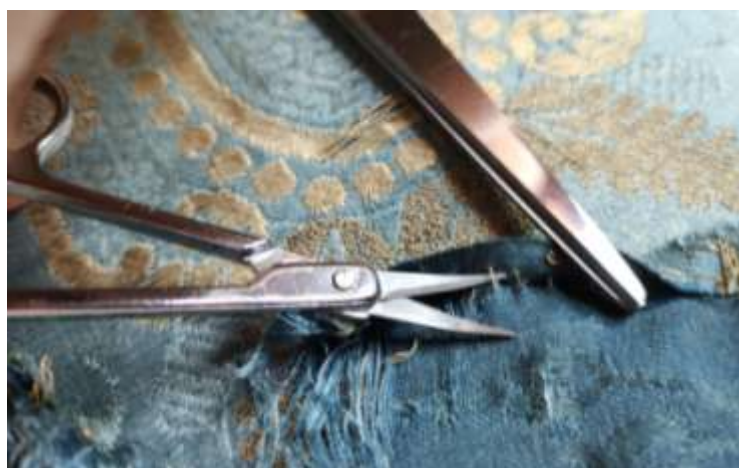


Fig. 91: Remoção das costuras das margens da colcha.



Fig. 92: Colocação de alfinetes etimológicos para realinhamento do suporte adamascado.



Fig. 93: Consolidação estrutural do tecido adamascado através de pontos de conservação (ponto de bolonha).



Fig. 94: Aplicação de peso para planificar o suporte.



Fig. 95: Aplicação de peso para planificar o suporte.



Fig. 96: Colocação de alfinetes etimológicos para fixação do tecido de suporte.



Fig. 97: Consolidação estrutural do forro com pontos de conservação (ponto de bolonha).



Fig. 98: Tecidos usados na consolidação do tecido adamascado e do forro.

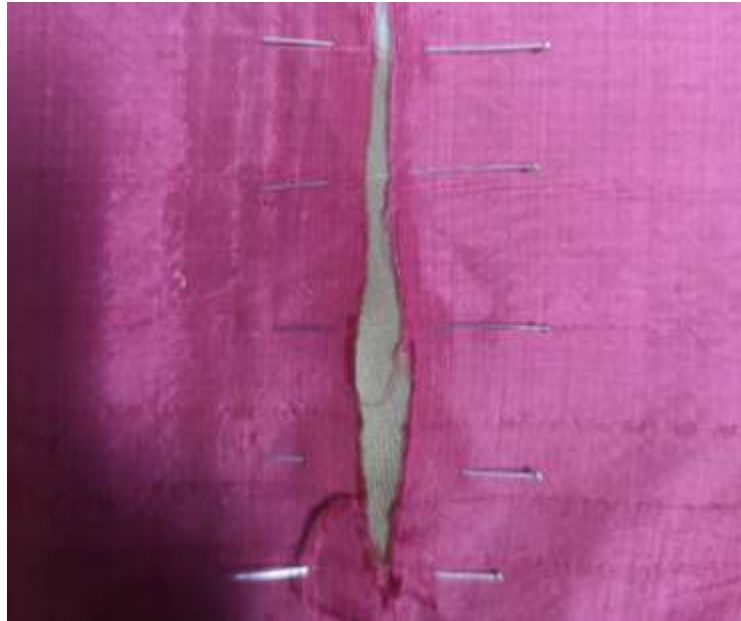


Fig. 99: Colocação de alfinetes etimológicos para consolidação do tecido de suporte.



Fig. 100: Colocação de alfinetes etimológicos para fixação do tecido adamascado.



Fig. 101: Consolidação estrutural da frente da colcha com pontos de conservação (ponto de bolonha).

Depois da Intervenção



Fig. 102: Pormenor da consolidação estrutural do forro vermelho.



Fig. 103: Consolidação estrutural do forro vermelho.



Fig. 104: Colcha finalizada com suporte de proteção em tule.



Fig. 105: Canto da colcha finalizada com o tule.



Fig. 106: Pormenor de lacuna finalizada com a proteção em tule.



Fig. 107: Colcha finalizada.



Fig. 108: Colcha finalizada (reverso).

Imagens de SEM-EDX

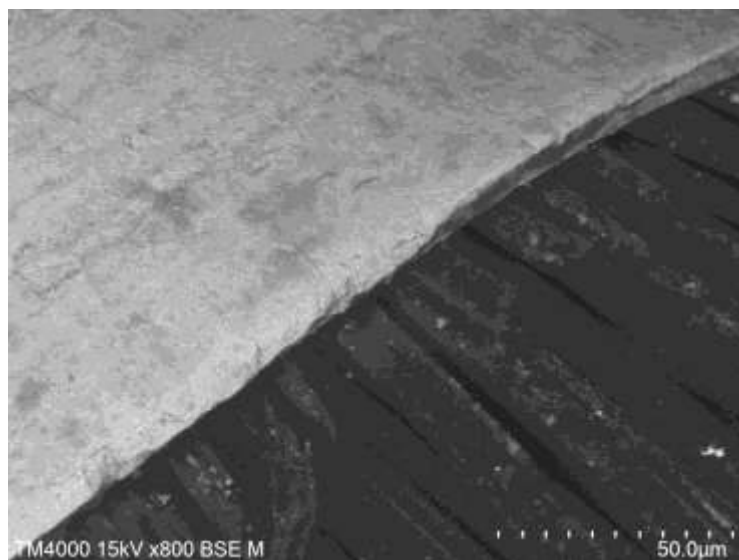


Fig. 109: Imagem SEM-EDX do fio metálico dourado do galão, ampliação de 5000x.

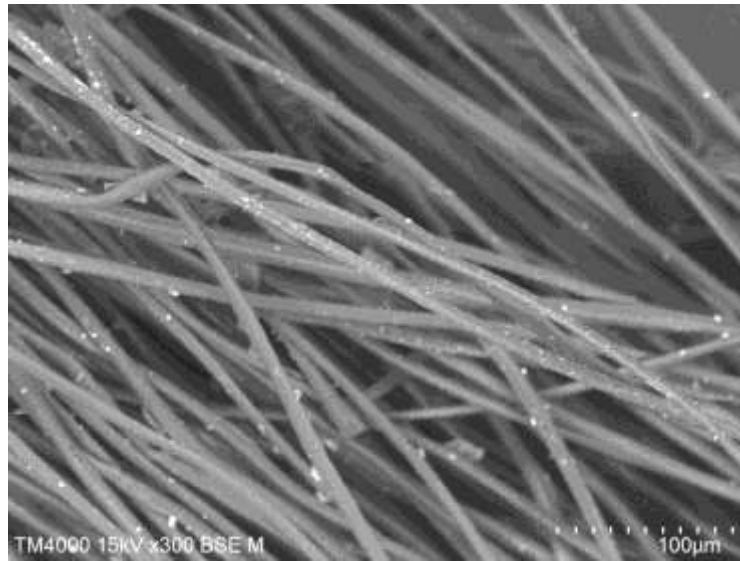


Fig. 110: Imagem SEM-EDX do fio azul do tecido adamascado, ampliação de 100x.

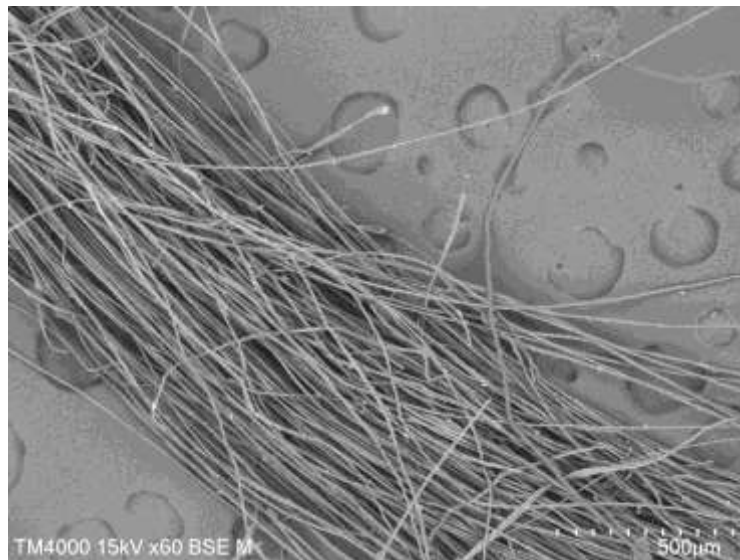


Fig. 111: Imagem SEM-EDX do fio azul do tecido adamascado, ampliação de 500x.

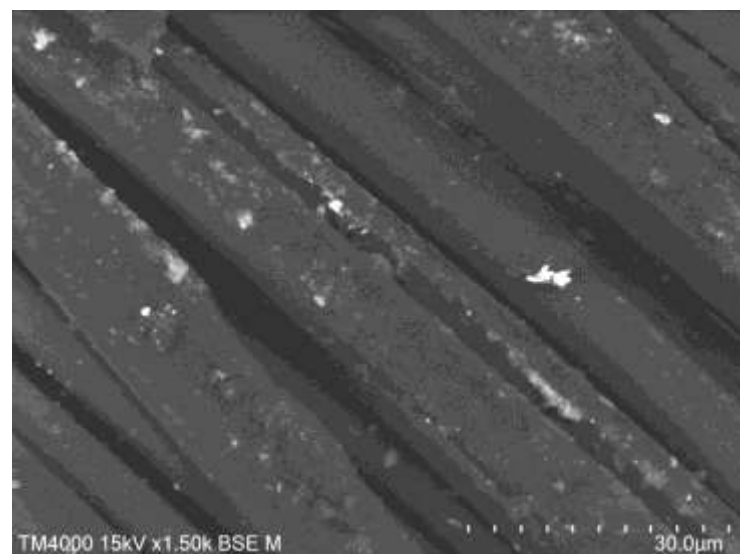


Fig. 112: Imagem SEM-EDX do fio azul do tecido adamascado, ampliação de 3000x.

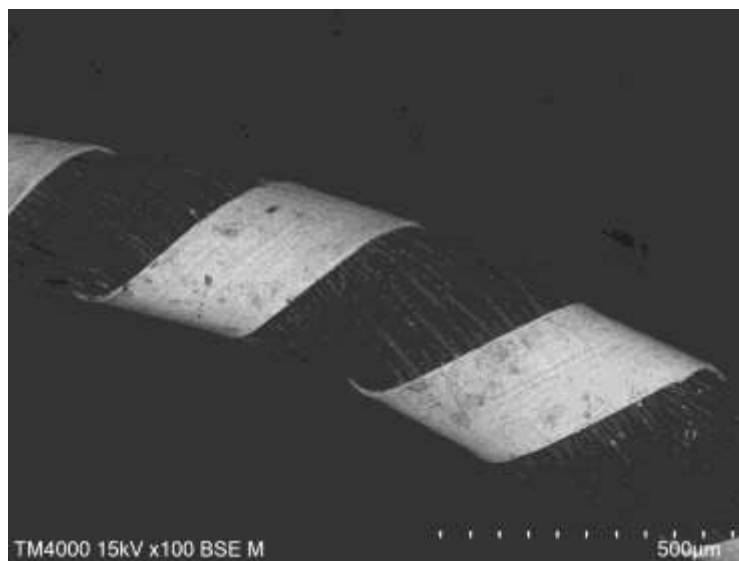


Fig. 113: Imagem SEM-EDX do fio dourado do espolinado, ampliação de 500x.

Imagens *Dino-lite*®



Fig. 114: Imagem *Dino-lite*® do cruzamento entre a seda azul e os fios metálicos dourados.



Fig. 115: Imagem *Dino-lite*® dos fios metálicos dourados do espolinado.



Fig. 116: Imagem *Dino-lite*® da tecelagem do cetim adamascado.

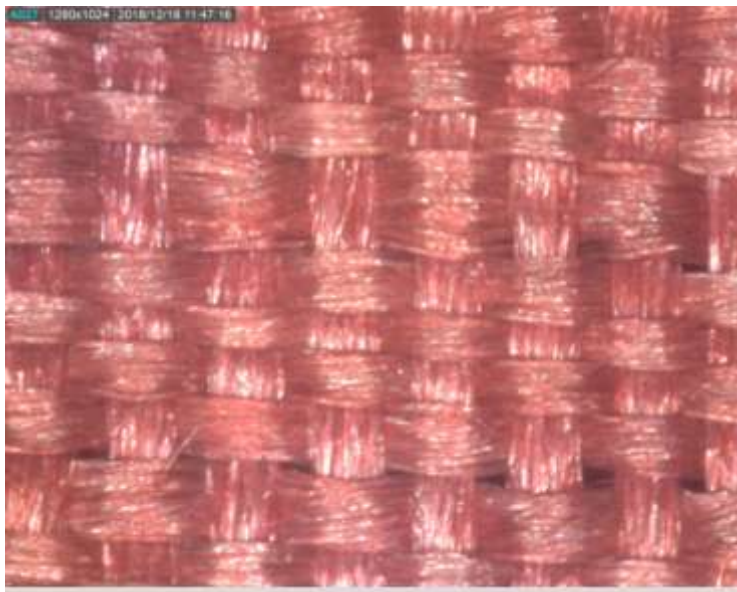


Fig. 117: Imagem *Dino-lite*® da tecelagem do tecido em tafetá vermelho.



Fig. 118: Imagem *Dino-lite*® da tecelagem do cetim adamascado.

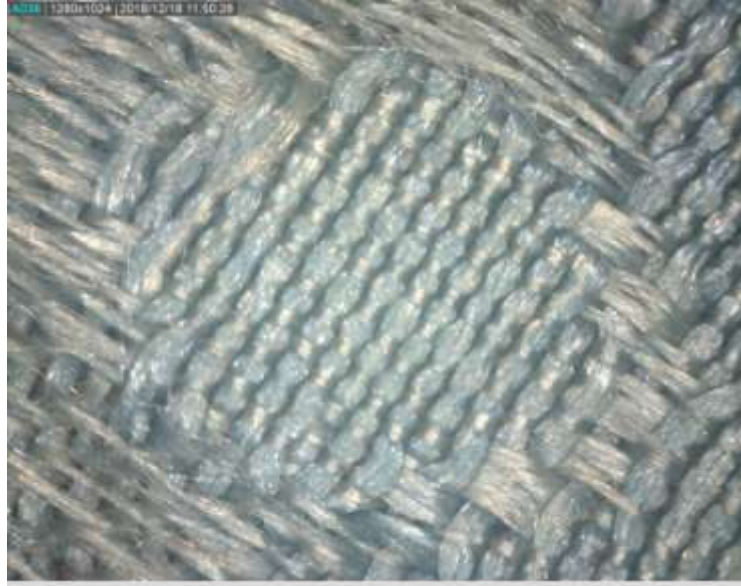


Fig. 119: Imagem *Dino-lite*® da tecelagem do damasco.

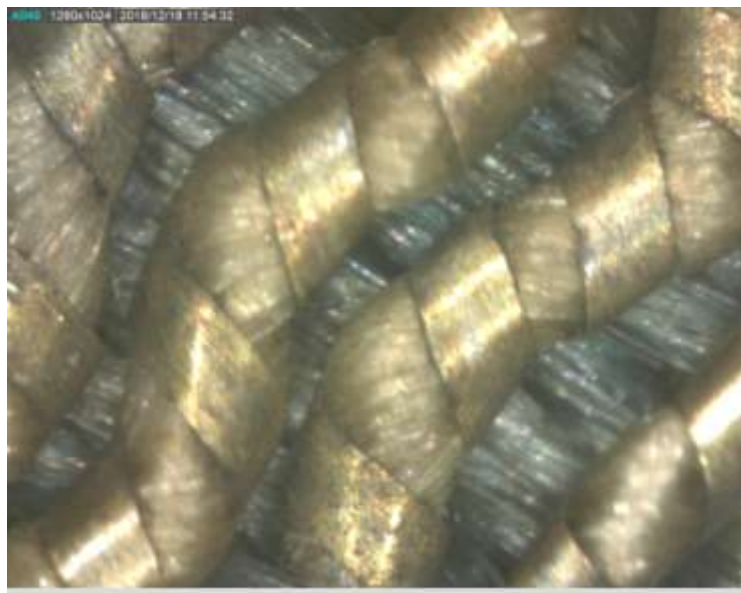


Fig. 120: Imagem *Dino-lite*® dos fios dourados.



Fig. 121: Imagem *Dino-lite*® dos fios dourados.



Fig. 122: Imagem *Dino-lite*® dos fios dourados do galão no damasco.

III. Apêndice - Acondicionamento da coleção de paramentaria

Em relação a cada peça da coleção de paramentaria, é indicado, nas tabelas seguintes, o seu número de inventário, com indicação da figura correspondente em baixo, a sua tipologia, o seu estado de conservação (muito bom (MB), bom (B), razoável (R) e mau (M)) e as suas patologias. Também se indica na última coluna se a peça em questão necessita de restauro.

Gaveta 1 - Sanefas, cortinas e véus de cálice

	Número de Inv.	Tipologia	Estado (MB/B/R/M)	Patologias	Restauro
1	166 (fig.123)	Sanefa	Raz	Sujidade entranhada, vincos e dobras, lacunas e lacerações, manchas de oxidação, marcas de humidade, manchas de fumo e cera	Sim
2	183 (fig.124)	Sanefa	B	Sujidade entranhada, vincos e dobras, lacunas, destacamento de elementos decorativos, oxidação dos elementos metálicos e marcas de tinta	Sim
3	206 (fig.125)	Faixa	M	Sujidade entranhada, vincos e dobras, lacunas e lacerações, manchas de oxidação, manchas de cera, quebra de uniões, marcas de tinta e intervenções posteriores	Sim
4	207 (fig.126)	Sanefa	M	Sujidade entranhada, vincos e dobras, lacunas e lacerações e intervenções posteriores	Sim
5	212 (fig.127)	Faixa	MB	Sujidade entranhada, desgaste e oxidação dos elementos metálicos.	
6	208 (fig.128)	Sanefa	B	Sujidade entranhada, vincos e dobras, lacunas e desgaste do veludo.	Sim
7	205 (fig.129)	Sanefa	B	Sujidade entranhada, desgaste, lacunas e lacerações, manchas de oxidação, oxidação dos elementos metálicos e marcas de tinta	Sim
8	211 (fig.130)	Faixa	MB	Sujidade entranhada, desgaste, lacunas e oxidação dos elementos metálicos.	
9	210 (fig.131)	Sanefa	Raz	Sujidade entranhada (incluindo cera), desgaste, lacunas e manchas de oxidação, marcas de água, quebra de uniões, marcas de tinta	Sim
10	166-A (fig.132)	Cortina	M	Sujidade entranhada (incluindo cera), vincos e dobras, lacunas e lacerações, marcas de humidade e oxidação dos elementos metálicos.	Sim
11	166-B (fig.133)	Cortina	M	Sujidade entranhada (incluindo cera), vincos e dobras, lacunas e lacerações e oxidação dos elementos metálicos.	Sim
12	88-C (fig.134)	Véu de cálice	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos.	

13	244 (fig.135)	Véu de cálice	MB	Sujidade entranhada (incluindo cera), dobras e vincos.	
14	263 (fig.136)	Véu de cálice	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos.	
15	259 (fig.137)	Véu de cálice	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos.	
16	79-D (fig.138)	Véu de cálice	MB	Sujidade entranhada, marcas de humidade, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
17	75-N (fig.139)	Véu de cálice	MB	Sujidade entranhada, marcas de humidade, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
18	75-M (fig.140)	Véu de cálice	MB	Sujidade entranhada, marcas de humidade, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
19	75-O (fig.141)	Véu de cálice	Raz	Sujidade entranhada, secura das fibras, quebra de uniões, marcas de humidade, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim
20	93-E (fig.142)	Véu de cálice	M	Sujidade entranhada, secura das fibras, quebra de uniões, descoloração, marcas de humidade, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim
21	115 (fig.143)	Véu de cálice	M	Sujidade entranhada, secura das fibras, quebra de uniões, marcas de humidade, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim
22	113 (fig.144)	Véu de cálice	M	Sujidade entranhada, secura das fibras, quebra de uniões, lacunas, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
23	235 (fig.145)	Véu de cálice	M	Sujidade entranhada, secura das fibras, quebra de uniões, marcas de humidade, dobras e vincos.	Sim
24	117 (fig.146)	Véu de cálice	M	Sujidade entranhada, secura das fibras, quebra de uniões, marcas de humidade, dobras e vincos.	Sim
25	101-I (fig.147)	Véu de cálice	M	Sujidade entranhada, secura das fibras, quebra de uniões, marcas de humidade, dobras e vincos.	Sim
26	102-I (fig.148)	Véu de cálice	M	Sujidade entranhada, secura das fibras, quebra de uniões, lacunas, marcas de humidade, dobras e vincos.	Sim
27	116 (fig.149)	Véu de cálice	M	Sujidade entranhada, secura das fibras, quebra de uniões, lacunas, marcas de humidade, dobras e vincos.	
28	119 (fig.150)	Véu de cálice	M	Sujidade entranhada, secura das fibras, quebra de uniões, lacunas, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim
29	123 (fig.151)	Véu de cálice	M	Sujidade entranhada, secura das fibras, marcas de humidade, dobras e vincos.	

30	114 (fig.152)	Véu de cálice	M	Sujidade entranhada, secura das fibras, marcas de humidade, dobras e vincos.	
----	------------------	------------------	---	---	--

Tabela 6: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 1.

Gaveta 2 - Almofadas

	Número de Inv.	Tipologia	Estado (MB/B/R/M)	Patologias	Restauro
31	75-P (fig.153)	Almofada	B	Sujidade entranhada (incluindo cera), oxidação dos elementos metálicos, marcas de humidade e quebra de uniões.	
32	82 (fig.154)	Almofada	B	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos e marcas de humidade.	
33	237 (fig.155)	Almofada	B	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, desgaste e quebra de uniões.	
34	85-K (fig.156)	Almofada	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos e quebra de uniões.	
35	77-K (fig.157)	Almofada	B	Sujidade entranhada, marcas de humidade, oxidação dos elementos metálicos, lacunas e quebra de uniões.	Sim
36	139 (fig.158)	Almofada	B	Sujidade entranhada (incluindo cera), oxidação dos elementos metálicos, destacamento dos elementos decorativos, ausências de elementos decorativos e quebra de uniões.	
37	137 (fig.159)	Almofada	B	Sujidade entranhada, oxidação e destacamento dos elementos metálicos.	
38	140 (fig.160)	Almofada	B	Sujidade entranhada (incluindo cera), oxidação dos elementos metálicos, destacamento dos elementos decorativos, ausências de elementos decorativos, marcas de humidade e quebra de uniões.	
39	77-L (fig.161)	Almofada	B	Sujidade entranhada, marcas de humidade, oxidação dos elementos metálicos, lacunas e quebra de uniões.	Sim
40	82-I (fig.162)	Almofada	Raz	Sujidade entranhada (incluindo cera), oxidação dos elementos metálicos, lacunas e quebra de uniões.	Sim
41	138 (fig.163)	Almofada	B	Sujidade entranhada (incluindo cera), oxidação dos elementos metálicos, destacamento dos elementos decorativos, ausências de elementos decorativos e quebra de uniões.	
42	235 (fig.164)	Almofada	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos e lacunas.	Sim

Tabela 7: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 2.

Gaveta 3 - Capas de Asperges

	Número de Inv.	Tipologia	Estado (MB/B/R/M)	Patologias	Restauro
43	87-C (fig.165)	Capa de asperges	MB	Sujidade entranhada (incluindo marcas de cera), oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
44	85 (fig.166)	Capa de asperges	MB	Sujidade entranhada (incluindo marcas de cera), marcas de humidade, quebra de uniões, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim - mínima
45	86 (fig.167)	Capa de asperges	MB	Sujidade entranhada (incluindo marcas de cera), marcas de humidade, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
46	87 (fig.168)	Capa de asperges	MB	Sujidade entranhada (incluindo marcas de cera), quebra de uniões, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim - mínima
47	80 (fig.169)	Capa de asperges	MB	Sujidade entranhada (incluindo marcas de cera), marcas de humidade, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
48	76 (fig.170)	Capa de asperges	M	Sujidade entranhada, lacunas, quebra de uniões, secura das fibras, marcas de humidade, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim - urgente
49	217 (fig.170)	Parte de capa de asperges	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	

Tabela 8: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 3.

Gaveta 4 - Frontais, bandas de andor, colchas e variados

	Número de Inv.	Tipologia	Estado (MB/B/R/M)	Patologias	Restauro
50	--- (fig.172)	Bandas de andor	MB	Sujidade entranhada, vincos e dobras, lacunas, marcas de tinta e oxidação.	Sim - mínima
51	--- (fig.174)	Bandas de andor	MB	Sujidade entranhada, vincos e dobras, lacunas, marcas de tinta e oxidação.	Sim - mínima
52	--- (fig.175)	Pano	MB	Sujidade entranhada, vincos e dobras.	
53	--- (fig.184)	Pano	MB	Sujidade entranhada, vincos e dobras.	
54	267 (fig.173)	Frontal	B	Sujidade entranhada, vincos e dobras, oxidação dos elementos metálicos, lacunas, manchas de cera e tinta de ferrugem e quebra de uniões	
55	--- (fig.176)	Colcha	MB	Sujidade entranhada, vincos e dobras, lacunas, marcas de oxidação e intervenções posteriores.	Sim - mínima
56	---	Colcha	MB	Sujidade entranhada, vincos e dobras,	Sim -

	(fig.177)			lacunas, marcas de oxidação e intervenções posteriores.	mínima
57	--- (fig.179)	Banda de andor	MB	Sujidade entranhada, vincos e dobras e marcas de oxidação.	
58	--- (fig.183)	Banda de andor	MB	Sujidade entranhada, vincos e dobras e marcas de oxidação.	
59	194 (fig.178)	Banda de andor	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, vincos e dobras e marcas de oxidação.	
60	--- (fig.182)	Banda de andor	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, vincos e dobras e marcas de oxidação e tinta.	
61	200 (fig.180)	Banda de andor	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, vincos e dobras e marcas de oxidação.	
62	209 (fig.181)	Banda de andor	MB	Sujidade entranhada, vincos e dobras e marcas de oxidação, lacunas, desgaste e oxidação dos elementos metálicos.	Sim
63	--- (fig.184)	Banda de andor	MB	Sujidade entranhada, vincos e dobras e marcas de oxidação e oxidação dos elementos metálicos.	
64	--- (fig.185)	Banda de andor	MB	Sujidade entranhada, vincos e dobras e marcas de oxidação e oxidação dos elementos metálicos.	
65	--- (fig.184)	Banda de andor	MB	Sujidade entranhada, vincos e dobras e marcas de oxidação e oxidação dos elementos metálicos.	
66	188 (fig.185)	Banda de andor	MB	Sujidade entranhada, vincos e dobras e marcas de oxidação e oxidação dos elementos metálicos.	
67	185 (fig.186)	Banda de andor	MB	Sujidade entranhada, vincos e dobras e marcas de oxidação e oxidação dos elementos metálicos. Sujidade entranhada, vincos e dobras e marcas de oxidação e oxidação dos elementos metálicos.	
68	201 (fig.187)	Banda de andor	MB	Sujidade entranhada, vincos e dobras e marcas de oxidação e oxidação dos elementos metálicos.	
69	192 (fig.188)	Banda de andor	MB	Sujidade entranhada, vincos e dobras e marcas de oxidação, intervenção posterior e oxidação dos elementos metálicos.	
70	193 (fig.189)	Banda de andor	MB	Sujidade entranhada, vincos e dobras e marcas de oxidação e oxidação dos elementos metálicos.	
71	--- (fig.190)	Banda de andor	MB	Sujidade entranhada, vincos e dobras e marcas de oxidação e oxidação dos elementos metálicos.	
72	--- (fig.190)	Banda de andor	MB	Sujidade entranhada, vincos e dobras e marcas de oxidação e oxidação dos	

				elementos metálicos.	
73	--- (fig.190)	Banda de andor	MB	Sujidade entranhada, vincos e dobras e marcas de oxidação e oxidação dos elementos metálicos.	
74	--- (fig.190)	Banda de andor	MB	Sujidade entranhada, vincos e dobras e marcas de oxidação e oxidação dos elementos metálicos.	
75	--- (fig.191)	Banda de andor	MB	Sujidade entranhada, vincos e dobras e marcas de oxidação e oxidação dos elementos metálicos.	
76	187 (fig.192)	Banda de andor	MB	Sujidade entranhada, vincos e dobras e marcas de oxidação e oxidação dos elementos metálicos.	
77	186 (fig.192)	Banda de andor	MB	Sujidade entranhada, vincos e dobras e marcas de oxidação e oxidação dos elementos metálicos.	

Tabela 9: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 4.

Gaveta 5 - Frontais

	Número de Inv.	Tipologia	Estado (MB/B/R/M)	Patologias	Restauro
78	182 (fig.193)	Frontal	Raz	Sujidade entranhada, vincos e dobras, oxidação dos elementos metálicos, lacunas, manchas de cera, tinta e de ferrugem e marcas de humidade.	Sim
79	179 (fig.194)	Frontal	B	Sujidade entranhada, vincos e dobras, oxidação dos elementos metálicos, lacunas, manchas de oxidação e de tinta.	Sim
80	268 (fig.195)	Frontal	Raz	Sujidade entranhada, vincos e dobras, oxidação dos elementos metálicos, lacunas, manchas de líquido.	Sim

Tabela 10: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 5.

Gaveta 6 - Frontais

	Número de Inv.	Tipologia	Estado (MB/B/R/M)	Patologias	Restauro
81	265 (fig.196)	Frontal	B	Sujidade entranhada, vincos e dobras, oxidação dos elementos metálicos, intervenções posteriores e marcas de humidade.	Sim- mínima
82	181 (fig.197)	Frontal	B	Sujidade entranhada, vincos e dobras, oxidação dos elementos metálicos, lacunas e marcas de oxidação e tinta	
83	1 (fig.198)	Frontal	B	Sujidade entranhada, vincos e dobras, oxidação dos elementos metálicos e marcas de oxidação.	
84	269 (fig.199)	Frontal	B	Sujidade entranhada, vincos e dobras, oxidação dos elementos metálicos, intervenções posteriores e marcas de	

				oxidação e tinta.	
85	-- (fig.200)	Frontal	B	Sujidade entranhada, vincos e dobras, oxidação dos elementos metálicos, lacunas, marcas de tinta e oxidação e quebra de uniões.	Sim
86	-- (fig.201)	Frontal	B	Sujidade entranhada, vincos e dobras, oxidação dos elementos metálicos, lacunas, marcas de tinta, cera, oxidação e humidade.	Sim

Tabela 11: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 6.

Gaveta 7 - Pálio, Bandas de andor e manto

	Número de Inv.	Tipologia	Estado (MB/B/R/M)	Patologias	Restauro
87	234 (fig.202)	Pálio	M	Sujidade entranhada, fragmentada, quebras de uniões, lacunas, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim - urgente
88	205 (fig.203)	Banda de andor	B	Sujidade entranhada, descoloração, quebra de uniões, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim
89	204 (fig.203)	Banda de andor	B	Sujidade entranhada, descoloração, quebra de uniões, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim
90	203 (fig.203)	Banda de andor	B	Sujidade entranhada, descoloração, quebra de uniões, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim
91	161 (fig.204)	Manto	M	Sujidade entranhada, descoloração, quebra de uniões, lacunas, secura das fibras, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim - urgente
92	73 (fig.205)	Capa de asperges	M	Sujidade entranhada, descoloração, quebra de uniões, lacunas, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim - urgente

Tabela 12: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 7.

Gaveta 8 - Pálios e capa de asperges

	Número de Inv.	Tipologia	Estado (MB/B/R/M)	Patologias	Restauro
93	146 (fig.206)	Pálio	MB	Sujidade entranhada, marcas de humidade, quebra de uniões, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim - mínima
94	143 (fig.207)	Pálio	M	Sujidade entranhada, secura das fibras, quebra de uniões, lacunas, marcas de tingimento e de humidade, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim - urgente

95	75 (fig.208)	Capa de asperges	B	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, intervenções posteriores, dobras e vincos.	
96	72 (fig.209)	Capa de asperges	MB	Sujidade entranhada, quebra de uniões, marcas de humidade, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
97	74 (fig.210)	Capa de asperges	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
98	2 (fig.211)	Vestido	M	Sujidade entranhada, descoloração, quebra de uniões, secura das fibras, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim - urgente

Tabela 13: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 8.

Gaveta 9 - Dalmáticas e umbela

	Número de Inv.	Tipologia	Estado (MB/B/R/M)	Patologias	Restauro
99	85-B (fig.212)	Dalmática	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, marcas de humidade, quebra de uniões, descoloração, dobras e vincos.	
100	85-A (fig.213)	Dalmática	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
101	83-A (fig.214)	Dalmática	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, marcas de humidade e lápis, quebra de uniões, intervenções posteriores, dobras e vincos.	
102	80-B (fig.215)	Dalmática	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
103	80-A (fig.216)	Dalmática	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, marcas de humidade, dobras e vincos.	
104	83 (fig.217)	Dalmática	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, marcas de humidade, quebra de uniões, dobras e vincos.	
105	75-A (fig.218)	Dalmática	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
106	1 (fig.219)	Umbela	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, intervenções posteriores, desgaste, dobras e vincos.	
107	77-A (fig.220)	Dalmática	M	Sujidade entranhada, quebra de uniões, lacunas, marcas de humidade, oxidação dos elementos metálicos, intervenções posteriores, dobras e vincos.	Sim

Tabela 14: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 9.

Gaveta 10 -Dalmáticas e manga de cruz

	Número de Inv.	Tipologia	Estado (MB/B/R/M)	Patologias	Restauro
108	75-B (fig.221)	Dalmática	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
109	82-A (fig.222)	Dalmática	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, desgaste, marcas de humidade, quebra de uniões, dobras e vincos.	Sim - mínima
110	82 (fig.223)	Dalmática	B	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, desgaste, marcas de humidade, quebra de uniões, dobras e vincos.	Sim - mínima
111	81-A (fig.224)	Dalmática	B	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, lacunas, intervenções posteriores, quebra de uniões, dobras e vincos.	Sim - mínima
112	81 (fig.225)	Dalmática	B	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, quebra de uniões, dobras e vincos.	Sim - mínima
113	77-B (fig.226)	Dalmática	M	Sujidade entranhada, quebra de uniões, lacunas, marcas de humidade, oxidação dos elementos metálicos, intervenções posteriores, dobras e vincos.	Sim
114	156 (fig.227)	Manga de cruz	B	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, quebra de uniões, dobras e vincos.	

Tabela 15: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 10.

Gaveta 11 - Casulas

	Número de Inv.	Tipologia	Estado (MB/B/R/M)	Patologias	Restauro
115	85-D (fig.228)	Casula	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
116	88 (fig.229)	Casula	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos.	
117	96 (fig.230)	Casula	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos.	
118	92 (fig.231)	Casula	MB	Sujidade entranhada, desgaste, quebra de uniões, lacunas, dobras e vincos.	Sim - mínima
119	90 (fig.232)	Casula	Raz	Sujidade entranhada, desgaste, quebra de uniões, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim - mínima
120	91 (fig.233)	Casula	B	Sujidade entranhada, descoloração, quebra de uniões, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim - mínima

121	94 (fig.234)	Casula	Raz	Sujidade entranhada, marcas de humidade, quebra de uniões, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim
122	93 (fig.235)	Casula	Raz	Sujidade entranhada, lacunas, quebra de uniões, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim
123	78 (fig.236)	Casula	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos.	
124	81-B (fig.237)	Casula	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
125	75-C (fig.238)	Casula	M	Sujidade entranhada, lacunas, quebra de uniões, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim
126	75-E (fig.239)	Casula	Raz	Sujidade entranhada, marcas de humidade, desgaste, quebra de uniões, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim - mínima
127	75-D (fig.240)	Casula	M	Sujidade entranhada, quebra de uniões, podridão a entretela, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim-urgente
128	99 (fig.241)	Casula	Raz	Sujidade entranhada, lacunas e quebras de uniões, dobras e vincos.	Sim
129	77-C (fig.242)	Casula	Raz	Sujidade entranhada, desgaste, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim

Tabela 16: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 11.

Gaveta 12 - Casulas

	Número de Inv.	Tipologia	Estado (MB/B/R/M)	Patologias	Restauro
130	85-C (fig.243)	Casula	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
131	87-A (fig.244)	Casula	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
132	87-B (fig.245)	Casula	MB	Sujidade entranhada, desgaste, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
133	89 (fig.246)	Casula	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos.	
134	95 (fig.247)	Casula	MB	Sujidade entranhada, desgaste, quebra de uniões, dobras e vincos.	Sim - mínima
135	100 (fig.248)	Casula	Raz	Sujidade entranhada, quebra de uniões, dobras e vincos.	Sim
136	90-A (fig.249)	Casula	Raz	Sujidade entranhada, quebra de uniões, lacunas, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim
137	93-A	Casula	B	Sujidade entranhada, lacunas e	Sim-

	(fig.250)			quebras de uniões, marcas de tingimento, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	mínima
138	98 (fig.251)	Casula	Raz	Sujidade entranhada, quebra de uniões, marcas de humidade, dobras e vincos.	Sim
139	97 (fig.252)	Casula	M	Sujidade entranhada, secura das fibras, lacunas, quebra de uniões, intervenções posteriores, dobras e vincos.	Sim - urgente
140	105 (fig.253)	Casula	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos.	
141	106 (fig.254)	Casula	B	Sujidade entranhada, lacunas, quebra de uniões, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
142	102 (fig.255)	Casula	MB	Sujidade entranhada, quebra de uniões, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
143	104 (fig.256)	Casula	B	Sujidade entranhada, marcas de humidade, intervenções posteriores, quebra de uniões, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim- mínima
144	101 (fig.257)	Casula	B	Sujidade entranhada, quebra de uniões, intervenções posteriores oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim- mínima
145	102-A (fig.258)	Casula	MB	Sujidade entranhada, lacunas e quebra de uniões, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
146	102-B (fig.259)	Casula	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
147	101-A (fig.260)	Casula	Raz	Sujidade entranhada, quebra de uniões, lacunas, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim
148	103 (fig.261)	Casula	Raz	Sujidade entranhada, quebra de uniões, marcas de humidade, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim
149	82-B (fig.262)	Casula	Raz	Sujidade entranhada, lacunas, intervenções posteriores, quebra de uniões, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	Sim
150	79 (fig.263)	Casula	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
151	84 (fig.264)	Casula	M	Sujidade entranhada, quebra de uniões, lacunas, marcas de humidade, oxidação dos elementos metálicos, intervenções posteriores, dobras e vincos.	Sim - urgente

Tabela 17: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 12.

Gaveta 13 - Colcha, colgaduras e Capa de asperges

	Número de Inv.	Tipologia	Estado (MB/B/R/M)	Patologias	Restauro
152	162 (fig.265)	Colcha	M	Sujidade entranhada, quebra de uniões, lacunas, secura das fibras, dobras e vincos.	Sim-urgente
153	170 (fig.266)	Colgadura	M	Sujidade entranhada, quebra de uniões, lacunas, marcas de humidade, secura das fibras, dobras e vincos.	Sim -urgente
154	169 (fig.267)	Colgadura	M	Sujidade entranhada, quebra de uniões, lacunas, marcas de humidade, secura das fibras, dobras e vincos.	Sim -urgente
155	77 (fig.268)	Capa de asperges	M	Sujidade entranhada, quebra de uniões, lacunas, marcas de humidade, secura das fibras, dobras e vincos.	Sim -urgente

Tabela 18: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 13.

Gaveta 14 - Estolas e manípulos

	Número de Inv.	Tipologia	Estado (MB/B/R/M)	Patologias	Restauro
156	86-A (fig.269)	Estola	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
157	85-I (fig.270)	Estola	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
158	85-E (fig.271)	Manípulo	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
159	85-F (fig.272)	Manípulo	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
160	110 (fig.273)	Estola	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, marcas de humidade, dobras e vincos.	
161	96-B (fig.274)	Manípulo	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos.	
162	96-A (fig.275)	Estola	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos.	
163	87-H (fig.276)	Manípulo	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
164	87-E (fig.277)	Manípulo	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos, lacunas.	Sim-mínima
165	87-G (fig.278)	Manípulo	MB	Sujidade entranhada (incluindo manchas de cera), oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos e quebra de uniões.	Sim-mínima
166	243 (fig.279)	Manípulo	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, marcas de humidade, dobras e vincos.	
167	89-A (fig.280)	Estola	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, vincos e dobras.	

168	89-B (fig.281)	Manípulo	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos.	
169	240 (fig.282)	Manípulo	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos.	
170	93-B (fig.283)	Estola	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos.	
171	79-A (fig.284)	Estola	MB	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos, dobras e vincos.	
172	92-A (fig.285)	Manípulo	MB	Sujidade entranhada, lacunas, dobras e vincos.	Sim- mínima
173	241 (fig.286)	Manípulo	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos.	
174	91-A (fig.287)	Estola	MB	Sujidade entranhada, desgaste e descoloração, dobras e vincos.	
175	239 (fig.288)	Manípulo	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos.	
176	100-A (fig.289)	Estola	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos.	
177	75-G (fig.290)	Estola	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos.	
178	75-H (fig.291)	Manípulo	MB	Sujidade entranhada, marcas de humidade, dobras e vincos.	
179	75-F (fig.292)	Estola	MB	Sujidade entranhada, restauros posteriores, marcas de humidade, dobras e vincos.	Sim- mínima
180	108 (fig.293)	Manípulo	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos.	
181	83-C (fig.294)	Estola	MB	Sujidade entranhada, lacunas, dobras e vincos, oxidação dos elementos metálicos.	Sim- mínima
182	107 (fig.295)	Estola	B	Sujidade entranhada, oxidação dos elementos metálicos e intervenções posteriores.	
183	90-B (fig.296)	Estola	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos, oxidação dos elementos metálicos.	
184	103-A (fig.297)	Estola	B	Sujidade entranhada, lacunas, dobras e vincos, oxidação dos elementos metálicos e inexistência de uma franja.	
185	102-C (fig.298)	Estola	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	
186	102-D (fig.299)	Estola	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos.	
187	106-A (fig.300)	Estola	MB	Sujidade entranhada, lacunas, dobras e vincos e quebra de uniões.	
188	103-C (fig.301)	Manípulo	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	
189	105-A (fig.302)	Manípulo	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos	
190	101-F (fig.303)	Manípulo	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	
191	102-E (fig.304)	Estola	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos.	

192	101-D (fig.305)	Manípulo	MB	Sujidade entranhada, marcas de humidade, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	
193	101-C (fig.306)	Estola	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	
194	103-B (fig.307)	Estola	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	
195	82-G (fig.308)	Manípulo	B	Sujidade entranhada, quebra de uniões, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	Sim- mínima
196	82-F (fig.309)	Manípulo	B	Sujidade entranhada, quebra de uniões, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	Sim - mínima
197	82-E (fig.310)	Manípulo	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	
198	87-D (fig.311)	Estola	B	Sujidade entranhada, dobras e vincos, quebra de uniões e oxidação dos elementos metálicos.	Sim
199	87-F (fig.312)	Manípulo	B	Sujidade entranhada, dobras e vincos, quebra de uniões e oxidação dos elementos metálicos.	Sim
200	86-B (fig.313)	Estola	B	Sujidade entranhada, dobras e vincos e quebra de uniões.	Sim
201	88-A (fig.314)	Estola	Raz	Sujidade entranhada, dobras e vincos e quebra e rutura de uniões.	Sim
202	88-B (fig.315)	Manípulo	B	Sujidade entranhada, dobras e vincos, quebra e rutura de uniões.	Sim
203	94-A (fig.316)	Estola	B	Sujidade entranhada, dobras e vincos, quebra de uniões e oxidação dos elementos metálicos.	Sim- Mínima
204	93-C (fig.317)	Estola	B	Sujidade entranhada, dobras e vincos, quebra de uniões e oxidação dos elementos metálicos.	Sim
205	95-A (fig.318)	Estola	B	Sujidade entranhada, dobras e vincos, quebra de uniões e intervenções posteriores	Sim
206	93-D (fig.319)	Manípulo	Raz	Sujidade entranhada, dobras e vincos, quebra de uniões, lacunas e desgaste	Sim
207	75-I (fig.320)	Manípulo	Raz	Sujidade entranhada, dobras e vincos, quebra de uniões e oxidação dos elementos metálicos.	Sim
208	75-G (fig.321)	Estola	B	Sujidade entranhada, dobras e vincos, intervenções posteriores, marcas de humidade e oxidação dos elementos metálicos.	Sim
209	81-E (fig.322)	Manípulo	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	
210	81-C (fig.323)	Estola	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	
211	80-D (fig.324)	Manípulo	B	Sujidade entranhada, dobras e vincos e	Sim-

				quebra de uniões.	mínima
212	79-B (fig.325)	Manípulo	B	Sujidade entranhada, dobras e vincos, quebra e rutura de uniões e oxidação e inexistência de elementos metálicos.	Sim
213	104-B (fig.326)	Estola	B	Sujidade entranhada, dobras e vincos, quebra de uniões e oxidação dos elementos metálicos.	
214	82-D (fig.327)	Estola	B	Sujidade entranhada, dobras e vincos, quebra de uniões e oxidação dos elementos metálicos.	Sim
215	77-I (fig.328)	Manípulo	M	Sujidade entranhada, dobras e vincos, intervenções posteriores e oxidação dos elementos metálicos.	
216	77-F (fig.329)	Manípulo	M	Sujidade entranhada, dobras e vincos, intervenções posteriores e oxidação dos elementos metálicos.	
217	77-E (fig.330)	Estola	M	Sujidade entranhada, dobras e vincos, intervenções posteriores e oxidação dos elementos metálicos.	
218	77-D (fig.331)	Estola	M	Sujidade entranhada, dobras e vincos, intervenções posteriores e oxidação dos elementos metálicos.	
219	85-H (fig.332)	Estola	B	Sujidade entranhada, quebra de uniões, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	Sim- mínima
220	85-G (fig.333)	Manípulo	B	Sujidade entranhada, quebra de uniões, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	Sim- mínima
221	104-A (fig.334)	Estola	Raz	Sujidade entranhada, quebra de uniões, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	Sim
222	81-F (fig.335)	Manípulo	B	Sujidade entranhada, quebra de uniões, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	Sim- mínima
223	81-D (fig.336)	Estola	B	Sujidade entranhada, quebra de uniões, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	Sim- mínima
224	81-C (fig.337)	Estola	B	Sujidade entranhada, quebra de uniões, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	Sim - mínima
225	90-C (fig.338)	Estola	B	Sujidade entranhada, quebra de uniões, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	Sim
226	78-B (fig.339)	Manípulo	B	Sujidade entranhada, lacunas, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	Sim
227	109 (fig.340)	Manípulo	B	Sujidade entranhada, quebra de uniões, lacunas, dobras e vincos.	Sim
228	101-G (fig.341)	Manípulo	Raz	Sujidade entranhada, quebra de uniões, dobras e vincos, marcas de	Sim

				humidade e oxidação dos elementos metálicos.	
229	102-F (fig.342)	Manípulo	Raz	Sujidade entranhada, quebra de uniões, dobras e vincos, lacunas e oxidação dos elementos metálicos.	Sim
230	102-G (fig.343)	Manípulo	Raz	Sujidade entranhada, quebra de uniões, dobras e vincos.	Sim
231	101-E (fig.344)	Manípulo	Raz	Sujidade entranhada, quebra de uniões, lacunas, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	Sim
232	90-D (fig.345)	Manípulo	Raz	Sujidade entranhada, quebra de uniões, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	Sim
233	242 (fig.346)	Estola	M	Sujidade entranhada, quebra de uniões, dobras e vincos, intervenções posteriores, lacunas e oxidação dos elementos metálicos.	Sim
234	112-C (fig.347)	Estola	M	Sujidade entranhada, quebra de uniões, dobras e vincos, secura das fibras, lacunas e oxidação dos elementos metálicos.	Sim-urgente
235	112 (fig.348)	Estola	M	Sujidade entranhada, quebra de uniões, dobras e vincos, secura das fibras, lacunas e oxidação dos elementos metálicos.	Sim-urgente
236	112-A (fig.349)	Estola	M	Sujidade entranhada, quebra de uniões, dobras e vincos, secura das fibras, lacunas, marcas de humidade e oxidação dos elementos metálicos.	Sim-urgente
237	112-B (fig.350)	Estola	M	Sujidade entranhada (incluindo cera), quebra de uniões, dobras e vincos, secura das fibras, lacunas e oxidação dos elementos metálicos.	Sim-urgente
238	77-G (fig.351)	Manípulo	M	Sujidade entranhada, intervenções posteriores, quebra de uniões, dobras e vincos, lacunas e oxidação dos elementos metálicos.	Sim-urgente
239	100-B (fig.352)	Manípulo	M	Sujidade entranhada, quebra de uniões, dobras e vincos e lacunas.	Sim-urgente
240	83-D (fig.353)	Manípulo	M	Sujidade entranhada, intervenções posteriores, quebra de uniões, dobras e vincos, lacunas e oxidação dos elementos metálicos.	Sim-urgente
241	77-H (fig.354)	Manípulo	M	Sujidade entranhada, intervenções posteriores, quebra de uniões, dobras e vincos, lacunas e oxidação dos elementos metálicos.	Sim
242	83-B (fig.355)	Estola	M	Sujidade entranhada, quebra de uniões, dobras e vincos, lacunas e oxidação dos elementos metálicos.	Sim-urgente
243	97-A	Manípulo	M	Sujidade entranhada, quebra de	Sim-

	(fig.356)			uniões, dobras e vincos, lacunas e oxidação dos elementos metálicos.	urgente
244	108-A (fig.357)	Manípulo	M	Sujidade entranhada, quebra de uniões, lacunas, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	Sim-urgente
245	101-B (fig.358)	Estola	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	
246	78-A (fig.359)	Estola	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	
247	82-C (fig.360)	Estola	MB	Sujidade entranhada, lacunas, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	
248	80-C (fig.361)	Estola	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	

Tabela 19: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 14.

Gaveta 15 - Vários (Véus de ombros, bolsas de corporais, véus de cálices...)

	Número de Inv.	Tipologia	Estado (MB/B/R/M)	Patologias	Restauro
249	176 (fig.362)	Pano de estante de leitura	MB	Sujidade entranhada, marcas de humidade, lacunas, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	Sim-mínima
250	172 (fig.363)	Véu de ombros	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	
251	177 (fig.364)	Pano de estante de leitura	B	Sujidade entranhada, intervenções posteriores, lacunas, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	Sim -mínima
252	257 (fig.365)	Pano de estante de leitura	MB	Sujidade entranhada, manchas de humidade, dobras e vincos.	
253	175 (fig.366)	Coberta de altar	B	Sujidade entranhada, quebra de uniões, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	Sim-mínima
254	171 (fig.367)	Véu de ombros	MB	Sujidade entranhada, descoloração, quebra de uniões, marcas de humidade, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	
255	258 (fig.368)	Véu de ombros	B	Sujidade entranhada, quebra de uniões, lacunas, dobras e vincos.	Sim
256	148 (fig.369)	Véu de sacário	B	Sujidade entranhada, quebra de uniões, lacunas, intervenções posteriores, dobras e vincos, marcas de oxidação dos elementos metálicos	Sim
257	174 (fig.370)	Coberta de altar	B	Sujidade entranhada, quebra de uniões, lacunas, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	Sim-mínima
258	152 (fig.371)	Pano de estante de leitura	Raz	Sujidade entranhada, quebra de uniões, lacunas, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos e	Sim

				marcas de humidade e oxidação.	
259	173 (fig.372)	Véu de ombros	M	Sujidade entranhada, intervenções posteriores, marcas de oxidação, quebra de uniões, lacunas, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	Sim - urgente
260	155 (fig.373)	Manga de cruz	MB	Sujidade entranhada, marcas de oxidação, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	
261	163 (fig.374)	Manga de cruz	B	Sujidade entranhada, quebra de uniões, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	
262	153 (fig.375)	Véu de sacário	M	Sujidade entranhada, secura das fibras, quebra de uniões, lacunas, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	Sim-urgente
263	151 (fig.376)	Véu de sacário	M	Sujidade entranhada, quebra de uniões, lacunas, ausência de elementos decorativos, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	Sim - urgente
264	122 (fig.377)	Véu de cálice	M	Sujidade entranhada, secura das fibras, quebra de uniões, marcas de humidade, ausência de elementos decorativos, lacunas, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	Sim - urgente
265	111 (fig.378)	Véu de cálice	MB	Sujidade entranhada, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	
266	78-C (fig.379)	Véu de cálice	M	Sujidade entranhada, ausência de elementos decorativos, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	
267	141 (fig.380)	Véu de cibório	M	Sujidade entranhada, quebra de uniões, lacunas, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	Sim-urgente
268	142 (fig.381)	Véu de cibório	M	Sujidade entranhada, quebra de uniões, marcas de humidade, lacunas, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	Sim - urgente
269	149 (fig.382)	Pano de Missal	M	Sujidade entranhada, secura das fibras, ausência do forro, quebra de uniões, lacunas, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	Sim-urgente
270	214 (fig.383)	Manga de cruz	MB	Sujidade entranhada, desgaste, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	
271	213 (fig.384)	Manga de Cruz	MB	Sujidade entranhada, marcas de humidade, lacunas, dobras e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	Sim-mínima
272	79-C (fig.385)	Bolsas de corporais	MB	Sujidade entranhada, quebra de uniões e oxidação dos elementos metálicos.	Sim-mínima
273	81-H (fig.386)	Bolsas de corporais	MB	Sujidade entranhada, marcas de humidade e oxidação dos elementos	

				metálicos.	
274	82-H (fig.387)	Bolsas de corporais	B	Sujidade entranhada, quebra de uniões e vincos e oxidação dos elementos metálicos.	Sim - mínima
275	75-K (fig.388)	Bolsas de corporais	B	Sujidade entranhada, ausência de elementos decorativos e oxidação dos elementos metálicos.	
276	128 (fig.389)	Bolsas de corporais	B	Sujidade entranhada, marcas de humidade, manchas de cera, lacunas, ausência de elementos decorativos e oxidação dos elementos metálicos.	
277	126 (fig.390)	Bolsas de corporais	MB	Sujidade entranhada e ausência de elementos decorativos.	
278	264 (fig.391)	Bolsas de corporais	MB	Sujidade entranhada e desgaste.	
279	131 (fig.392)	Bolsas de corporais	B	Sujidade entranhada, quebra de uniões e marcas de humidade.	Sim- mínima
280	130 (fig.393)	Bolsas de corporais	B	Sujidade entranhada, danificação dos elementos decorativos e marcas de humidade.	
281	98-A (fig.394)	Bolsas de corporais	Raz	Sujidade entranhada, desgaste, quebra de uniões, ausência de elementos decorativos e marcas de humidade.	Sim
282	136 (fig.395)	Bolsas de corporais	MB	Sujidade entranhada, marcas de humidade e manchas de cera.	
283	260 (fig.396)	Bolsas de corporais	MB	Sujidade entranhada e marcas de humidade.	
284	100-D (fig.397)	Bolsas de corporais	MB	Sujidade entranhada e marcas de humidade.	
285	135 (fig.398)	Bolsas de corporais	MB	Sujidade entranhada, ausência de elementos decorativos e marcas de humidade.	
286	134 (fig.399)	Bolsas de corporais	MB	Sujidade entranhada, marcas de humidade e desgaste.	
287	75-L (fig.400)	Bolsas de corporais	MB	Sujidade entranhada, marcas de humidade e oxidação dos elementos metálicos.	
288	94- C (fig.401)	Bolsas de corporais	MB	Sujidade entranhada, lacunas e oxidação dos elementos metálicos.	
289	101-H (fig.402)	Bolsas de corporais	MB	Sujidade entranhada, ausência de elementos decorativos e oxidação dos elementos metálicos.	
290	261 (fig.403)	Bolsas de corporais	MB	Sujidade entranhada, ausência de elementos decorativos e marcas cera.	
291	87-I (fig.404)	Bolsas de corporais	MB	Sujidade entranhada e ausência de elementos decorativos.	
292	85-J (fig.405)	Bolsas de corporais	MB	Sujidade entranhada e oxidação dos elementos metálicos.	
293	100-C (fig.406)	Bolsas de corporais	MB	Sujidade entranhada e marcas de humidade.	
294	78-C	Bolsas de	MB	Sujidade entranhada e oxidação dos	

	(fig.407)	corporais		elementos metálicos.	
295	78-E (fig.408)	Bolsas de corporais	MB	Sujidade entranhada e oxidação dos elementos metálicos.	
296	133 (fig.409)	Bolsas de corporais	MB	Sujidade entranhada e marcas de humidade.	
297	255 (fig.410)	Bolsas de corporais	M	Sujidade entranhada e desgaste.	
298	127 (fig.411)	Bolsas de corporais	B	Sujidade entranhada, marcas de humidade e cera, lacunas, dobras e vincos.	
299	129 (fig.412)	Bolsas de corporais	M	Sujidade entranhada, quebra de uniões e ausência de elementos decorativos.	Sim
300	132 (fig.413)	Bolsas de corporais	M	Sujidade entranhada, ausência de elementos decorativos, desgaste, quebra de uniões e oxidação dos elementos metálicos.	Sim - mínima
301	94-B (fig.414)	Bolsas de corporais	M	Sujidade entranhada, desgaste e lacunas.	Sim
302	125 (fig.415)	Bolsas de corporais	M	Sujidade entranhada, quebra de uniões e ausência de elementos decorativos.	Sim
303	77-J (fig.416)	Bolsas de corporais	M	Sujidade entranhada, quebra de uniões, ausência de elementos decorativos, marcas de humidade e oxidação dos elementos metálicos	Sim
304	124 (fig.417)	Bolsas de corporais	M	Sujidade entranhada, quebra de uniões, ausência de elementos decorativos e oxidação dos elementos metálicos.	Sim
305	122-A (fig.418)	Bolsas de corporais	M	Sujidade entranhada, quebra de uniões, ausência de elementos decorativos e oxidação dos elementos metálicos.	Sim

Tabela 20: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta 15.

Gaveta extra - Laços e fragmentos

	Número de Inv.	Tipologia	Estado (MB/B/R/M)	Patologias	Restauro
306	225 (fig.419)	Laço	M	Sujidade entranhada, quebra de uniões, lacunas e fragmentado.	Sim-urgente
307	224 (fig.419)	Fragmento de laço	M	Sujidade entranhada, quebra de uniões, lacunas.	Sim -urgente
Notas: inúmeros fragmentos sem inventário e misturados.					

Tabela 21: Acondicionamento da coleção de paramentaria - Gaveta extra.

Tipologia	N.º depois	Tipologias	N.º depois
Almofadas	12	Mangas de cruz	6
Bandas de andor	23	Manípulos	46
Bolsas de corporais	34	Mantos	1
Capas de asperges	11	Pálios	3
Casulas	37	Panos de estante	4
Colchas	3	Panos de missal	1
Colgaduras	3	Sanefas	6
Cortinas	2	Vestidos	1
Dalmáticas	14	Véus de cálice	21
Estolas	47	Véus de cibório	2
Faixas	3	Véus de ombros	4
Frontais	10	Véus de sacrário	3
Laços	2		
Total: 299			

Tabela 22: Acondicionamento da coleção de paramentaria - total de peças.

Identificação por fotografia

Gaveta 1 - Sanefas, cortinas e véus de cálice



Fig. 123: Número de inventário-166.



Fig. 124: Número de inventário-183.



Fig. 125: Número de inventário-206.



Fig. 126: Número de inventário-207.



Fig. 127: Número de inventário-212.



Fig. 128: Número de inventário-208.



Fig. 129: Número de inventário-205.



Fig. 130: Número de inventário-211.

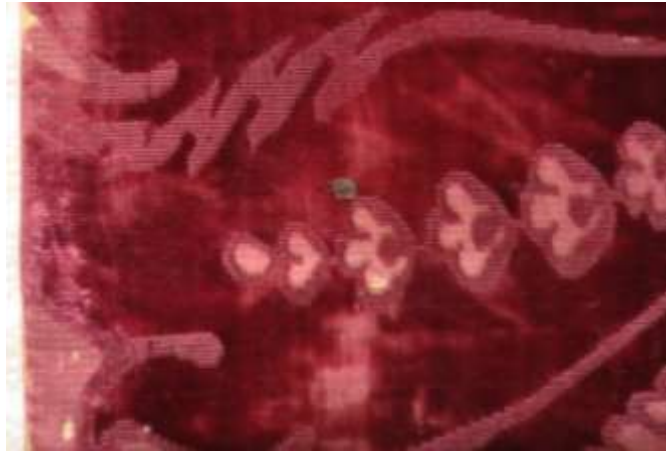


Fig. 131: Número de inventário-210.



Fig. 132: Número de inventário-166-A.



Fig. 133: Número de inventário-166-B.



Fig. 134: Número de inventário-88-C.



Fig. 135: Número de inventário-244.

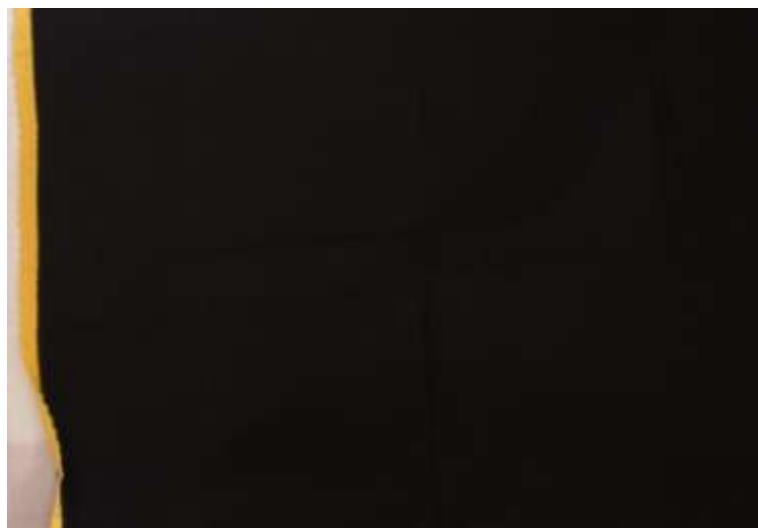


Fig. 136: Número de inventário-263.



Fig. 137: Número de inventário-259.



Fig. 138: Número de inventário-79-D.



Fig. 139: Número de inventário-75-N.



Fig. 140: Número de inventário-75-M.



Fig. 141: Número de inventário-75-O.



Fig. 142: Número de inventário-93-E.



Fig. 143: Número de inventário-115.



Fig. 144: Número de inventário-113.



Fig. 145: Número de inventário-235.



Fig. 146: Número de inventário-117.



Fig. 147: Número de inventário-101-I.



Fig. 148: Número de inventário-102-I.



Fig. 149: Número de inventário-116.



Fig. 150: Número de inventário-119.



Fig. 151: Número de inventário-123.



Fig. 152: Número de inventário-114.

Gaveta 2 - Almofadas



Fig. 153: Número de inventário-75-P



Fig. 154: Número de inventário-82.



Fig. 155: Número de inventário-237.



Fig. 156: Número de inventário-85-K.



Fig. 157: Número de inventário-77-K.



Fig. 158: Número de inventário-139.



Fig. 159: Número de inventário-137.



Fig. 160: Número de inventário-140.



Fig. 161: Número de inventário-77-L.



Fig. 162: Número de inventário-82-I.



Fig. 163: Número de inventário-138.



Fig. 164: Número de inventário-235.

Gaveta 3 - Capas de Asperges



Fig. 165: Número de inventário-87-C.



Fig. 166: Número de inventário-85.



Fig. 167: Número de inventário-86.



Fig. 168: Número de inventário-87.



Fig. 169: Número de inventário-80.



Fig. 170: Número de inventário-76.



Fig. 171: Número de inventário-217.

Gaveta 4 - Frontais, bandas de andor, colchas e variados



Fig. 172: Número de inventário---



Fig. 173: Número de inventário-267.



Fig. 174: Número de inventário---



Fig. 175: Número de inventário---



Fig. 176: Número de inventário---



Fig. 177: Número de inventário---



Fig. 178: Número de inventário-194.



Fig. 179: Número de inventário---



Fig. 180: Número de inventário-200.



Fig. 181: Número de inventário-209.



Fig. 182: Número de inventário---



Fig. 183: Número de inventário---



Fig. 184: Número de inventário---



Fig. 185: Número de inventário-188.



Fig. 186: Número de inventário-185.



Fig. 187: Número de inventário-201.



Fig. 188: Número de inventário-192.



Fig. 189: Número de inventário-193.



Fig. 190: Número de inventário---



Fig. 191: Número de inventário---



Fig. 192: Número de inventário-187 e 186.

Gaveta 5 - Frontais



Fig. 193: Número de inventário-182.



Fig. 194: Número de inventário-179.



Fig. 195: Número de inventário-268.

Gaveta 6 - Frontais



Fig. 196: Número de inventário-265.



Fig. 197: Número de inventário-181.



Fig. 198: Número de inventário-1.



Fig. 199: Número de inventário-269.



Fig. 200: Número de inventário---



Fig. 201: Número de inventário---

Gaveta 7 -Pálio, Bandas de andor e manto



Fig. 202: Número de inventário-234.



Fig. 203: Número de inventário-205, 204 e 203.



Fig. 204: Número de inventário-161.



Fig. 205: Número de inventário-73.

Gaveta 8 - Pálios e capa de asperges



Fig. 206: Número de inventário-146.



Fig. 207: Número de inventário-143.



Fig. 208: Número de inventário-75.



Fig. 209: Número de inventário-72.

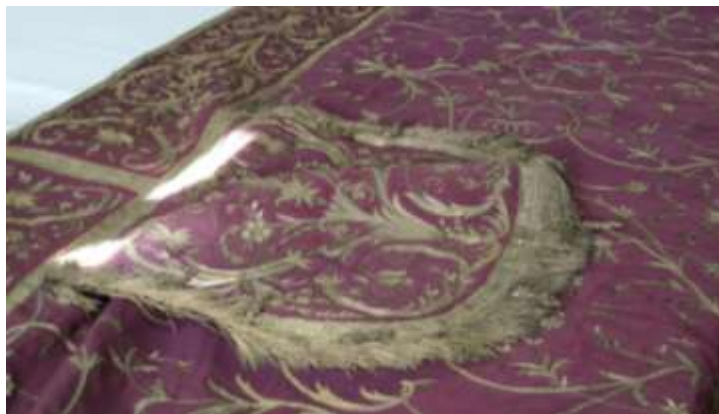


Fig. 210: Número de inventário-74.



Fig. 211: Número de inventário-2.

Gaveta 9 - Dalmáticas e umbela



Fig. 212: Número de inventário-85-B.

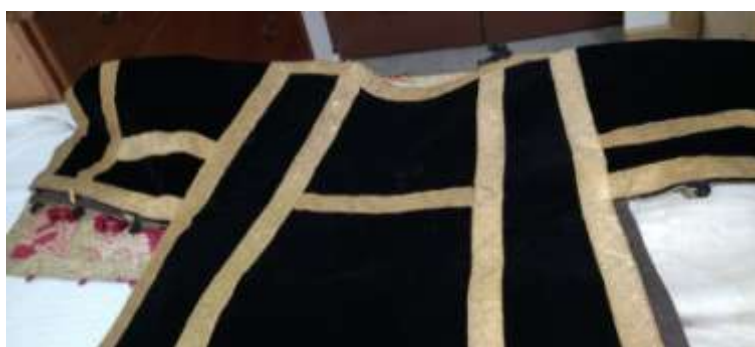


Fig. 213: Número de inventário-85-A.



Fig. 214: Número de inventário-83-A.



Fig. 215: Número de inventário-80-B.



Fig. 216: Número de inventário-80-A.



Fig. 217: Número de inventário-83.



Fig. 218: Número de inventário-75-A.



Fig. 219: Número de inventário-1.



Fig. 220: Número de inventário-77-A.

Gaveta 10 -Dalmáticas e manga de cruz



Fig. 221: Número de inventário-75-B.



Fig. 222: Número de inventário-82-A.



Fig. 223: Número de inventário-82.



Fig. 224: Número de inventário-81-A.



Fig. 225: Número de inventário-81.



Fig. 226: Número de inventário-77-B.



Fig. 227: Número de inventário-156.

Gaveta 11 - Casulas



Fig. 228: Número de inventário-85-D.



Fig. 229: Número de inventário-88.



Fig. 230: Número de inventário-96.



Fig. 231: Número de inventário-92.



Fig. 232: Número de inventário-90.



Fig. 233: Número de inventário-91.



Fig. 234: Número de inventário-94.



Fig. 235: Número de inventário-93.



Fig. 236: Número de inventário-78.



Fig. 237: Número de inventário-81-B.



Fig. 238: Número de inventário-75-C.



Fig. 239: Número de inventário-75-E.



Fig. 240: Número de inventário-75-D.



Fig. 241: Número de inventário-99.



Fig. 242: Número de inventário-77-C.

Gaveta 12 - Casulas



Fig. 243: Número de inventário-85-C.



Fig. 244: Número de inventário-87-A.



Fig. 245: Número de inventário-87-B.



Fig. 246: Número de inventário-89.



Fig. 247: Número de inventário-95.



Fig. 248: Número de inventário-100.



Fig. 249: Número de inventário-90-A.



Fig. 250: Número de inventário-93-A.



Fig. 251: Número de inventário-98.



Fig. 252: Número de inventário-97.



Fig. 253: Número de inventário-105.



Fig. 254: Número de inventário-106.



Fig. 255: Número de inventário-102.



Fig. 256: Número de inventário-104.



Fig. 257: Número de inventário-101.



Fig. 258: Número de inventário-102-A.



Fig. 259: Número de inventário-102-B.



Fig. 260: Número de inventário-101-A.



Fig. 261: Número de inventário-103.



Fig. 262: Número de inventário-82-B.



Fig. 263: Número de inventário-79.



Fig. 264: Número de inventário-84.

Gaveta 13 - Colcha, colgaduras e Capa de asperges



Fig. 265: Número de inventário-162.



Fig. 266: Número de inventário-170.



Fig. 267: Número de inventário-169.



Fig. 268: Número de inventário-77.

Gaveta 14 - Estolas e manípulos



Fig. 269: Número de inventário-86-A.



Fig. 270: Número de inventário-85-I.



Fig. 271: Número de inventário-85-E.



Fig. 272: Número de inventário-85-F.



Fig. 273: Número de inventário-110.



Fig. 274: Número de inventário-96-B.



Fig. 275: Número de inventário-96-A.



Fig. 276: Número de inventário-87-H.



Fig. 277: Número de inventário-87-E.



Fig. 278: Número de inventário-87-G.



Fig. 279: Número de inventário-243.



Fig. 280: Número de inventário-89-A.



Fig. 281: Número de inventário-89-B.



Fig. 282: Número de inventário-240.



Fig. 283: Número de inventário-93-B.



Fig. 284: Número de inventário-79-A.



Fig. 285: Número de inventário-92-A.



Fig. 286: Número de inventário-241.



Fig. 287: Número de inventário-91-A.



Fig. 288: Número de inventário-239.



Fig. 289: Número de inventário-100-A.



Fig. 290: Número de inventário-75-G.



Fig. 291: Número de inventário-75-H.



Fig. 292: Número de inventário-75-F.



Fig. 293: Número de inventário-108.



Fig. 294: Número de inventário-83-C.



Fig. 295: Número de inventário-107.



Fig. 296: Número de inventário-90-B.



Fig. 297: Número de inventário-103-A.



Fig. 298: Número de inventário-102-C.



Fig. 299: Número de inventário-102-D.



Fig. 300: Número de inventário-106-A.



Fig. 301: Número de inventário-103-C.



Fig. 302: Número de inventário-105-A.



Fig. 303: Número de inventário-101-F.



Fig. 304: Número de inventário-102-E.



Fig. 305: Número de inventário-101-D.



Fig. 306: Número de inventário-101-C.



Fig. 307: Número de inventário-103-B.



Fig. 308: Número de inventário-82-G.



Fig. 309: Número de inventário-82-F.



Fig. 310: Número de inventário-82-E.



Fig. 311: Número de inventário-87-D.



Fig. 312: Número de inventário-87-F.



Fig. 313: Número de inventário-86-B.



Fig. 314: Número de inventário-88-A.



Fig. 315: Número de inventário-88-B.



Fig. 316: Número de inventário-94-A.



Fig. 317: Número de inventário-93-C.



Fig. 318: Número de inventário-95-A.



Fig. 319: Número de inventário-93-D.



Fig. 320: Número de inventário-75-I.



Fig. 321: Número de inventário-75-G.



Fig. 322: Número de inventário-81-E.



Fig. 323: Número de inventário-81-C.



Fig. 324: Número de inventário-80-D.



Fig. 325: Número de inventário-79-B.



Fig. 326: Número de inventário-104-B.



Fig. 327: Número de inventário-82-D.



Fig. 328: Número de inventário-77-I.



Fig. 329: Número de inventário-77-F.



Fig. 330: Número de inventário-77-E.



Fig. 331: Número de inventário-77-D.



Fig. 332: Número de inventário-85-H.

*"Intervenção de Conservação e Restauro em Colcha Adamascada do Século XVIII,
do Acervo da Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto"*
Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto - Sara Rebelo



Fig. 333: Número de inventário-85-G.



Fig. 334: Número de inventário-104-A.



Fig. 335: Número de inventário-81-F.



Fig. 336: Número de inventário-81-D.



Fig. 337: Número de inventário-81-C.



Fig. 338: Número de inventário-90-C.



Fig. 339: Número de inventário-78-B.



Fig. 340: Número de inventário-109.



Fig. 341: Número de inventário-101-G.



Fig. 342: Número de inventário-102-F.



Fig. 343: Número de inventário-102-G.



Fig. 344: Número de inventário-101-E.



Fig. 345: Número de inventário-90-D.



Fig. 346: Número de inventário-242.



Fig. 347: Número de inventário-112-C.



Fig. 348: Número de inventário-112.



Fig. 349: Número de inventário 112-A.



Fig. 350: Número de inventário-112-B.



Fig. 351: Número de inventário-77-G.



Fig. 352: Número de inventário-100-B.



Fig. 353: Número de inventário-83-D.



Fig. 354: Número de inventário-77-H.



Fig. 355: Número de inventário-83-B.



Fig. 356: Número de inventário-97-A.



Fig. 357: Número de inventário-108-A.



Fig. 358: Número de inventário-101-B.



Fig. 359: Número de inventário-78-A.



Fig. 360: Número de inventário-82-C.



Fig. 361: Número de inventário-80-C.

Gaveta 15 - Vários (Véus de ombros, bolsas de corporais, véus de cálices...)



Fig. 362: Número de inventário-176.



Fig. 363: Número de inventário-172.



Fig. 364: Número de inventário-177.



Fig. 365: Número de inventário-257.



Fig. 366: Número de inventário-175.

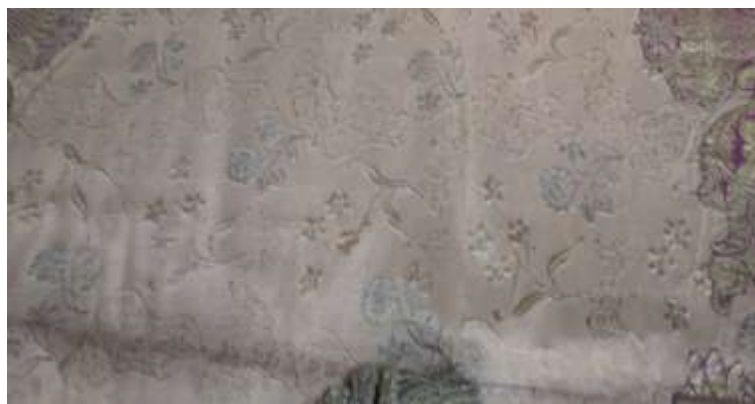


Fig. 367: Número de inventário-171.



Fig. 368: Número de inventário-258.



Fig. 369: Número de inventário-148.



Fig. 370: Número de inventário-174.



Fig. 371: Número de inventário-152.



Fig. 372: Número de inventário-173.



Fig. 373: Número de inventário-155.



Fig. 374: Número de inventário-163.



Fig. 375: Número de inventário-153.



Fig. 376: Número de inventário-151.



Fig. 377: Número de inventário-122.



Fig. 378: Número de inventário-111.



Fig. 379: Número de inventário-78-C.



Fig. 380: Número de inventário-141.



Fig. 381: Número de inventário-142.



Fig. 382: Número de inventário-149.



Fig. 383: Número de inventário-214.



Fig. 384: Número de inventário-213.



Fig. 385: Número de inventário-79-C .



Fig. 386: Número de inventário-81-H.



Fig. 387: Número de inventário-82-H.



Fig. 388: Número de inventário-75-K.



Fig. 389: Número de inventário-128.



Fig. 390: Número de inventário-126.



Fig. 391: Número de inventário-264.



Fig. 392: Número de inventário-131.



Fig. 393: Número de inventário-130.



Fig. 394: Número de inventário-98-A.



Fig. 395: Número de inventário-136.



Fig. 396: Número de inventário-260.



Fig. 397: Número de inventário-100-D.



Fig. 398: Número de inventário-135.



Fig. 399: Número de inventário-134.

*"Intervenção de Conservação e Restauro em Colcha Adamascada do Século XVIII,
do Acervo da Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto"*
Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto - Sara Rebelo



Fig. 400: Número de inventário-77-L.



Fig. 401: Número de inventário-94-C.



Fig. 402: Número de inventário-101-H.



Fig. 403: Número de inventário-261.



Fig. 404: Número de inventário-87-I.



Fig. 405: Número de inventário-85-J.



Fig. 406: Número de inventário-100-C.



Fig. 407: Número de inventário-78-C.



Fig. 408: Número de inventário-78-E.



Fig. 409: Número de inventário-133.



Fig. 410: Número de inventário-255.



Fig. 411: Número de inventário-127.



Fig. 412: Número de inventário-129.



Fig. 413: Número de inventário-132.



Fig. 414: Número de inventário-94-B.



Fig. 415: Número de inventário-125.



Fig. 416: Número de inventário-77-J.



Fig. 417: Número de inventário-124.



Fig. 418: Número de inventário-122-A.

Gaveta extra - Laços e fragmentos



Fig. 419: Número de inventário-224 e 225.

IV. Apêndice - *Powerpoint*® da Formação dos colaboradores



Fig. 420: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 1.



Fig. 421: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 2.



Fig. 422: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 3.

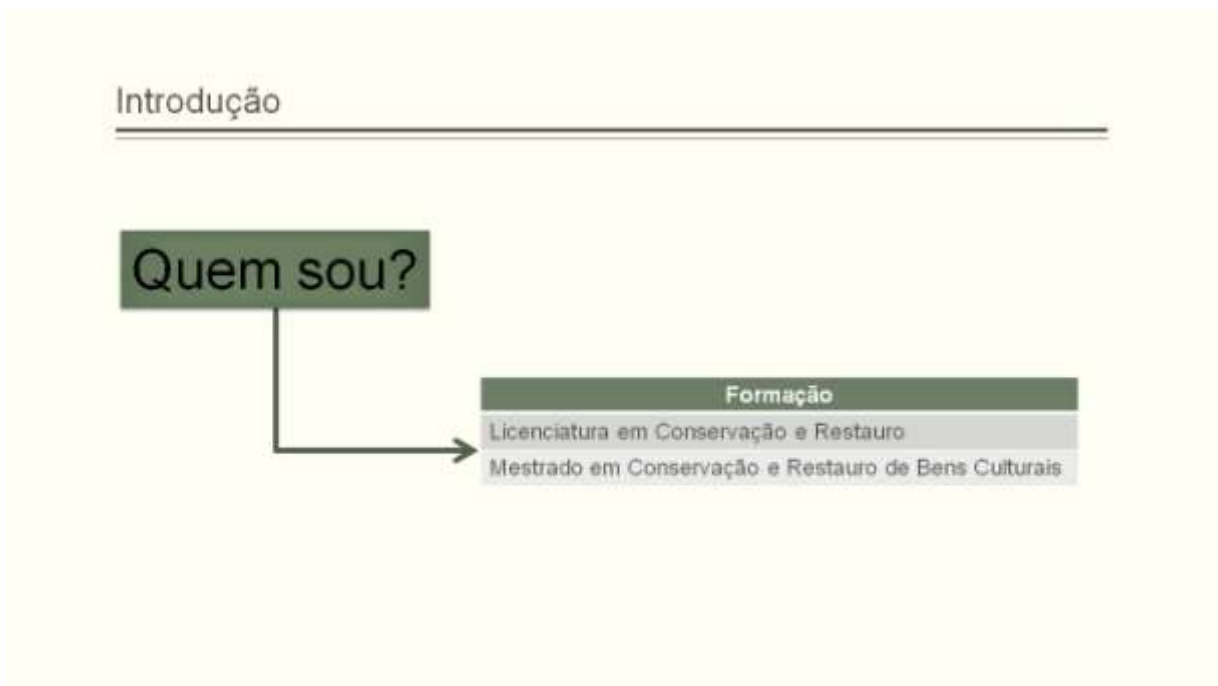


Fig. 423: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 4.

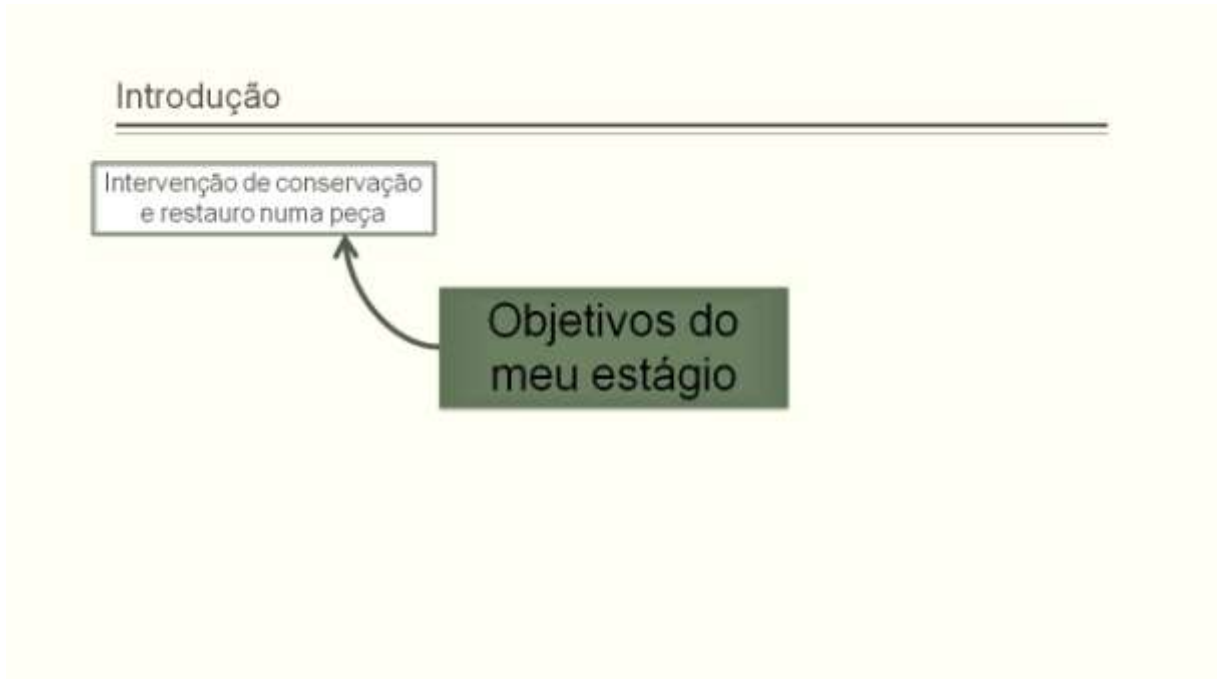


Fig. 424: *PowerPoint®* - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 5.

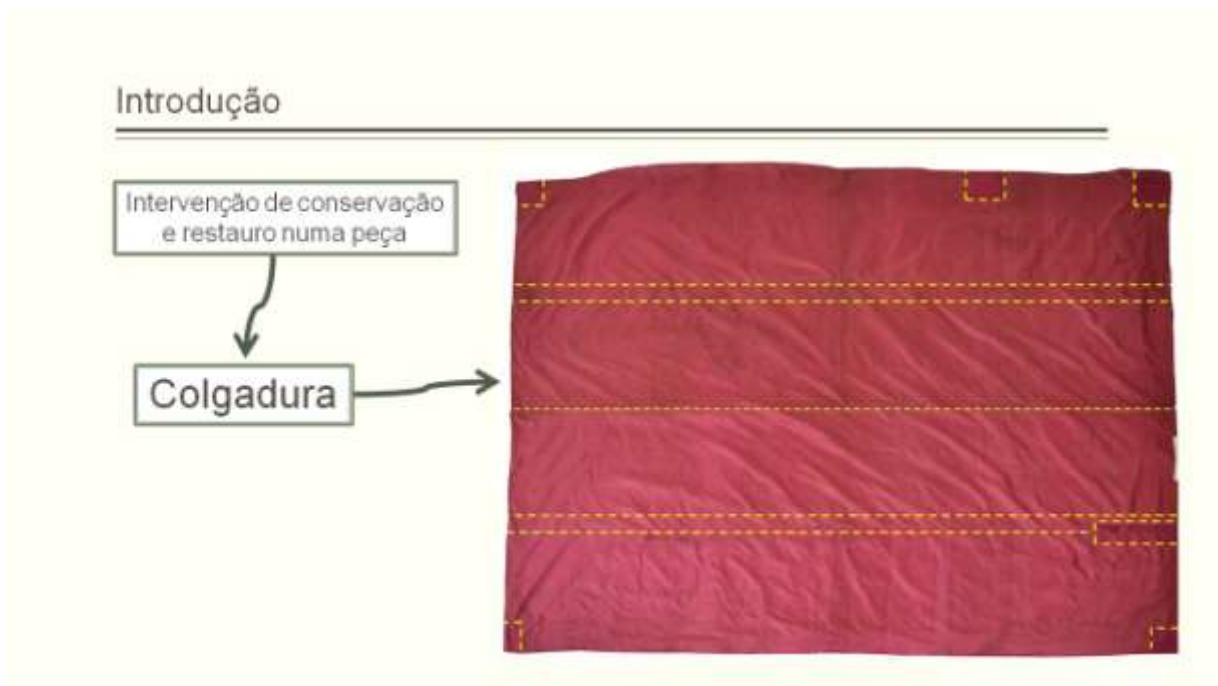


Fig. 425: *PowerPoint®* - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 6.



Fig. 426: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 7.

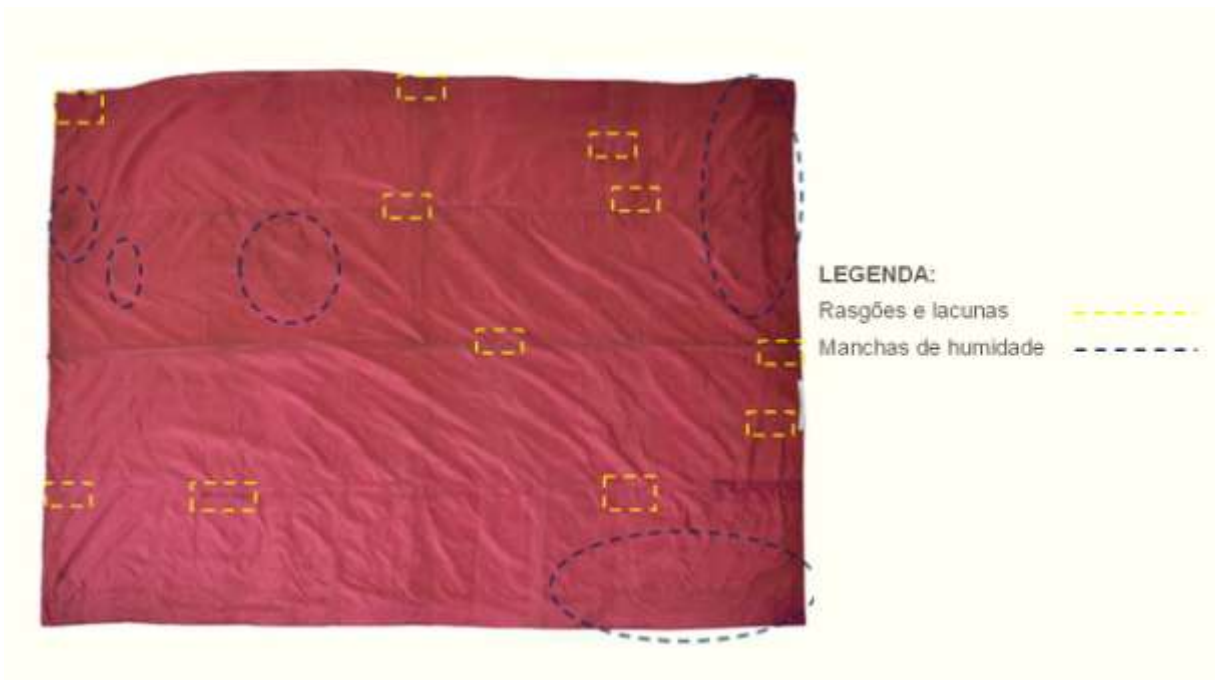


Fig. 427: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 8.



Fig. 428: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 9.



Fig. 429: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 10.

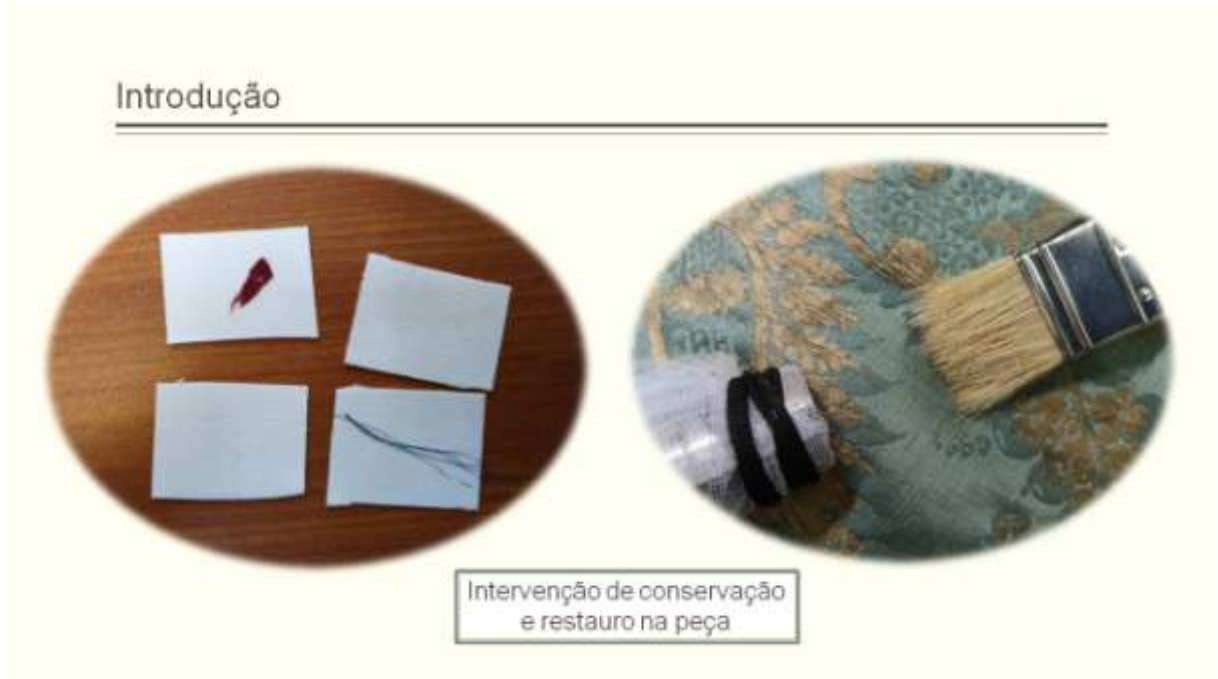


Fig. 430: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 11.

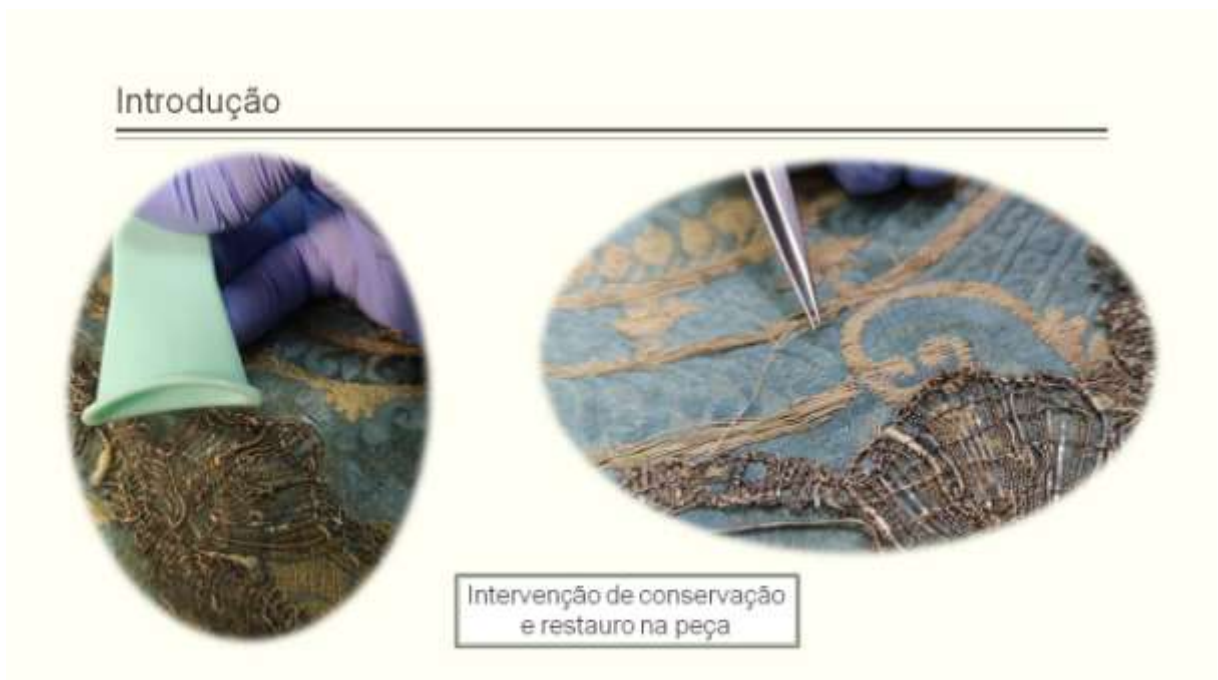


Fig. 431: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 12.



Fig. 432: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 13.

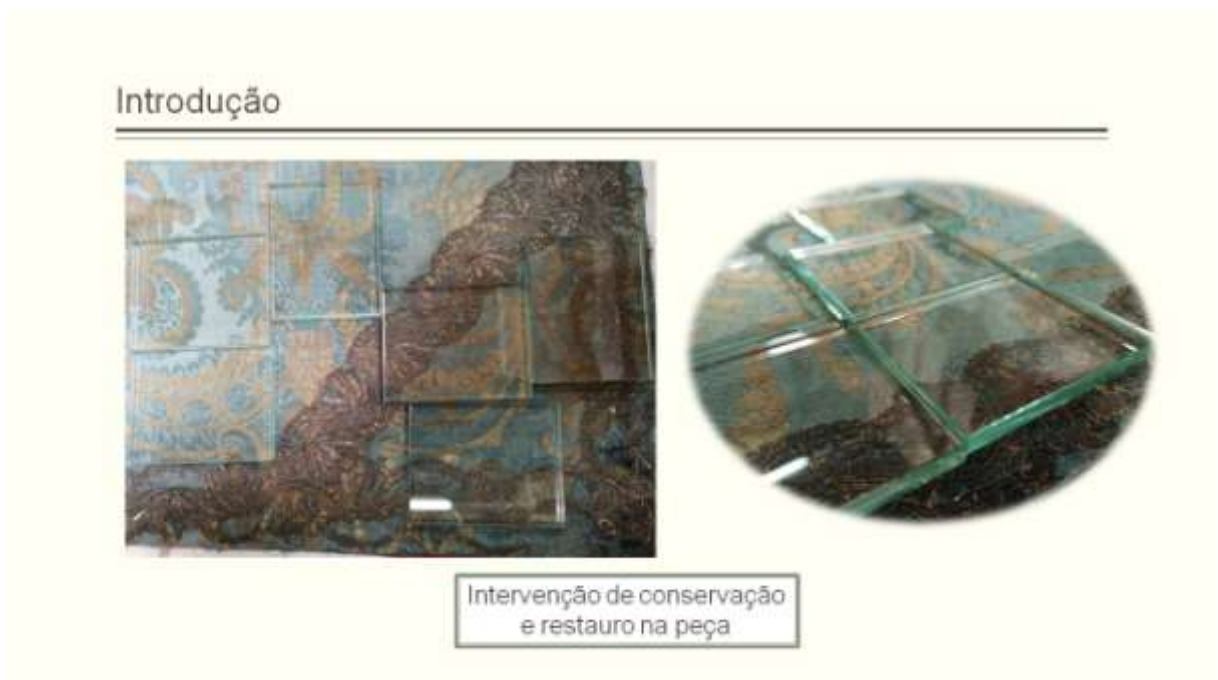


Fig. 433: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 14.



Fig. 434: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 15.



Fig. 435: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 16.

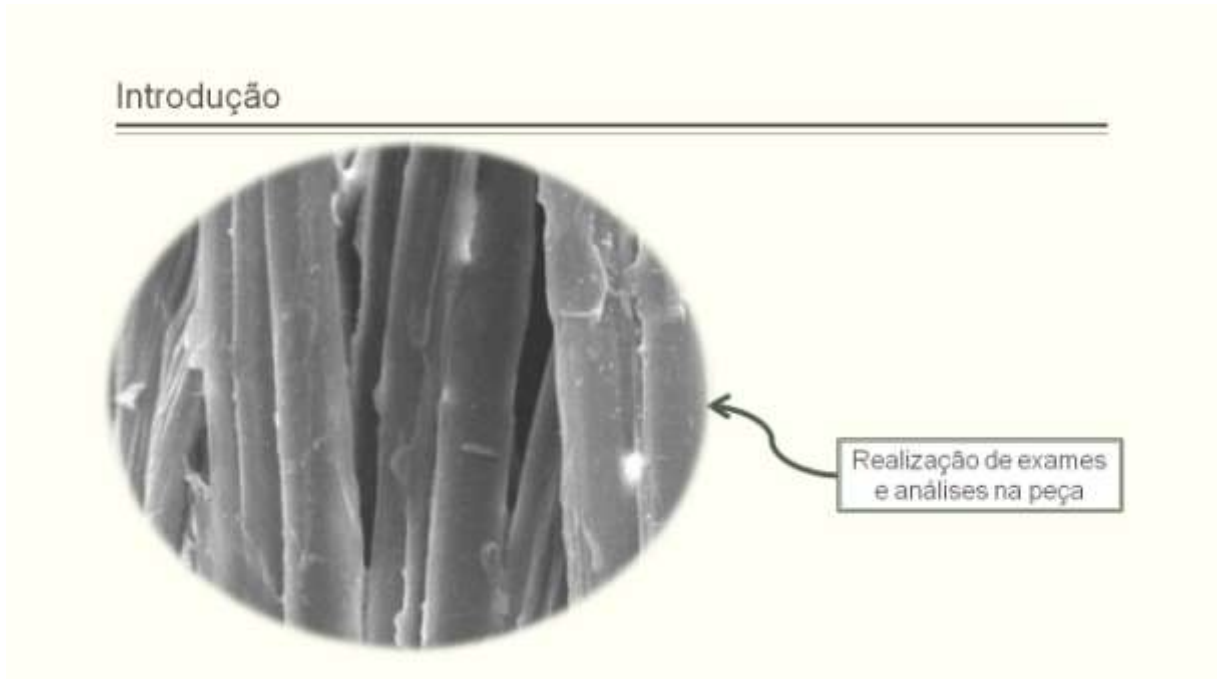


Fig. 436: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 17.



Fig. 437: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 18.



Fig. 438: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 19.



Fig. 439: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 20.



Fig. 440: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 21.



Fig. 441: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 22.



Fig. 442: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 23.

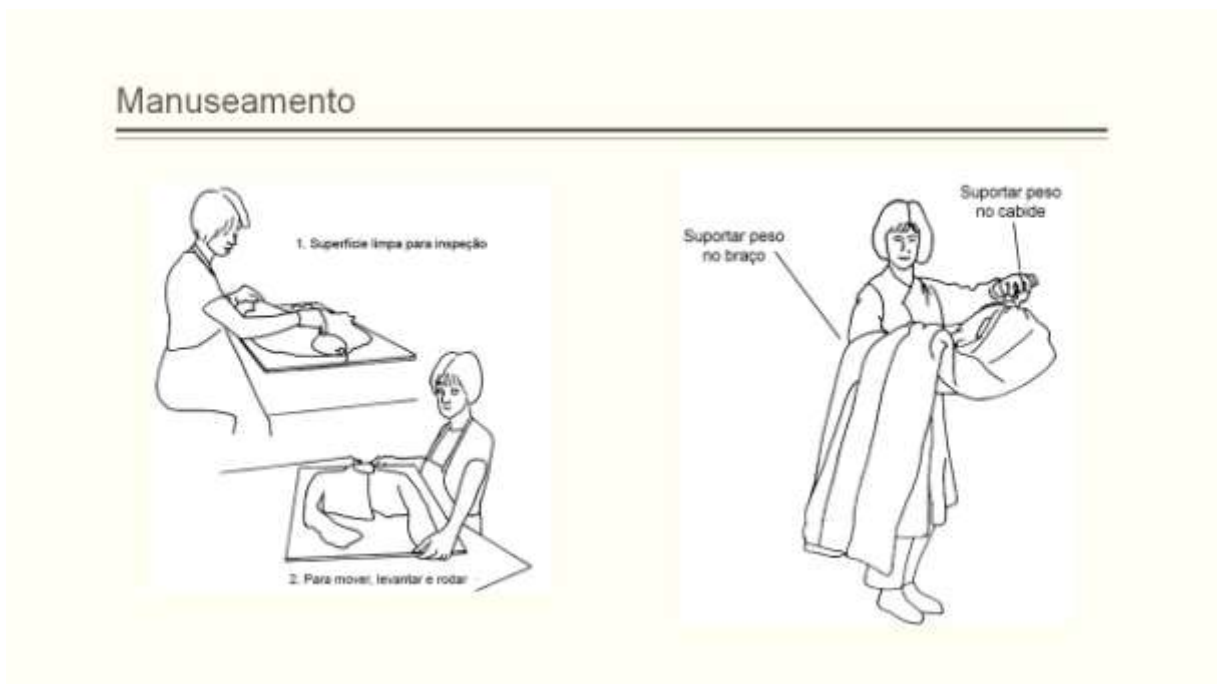


Fig. 443: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 24.



Fig. 444: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 25.

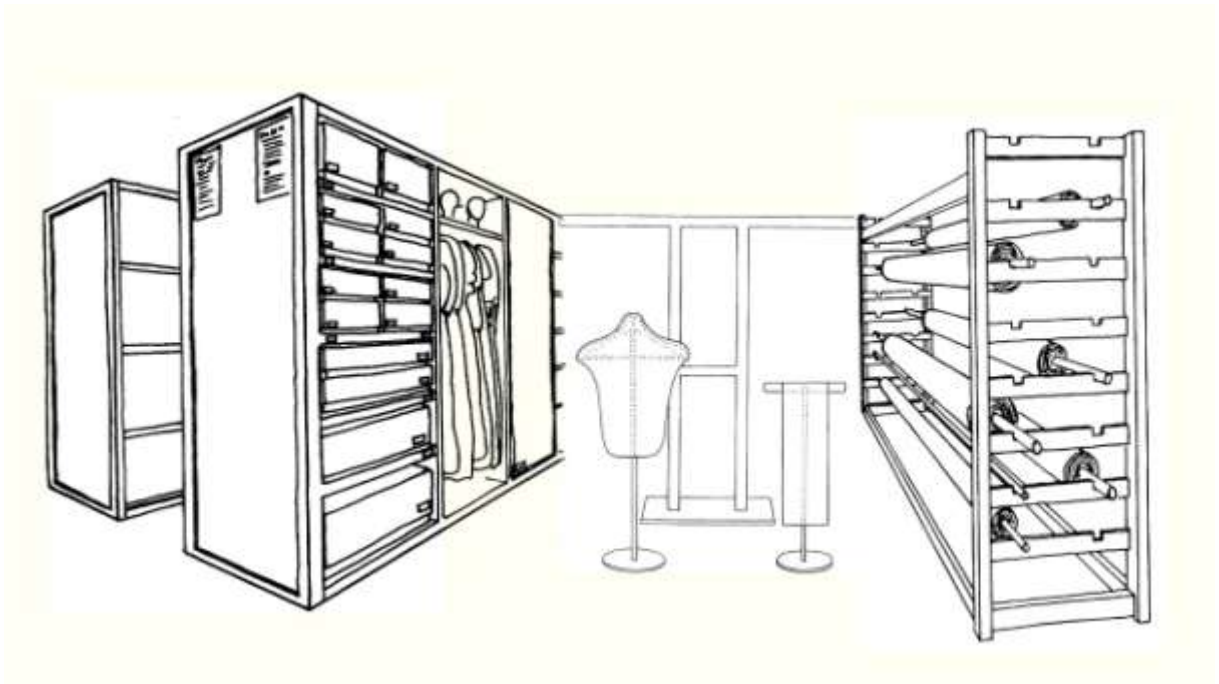


Fig. 445: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 26.

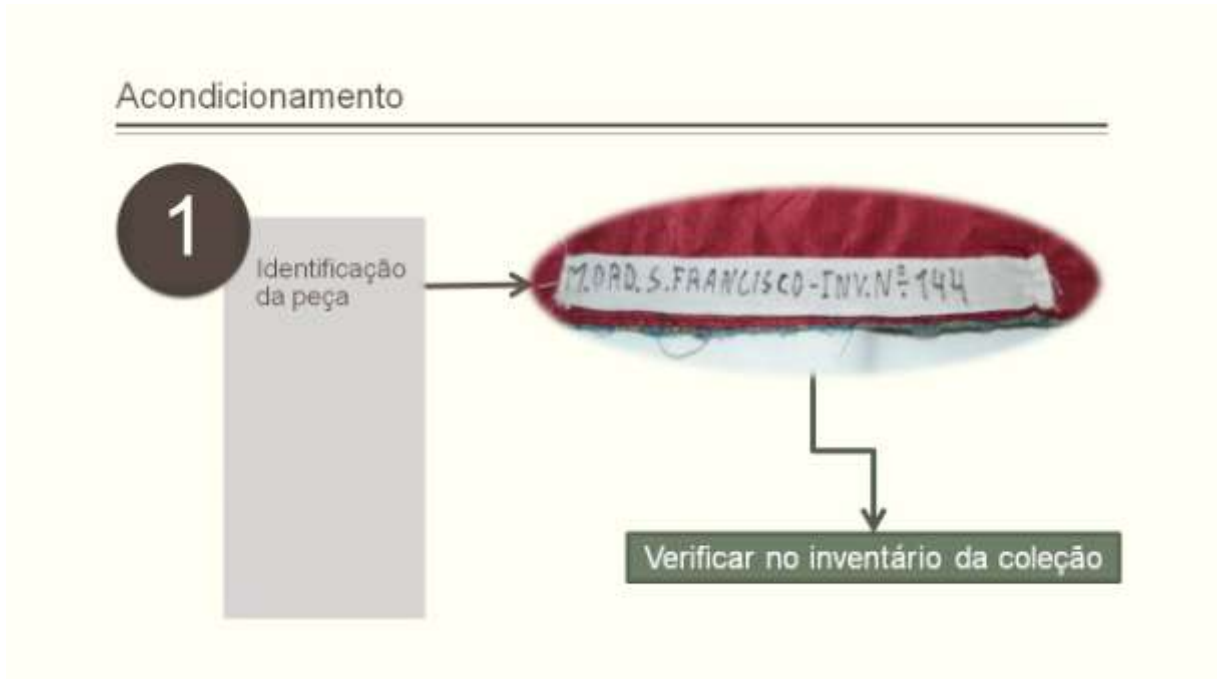


Fig. 446: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 27.



Fig. 447: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 28.



Fig. 448: *PowerPoint®* - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 29.



Fig. 449: *PowerPoint®* - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 30.

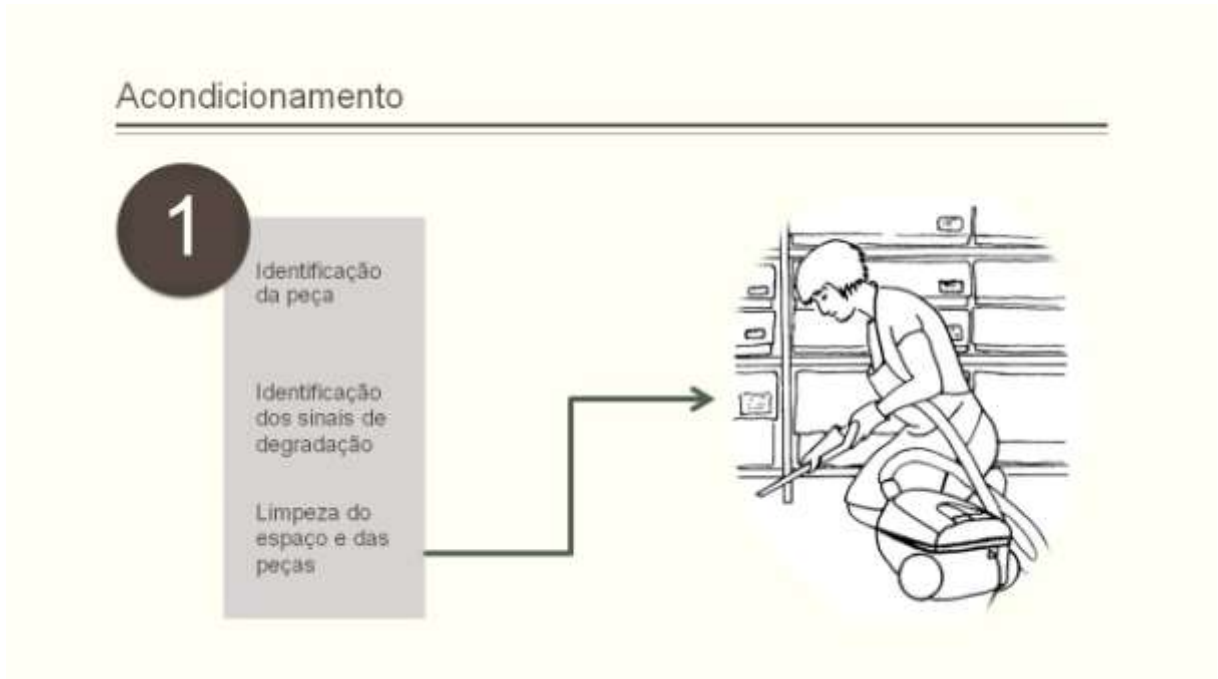


Fig. 450: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 31.



Fig. 451: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 32.

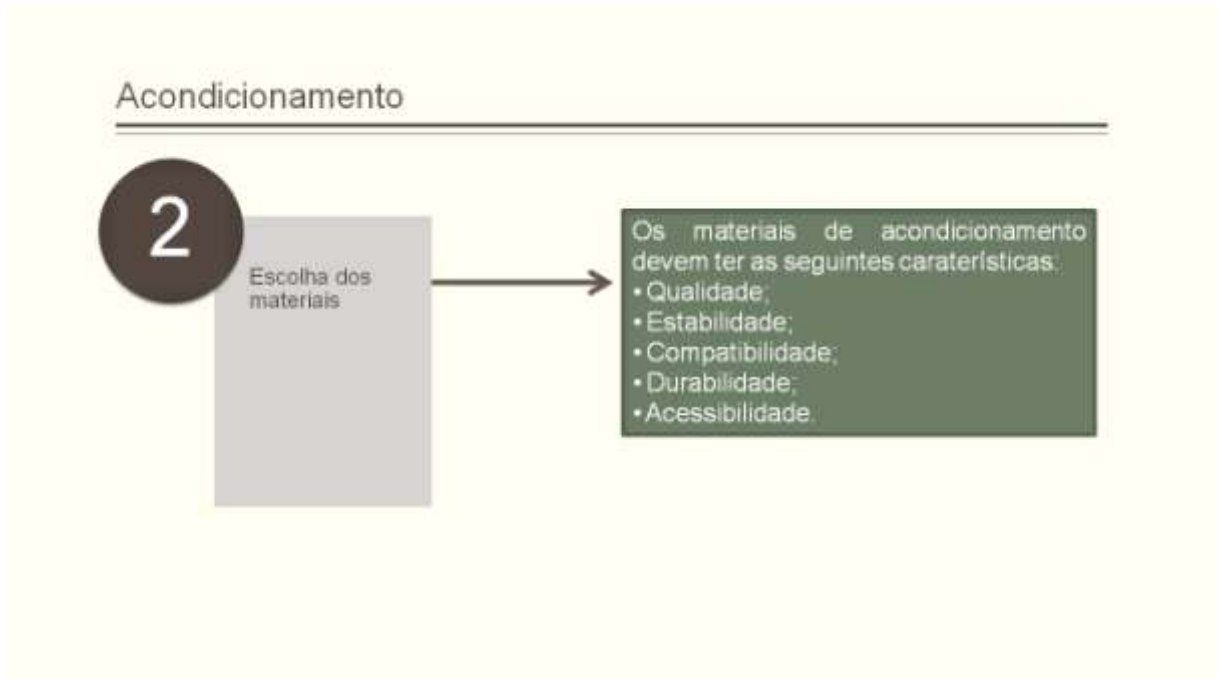


Fig. 452: *PowerPoint®* - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 33.



Fig. 453: *PowerPoint®* - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 34.

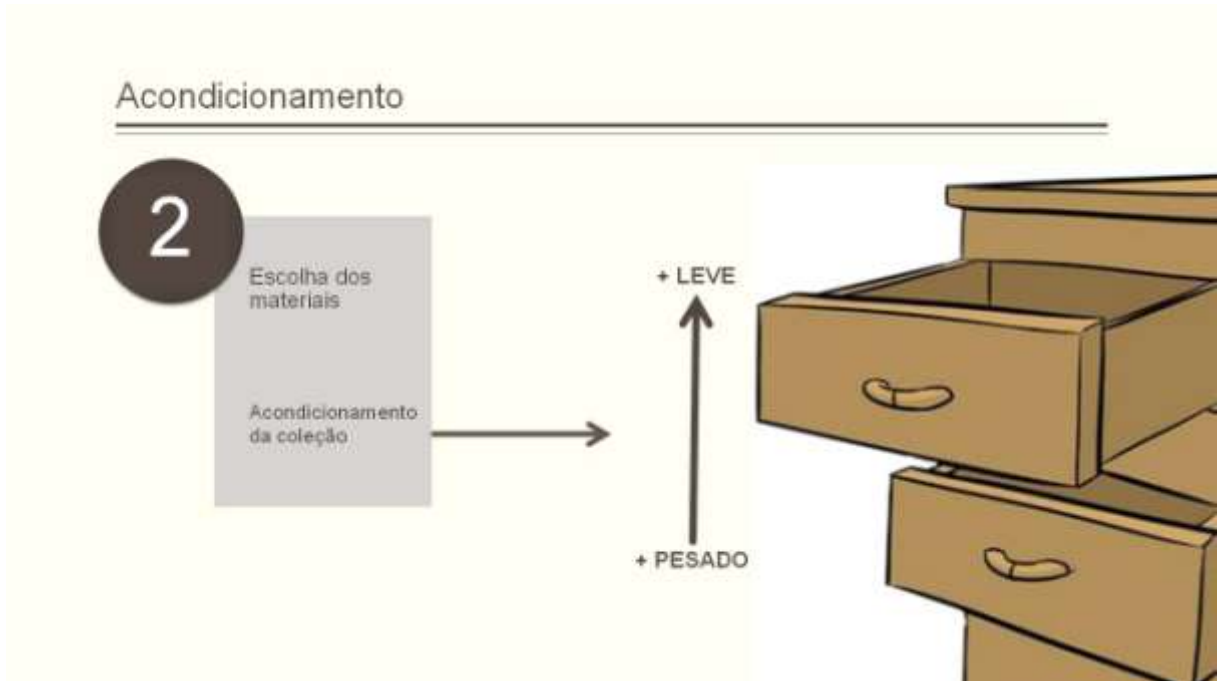


Fig. 454: *PowerPoint®* - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 35.



Fig. 455: *PowerPoint®* - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 36.



Fig. 456: *PowerPoint®* - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 37.



Fig. 457: *PowerPoint®* - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 38.

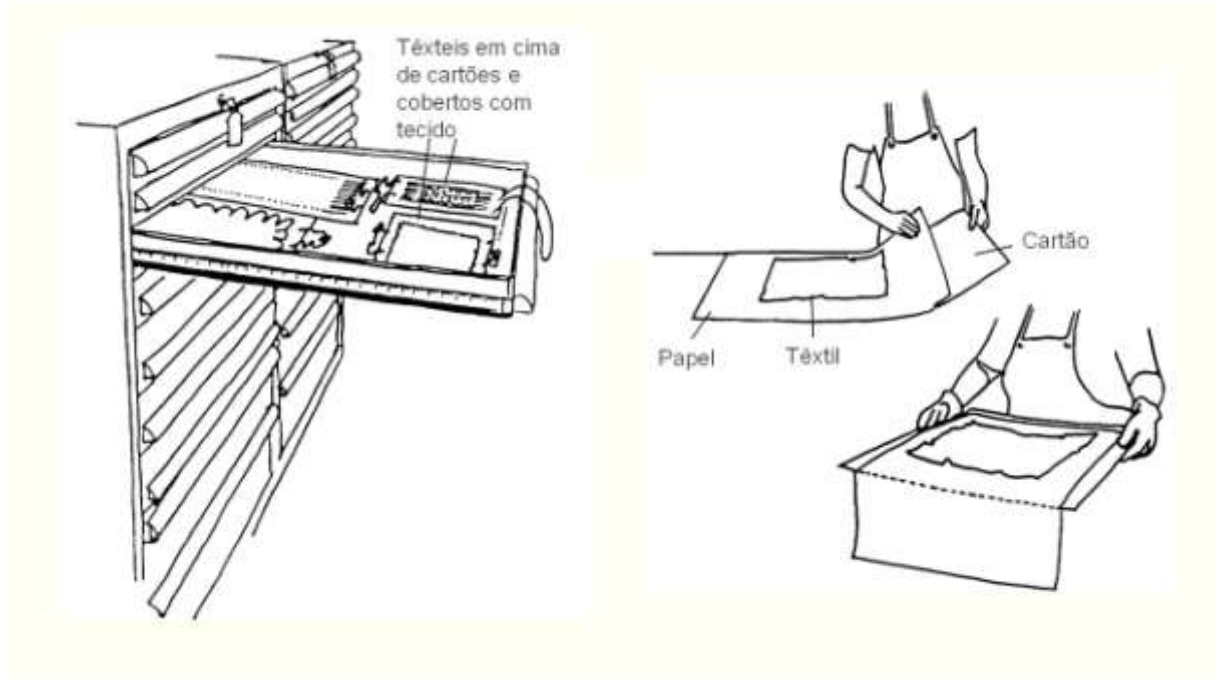


Fig. 458: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 39.

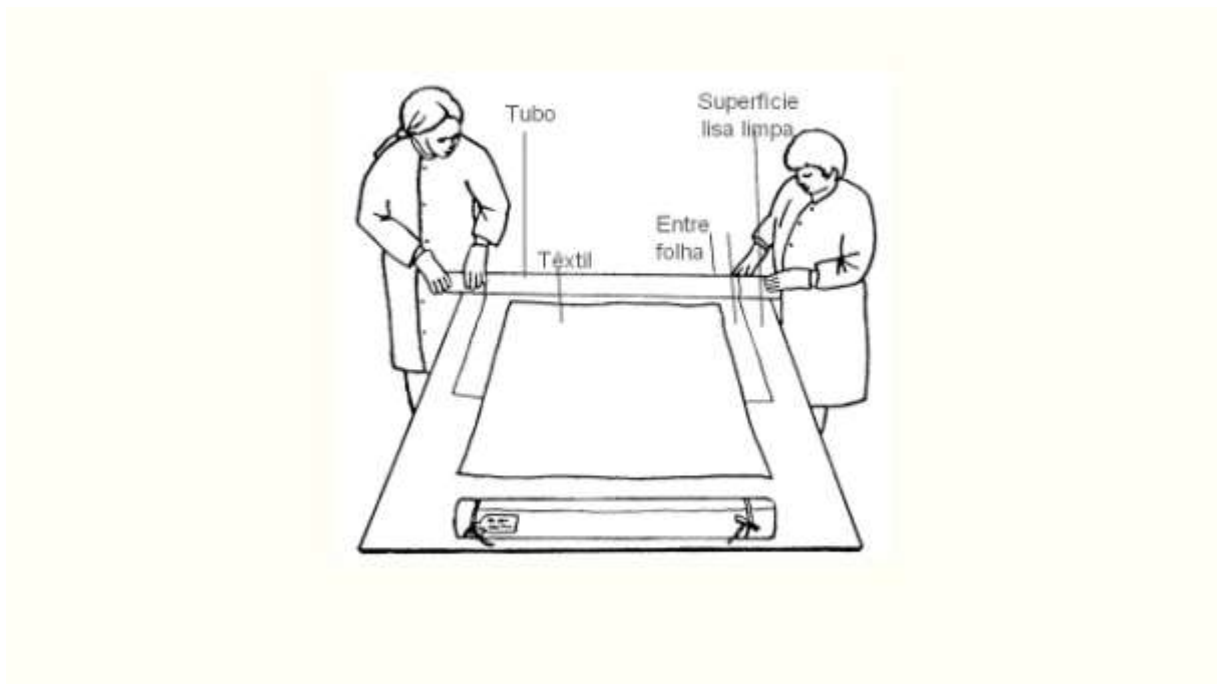


Fig. 459: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 40.

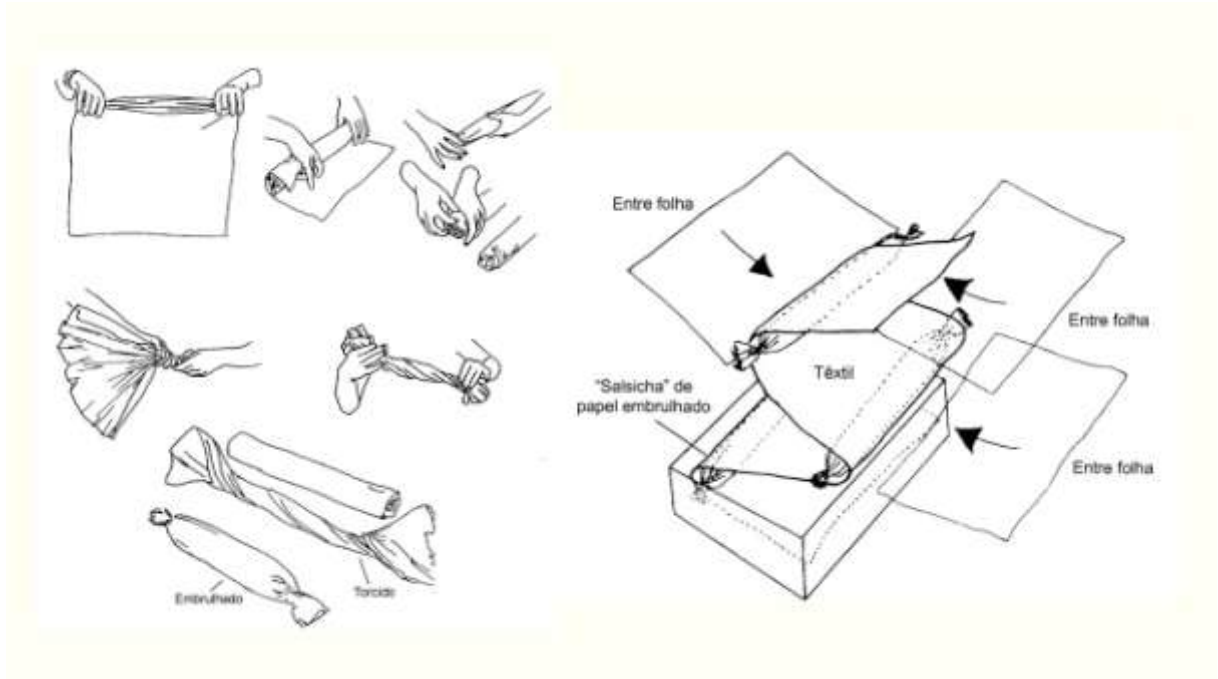


Fig. 460: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 41.

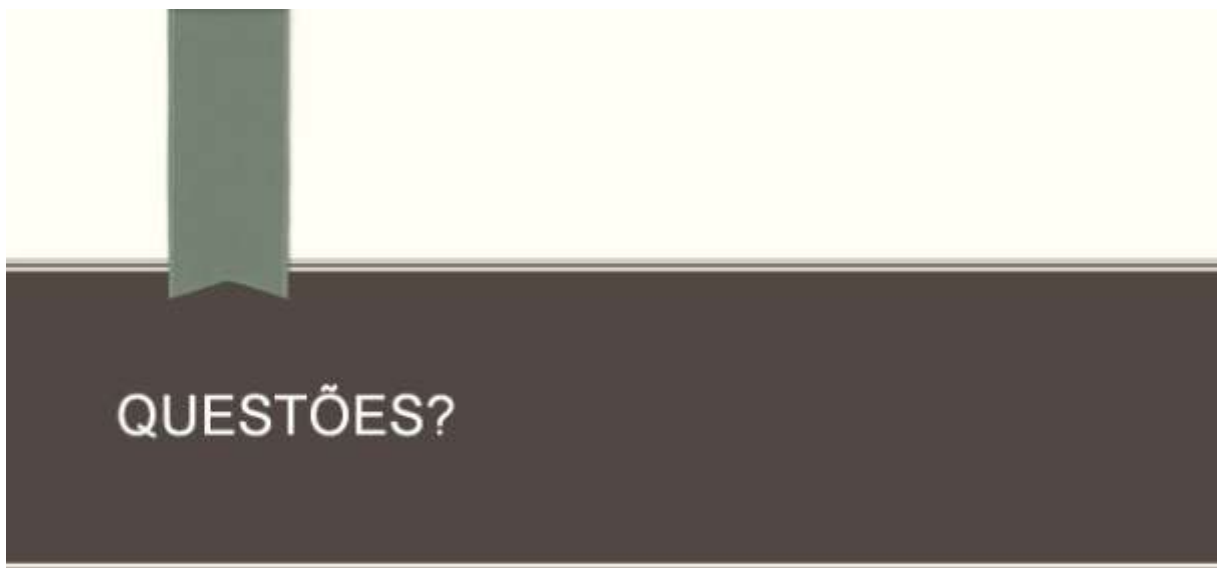


Fig. 461: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 42.



Fig. 462: *PowerPoint*® - Coleção de Paramentaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto: Diapositivo 43.

V. Apêndice - Orçamento

Obra	Materiais
Colcha	Melinex® 3,95€ (1300mm x metro linear) Necessário 2 uni. + portes = 14€
	Papel mata-borrão 1,95€ (610mm x 860mm) Necessário 2 uni. = 3,90€
	Agulha curva 19€
	Linha de Poliéster® Gütermann® 1,95€ 100m Necessário 3 uni. = 5,85€
	Tecido vermelho e dourado 2,90€ m Necessário 2 m de cada = 11,60€
	Água destilada 0,84€ (5L)
	Alfinetes entomológicos 11,50€
	Tule 3,95€ m Necessário 4m = 15,80€
	Total:

Tabela 23: Orçamento dos materiais para a intervenção na colcha.

Materiais	Local de compra
Melinex®	Conservar Restaurar
Papel mata-borrão	Conservar Restaurar
Agulhas curvas	Fine Science Tools
Linha de Poliéster® Gütermann®	Casa dos forros
Tecido vermelho e dourado	Casa dos forros
Água destilada	Continente
Alfinetes entomológicos	Fine Science Tools
Tule	Feira dos tecidos

Tabela 24: Local de compra dos materiais para a intervenção na colcha.

Coleção de paramentaria	Materiais	
	Melinex®	3,95€ (1300mm x m) Necessário 3 uni= 11,85€
	Fita em sarja (nastro)	0,50€/m Necessário 2m = 1€
	Remay®	1€/metro Necessário 10m = 10€
	Papel de seda	Pack de 25 folhas (52cm x 76cm) Necessário 66 uni. = 128,70€
	Linha de Poliéster® Gütermann	1,95€ 100m Necessário 3 uni. = 5,85€
	Tubo PVC	8,99€
Total:		166,39€

Tabela 25: Orçamento dos materiais para o acondicionamento da coleção.

Materiais	Local de compra
Melinex®	Conservar Restaurar
Fita em sarja (nastro)	Companhia das Linhas
Papel Seda	Conservar Restaurar
Remay®	Conservar Restaurar
Linha de Poliéster® Gütermann	Companhia das Linhas
Tubo PVC	AKI

Tabela 26: Local de compra dos materiais para o acondicionamento da coleção.

GLOSSÁRIO

Glossário extraído do *Glossário de Termos Têxteis e Afins* de Manuela Pinto da Costa.

Adamascado – Arabesco; trabalho ou tecido à semelhança do damasco.

O termo "adamascado" seguido a outra denominação de tecido indica que os efeitos do ponto característicos do damasco estão incorporados na textura desse tecido.

Algodão – (esp. *gossypium herbaceum* ou *gossypium arboreum*) Planta têxtil, proveniente da Índia, do Egito e da Espanha.

Alma – Fio de linho, seda ou qualquer outro material, em torno do qual se enrola um fio de metal ou lâmina metálica.

Cetim – Espécie de pano de seda, lustroso e fino. // Designação de várias fazendas semelhantes ao cetim. // Técnica de produção de tecidos, cujos ligamentos estão repartidos de forma a se dissimularem entre as lansas adjacentes, de maneira a constituir uma superfície unida, lisa e brilhante.

Colgadura – Peça de tecido rico, geralmente, seda lavrada ou lisa, de grandes dimensões, forrada e decorada com franjas, galões e borlas, utilizada na decoração de paredes, janelas, varandas e varandins em ocasiões festivas.

Cru – Fio, malha ou tecido na cor natural, sem branqueamento nem tinturaria.

Damasco – Tecido de seda com desenhos acetinados em fundo não brilhante. // Estofa de lã, linho ou algodão imitando o damasco de seda. // Tipo de tecido, que pela sua composição de efeito de fundo e efeito de desenho, constituído pela face teia e pela face trama de um mesmo ponto, tem a particularidade de ser reversível, apresentando numa das faces o fundo opaco e os motivos brilhantes e na outra o fundo brilhante e os motivos opacos. // Técnica de produção de tecido.

Fibra – Filamento solto, o qual agrupado com outros resulta em fios, suscetíveis de serem fiados e tecidos.

Fio metálico – Fio laminado em que a alma é constituída por um fio de seda espiralado.

Galão bordado – Bordado executado sobre materiais de enchimento e destinado a rematar ou decorar.

Lhama – (fr. lamé) Tecido ou ligamento composto de tramas de ouro ou prata. // Tecido muito brilhante de fio de prata ou de ouro ou ainda de cobre dourado ou prateado. // Termo genérico, que designa a existência de fios metálicos num tecido ou malha. // Tecido de seda entretecido de fios de ouro ou de prata.

Liço – Cada um dos fios entre duas travessas de tear, através das quais passam os fios da urdidura ou teia e que se elevam ou baixam para deixar passar os fios da trama. // Fio ou linha.

Renda – Trabalho delicado, gracioso, de tecido ou malha aberta, com desenhos geométricos ou outras temáticas, executado com fios diversos, podendo incluir os metálicos e destinado a

enfeitar, sobretudo, têxteis ou a ser usado simplesmente. Pode ser produzido mecânica ou manualmente, utilizando agulhas, almofadas, bilros ou simplesmente os dedos.

Sarja – Tecido de seda, lã ou algodão, entrançado. // Técnica de produção de tecido. // Técnica caracterizada pelos efeitos oblíquos obtidos pela deslocação de um fio para a direita ou para a esquerda, em todos os cruzamentos de passagem de trama.

Seda – Substância filamentosa, produzida pela larva de um inseto chamado bicho-da-seda (esp. *bombyx mori*). // Matéria têxtil extraída de casulos, especialmente dos produzidos por aquele inseto. Tecido feito com essa mesma substância. // Fibra animal de natureza proteica.

Tafetá – Tecido lustroso feito de fios de seda retilíneos e bem tapado. Técnica de produção de tecido. // Técnica mais simples de formação de um tecido, resultante da passagem alternado de um fio de trama por cima ou por baixo de um fio de teia e do qual resultam outras técnicas.

Tecido espolinado – Tecido onde se utiliza a técnica do espolinado, (com espolim) sendo o desenho do tecido obtido por tramas, que se limitam apenas à dimensão desse mesmo desenho.

Tecido-não-tecido – (ing. *Woven-no-woven*) - Aglomerado de fibras em forma de filme com alguma espessura, feito a partir de uma manta de cardação. A coesão é dada por resinas sintéticas. Pode ou não, ter uma base tecida.

Teia – Fios longitudinais, fixos, entre os quais passam os fios da trama. Urdidura.

Trama – Fio móvel, que num tear, se dispõe, transversalmente, em relação à teia.

Veludo – Tecido de lã, seda ou algodão, liso ou raso de um lado, e do outro coberto de pelos levantados e muito juntos, seguros por fios de teia. // Tecido cuja superfície é coberta de anelados ou de felpa saídos de um cruzamento de fundo. Os veludos têm assim diversas designações como os que são produzidos por fios de uma ou mais teias de fios, que envolvem os ferros. Desta forma, temos veludos bordados, cinzelados, cortados, frisados, de dois ou mais altos e os veludos formados por corte manual ou mecânico de lassas de teia ou de trama. // Veludo sabre ou veludilho.